SET

cinema · entretenimento

www.setonline.com.br
ISSN 0104-1592
Fevereiro, 2006 - Ed. 224 - Ano 19 - R$ 9,90

EDITORA PEIXES

o homem do ano

GEORGE CLOONEY

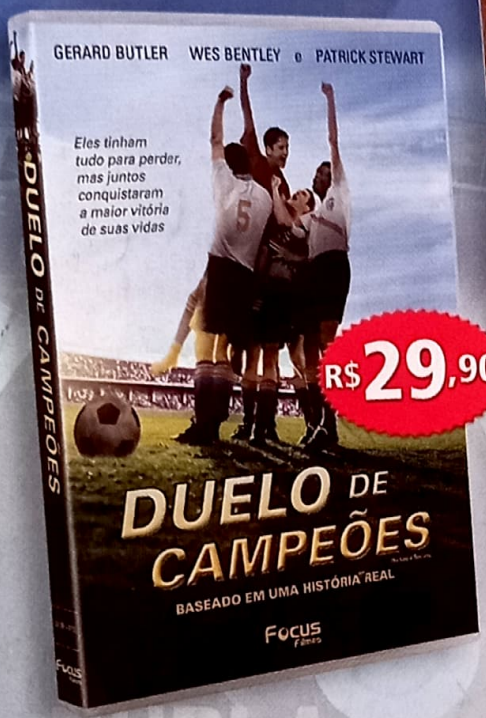
contra-ataca!

OSCAR 2006

HOLLYWOOD FAZ A FESTA COM STEVEN SPIELBERG, HEATH LEDGER, CHARLIZE THERON, JOAQUIN PHOENIX

+ GUIA ESPECIAL COM TODOS OS INDICADOS

GRANDES LANÇAMENTOS APRECIA BONS



R$29,90

R$29,90

DVD DISPONÍVEL SOMENTE EM ALGUMAS LOJAS

R$29,90

DVD DISPONÍVEL SOMENTE EM ALGUMAS LOJAS

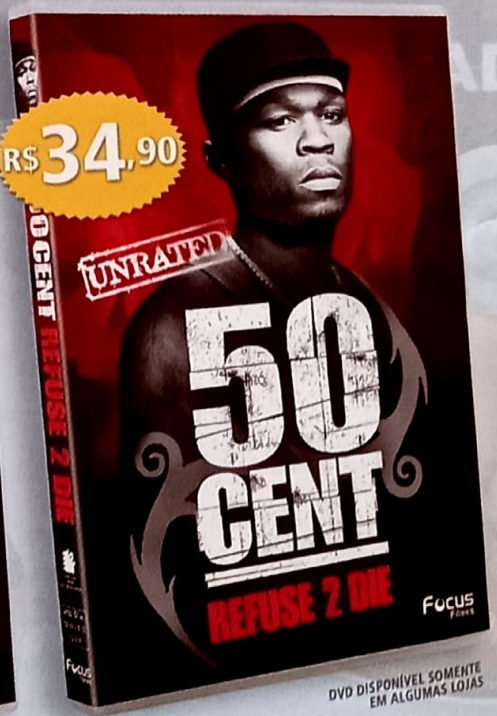
R$29,90

DVD DISPONÍVEL SOMENTE EM ALGUMAS LOJAS

R$29,90

DVD DISPONÍVEL SOMENTE EM ALGUMAS LOJAS

R$34,90



DVD DISPONÍVEL SOMENTE EM ALGUMAS LOJAS

Focus Filmes

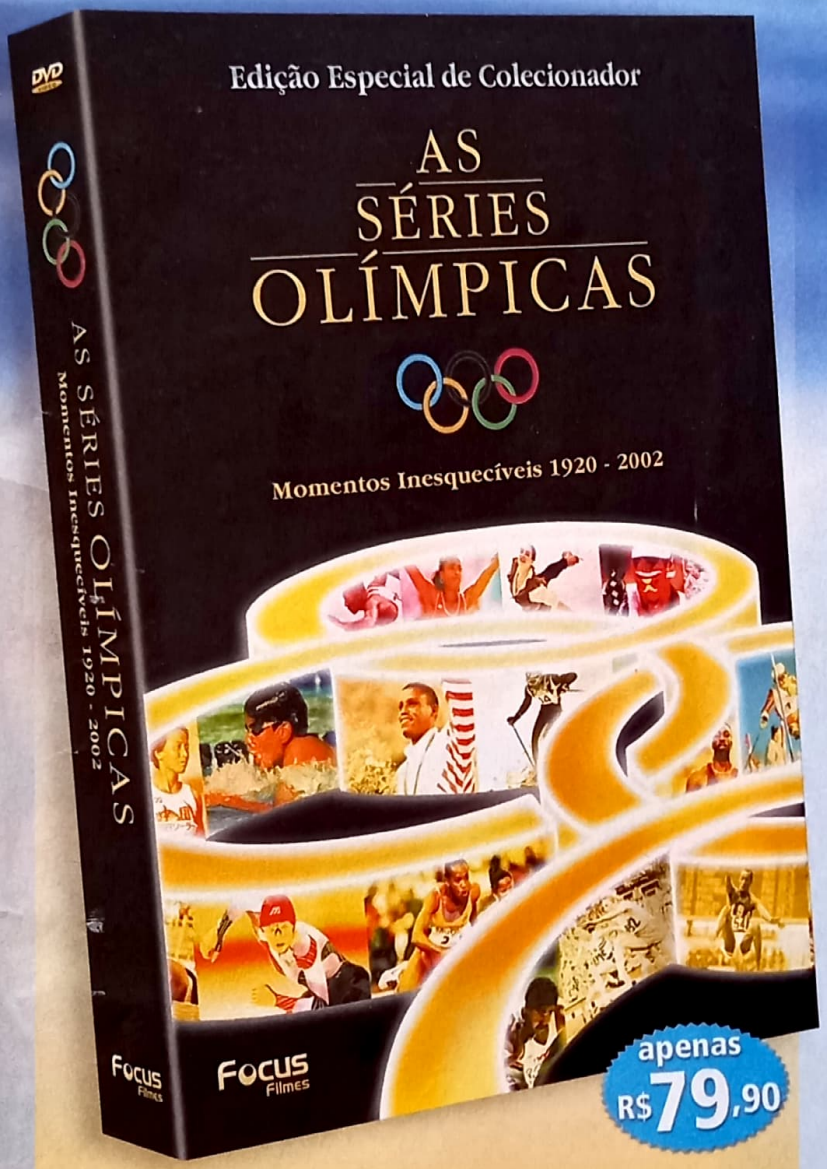
JÁ À VENDA

LOJAS AMERICANAS

AMERICANAS.COM

ACESSE: WWW.AMERICANAS.COM.BR
COMPRE TAMBÉM PELO TEL.: 4003-1000 (CAPITAIS E REGIÕES METROPOLITANAS)
023 21 3002-1000 (DEMAIS LOCALIDADES) - ATENDIMENTO 24 HS.

PARA QUEM FILMES



apenas R$79,90

Mais de 6 horas de imagens reunidas em 03 Discos

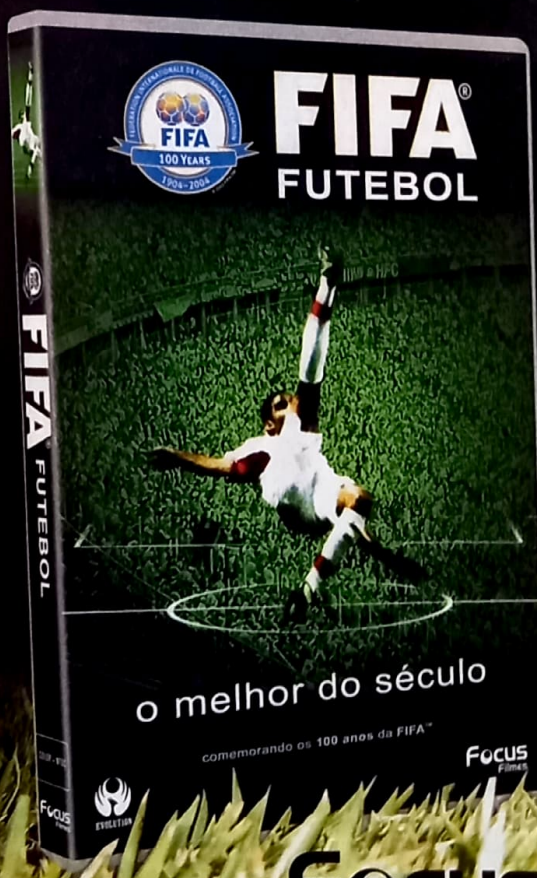
Narração de Orlando Duarte

INCLUINDO UM LIVRETO SOBRE AS OLIMPÍADAS

AS MELHORES IMAGENS DO MAIOR ESPORTE DO PLANETA

DVD Comemorativo aos 100 Anos da FIFA

EM BREVE



Focus Filmes

SE FICAR PARADO FOSSE BOM, ROUPA DE BALADA SERIA PIJAMA E PANTUFA.

A Chevrolet recomenda lubrificantes ACDelco

Os veículos Chevrolet atendem a legislação ambiental.

www.chevrolet.com.br
CACC: 0800-702-4200

VÁ DE CORSA E CHEGUE LÁ*

O Corsa é o carro de quem sabe chegar lá. Nas versões 1.8 e 1.0 Flexpower e agora também na versão esportiva SS. Com ele, ficou ainda mais fácil chegar bem. Vá de Corsa, porque ficar parado só se for para ver ele passar.

CHEVROLET

CONTE COMIGO

NESTA EDIÇÃO

10 CARTAS

13 TAKES

17 OSCAR 2006
Todos os indicados (e as nossas apostas) reunidos em um guia para você acompanhar a festa do cinema

30 O MÉDICO E O MONSTRO
De astro a artista, as batalhas e o triunfo de George Clooney

38 O HOMEM DE PRETO
Joaquin Phoenix conta como interpretou a lenda Johnny Cash em *Johnny & June*

42 MENINA DE OURO
Depois do Oscar, Charlize Theron volta com *Terra Fria* e *Aeon Flux*

46 VINGANÇA ADORMECIDA
Steven Spielberg mostra por que é mestre com o polêmico *Munique*

50 MUDANÇA DE HÁBITO
Woody Allen vai a Londres e acerta no alvo com o excelente *Ponto Final*

54 MISTÉRIOS DO ORIENTE
O diretor de *Chicago* levanta o véu sobre *Memórias de Uma Gueixa*

58 OS BRUTOS TAMBÉM AMAM
Um amor impossível é a força de *O Segredo de Brokeback Mountain*

63 FILTRO

64 CINEMA

70 DVD & VÍDEO

78 TELEVISÃO

82 MÚSICA

86 LIVROS & HQS

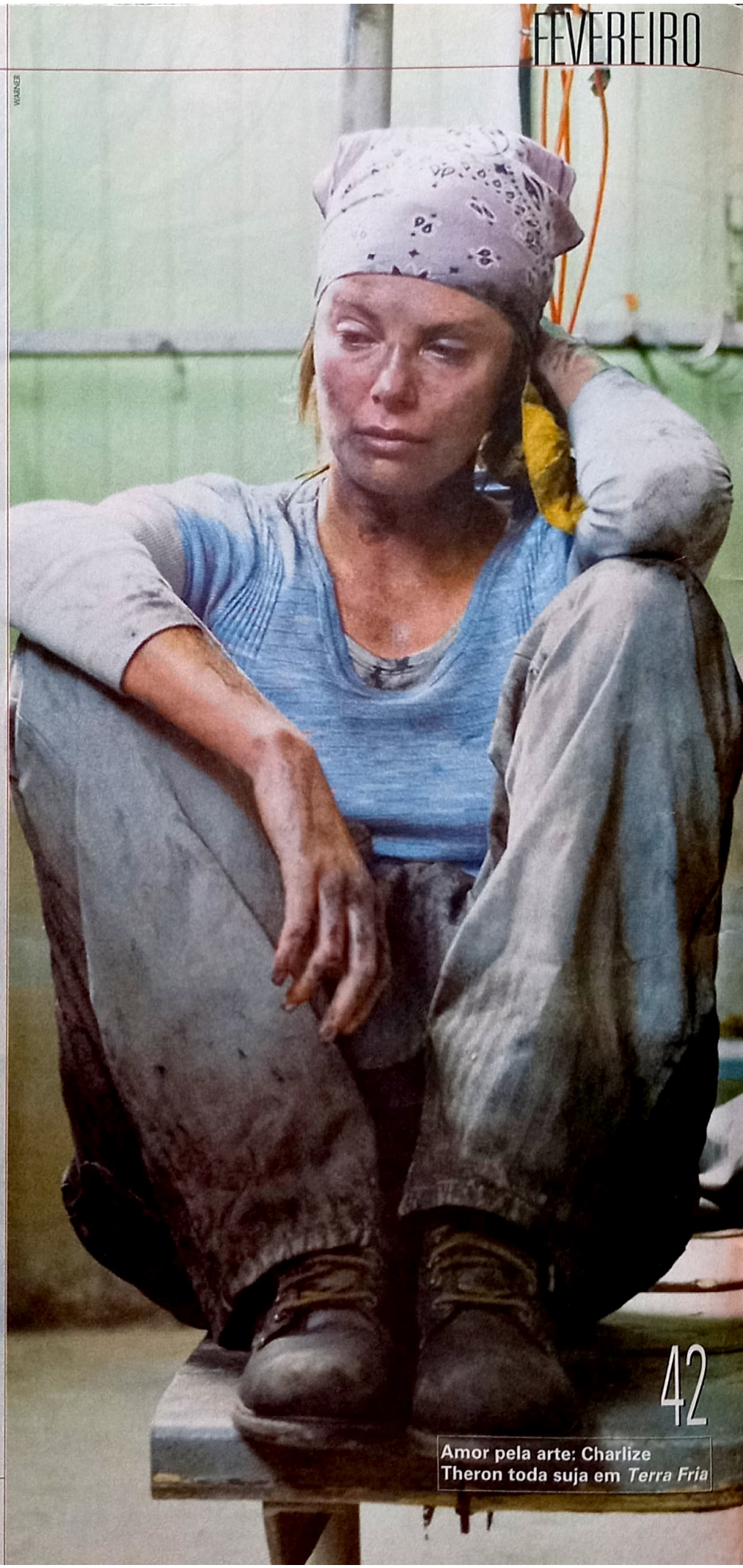
87 GAMES

88 EQUIPAMENTOS

89 ENTRE LEITORES

90 PONTO FINAL

NA CAPA: George Clooney (Alessandra Benedetti/Corbis/Stock Photos)



42

Amor pela arte: Charlize Theron toda suja em *Terra Fria*

Chegou NetMovies. Quem não tem ainda não viu nada.

Entrou em cartaz um novo conceito de locação de DVDs com muitas vantagens pra você:

- ★ Sem multas.
- ★ Nenhum prazo de devolução.
- ★ Sem limite de locações por mês.
- ★ Receba e devolva os filmes sem sair de casa.
- ★ Frete sempre grátis.
- ★ Acervo incomparável.

Quem tem NetMovies SEMPRE tem FILMES em casa.
Escolha seu plano a partir de R$ 28,00 por mês.

SATISFAÇÃO GARANTIDA OU SEU DINHEIRO DE VOLTA.

NetMovies
Seu cinema em casa

Ainda não acreditou? Acesse **www.netmovies.com.br**

O Segredo de Brokeback Mountain, favorito para o Oscar, narra a improvável história de amor entre dois caubóis – talvez um dos últimos grandes ícones de masculinidade a ser "desmistificado". Mas foi o que bastou para "formadores de opinião" rotularem o trabalho do diretor Ang Lee como um "filme gay". Nada poderia ser mais distante da verdade: é uma história de amor, um tema universal, e é extremamente injusto reduzir o alcance de *Brokeback Mountain* para uma única fatia de público. Assista e comprove – seja você gay, hétero, simpatizante, fumante ou eleitor do PT.

Por falar em política, seria igualmente ridículo rotular *Boa Noite e Boa Sorte* como "filme político" por remar contra a maré do "sistema" e evidenciar as chagas da história americana. Quem dá a cara para bater aqui é George Clooney, liberal, contestador e um sujeito que não se cala: ele foi até chamado de antipatriota por insistir em dirigir *Boa Noite e Boa Sorte*, que recria o embate do jornalista Edward Murrow e o senador radical Joseph McCarthy, que nos anos 50 deixou os EUA em estado de terror ao promover sua "caça aos comunistas" – uma bela desculpa para o cerceamento da liberdade do homem comum. Murrow o combateu com idéias. Clooney, também criticado por produzir e protagonizar *Syriana*, que coloca o governo americano como vilão no mercado internacional de petróleo, não tem medo de expor as suas. Com *O Segredo de Brokeback Mountain* e *Boa Noite e Boa Sorte*, o Oscar abre as portas para este bem-vindo cinema de idéias – e de polêmica, o que também não tememos aqui em SET.

Roberto Sadovski
Diretor de Redação roberto.sadovski@edpeixes.com.br

AFOGANDO EM NÚMERØS

A edição de SET que você tem em mãos em estatísticas nada comprovadas

ARQUIVO PESSOAL

ÁLBUM DE FÉRIAS: Se um dia esse negócio de dirigir uma revista especializada em cinema não der mais certo para Roberto Sadovski, outra carreira o aguarda. Flagrado "cantando" músicas de bandas dos anos 80 em plenas férias (e em sintonia com a década, repare na camiseta...), ele conseguiu esvaziar o lugar em quinze minutos. É, talvez não...

3785 votos para os Melhores de 2006 contabilizados até este fechamento

8 horas gastas pelo editor Rodrigo Salem na fila para comprar o ingresso do show do U2

0 hora empregada por Roberto Sadovski para o mesmo fim: "É só um show!", diz o invejoso...

1 dia para fechar todo o guia do Oscar – a revista foi para a gráfica na tarde de 1º de fevereiro

2 pipas resgatadas na janela da redação, que fica no quarto andar. Pobres criancinhas...

1 diretor de SET triste por terem errado o nome de *Rocky VI* nesta seção em janeiro...

EDITORA PEIXES

SET

PRESIDENTE
Angelo Rossi

REDAÇÃO
Diretor de Redação: *Roberto Sadovski*
Editora de Arte: *Marcia M. Chicaoka*
Editor Especial: *Rodrigo Salem*
Editor: *Ricardo Matsumoto*
Designer: *Leonardo Nery Protti*
Assistente de Redação: *Margarete de Lara*
Colaboraram nesta edição: (redator web) *Roberto Larroude* **(texto)** *Alfredo Sternhein, André Gordirro, Anna Bels, Christian Petermann, Dulce Damasceno de Brito, Eduardo Torelli, Michelle Veronese, Odair Braz Júnior, Roberto Pujol, Pablo Miyazawa, Sérgio Martins, Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê.* **(arte)** *Denise Gariani* **(ilustração)** *Fernando Gonsales* **(revisão)** *Marisa Ribeiro*

PUBLICIDADE
Diretora: *Cidinha Cabral* (cidinha.cabral@edpeixes.com.br)
Gerentes: *Luciana Hollo* (lhollo@edpeixes.com.br)
Debora Leopoldo (debora.leopoldo@edpeixes.com.br)
Sandra Garcia (sandra.regina@edpeixes.com.br)
Executivos de Negócios: *Carmen Lúcia, Ellen Biagio, Paulo Soares e Sérgio Garcia*
Executiva de Contas: *Stella Maris Bovino*
Coordenador de Publicidade: *Jorge Luiz Trinca*
Gerente de Marketing Publicitário e Eventos: *Monique Marie D. L. Otenio*
Supervisora de Promoções e Eventos: *Elisa E. Abdulack*

GESTÃO E CONTROLE OPERACIONAL
Diretor: *Carlos Romualdo*

ASSINATURAS
Gerente: *Orlando Palialol*
Gerente de Processos: *Robson Cerqueira*
Supervisor de Vendas Pessoais: *Denis Oliveira*

MARKENTING/CIRCULAÇÃO
Gerente: *Sidnei Lubianco*
Supervisor de Produto: *Fernando Pansan*
Planej. e Contr. Produção: *Wagner Pinheiro (supervisor)*
Gerente de Vendas Diretas: *Miguel Abdulack*

JURÍDICO
Diretor: *Djair Rosa*

REPRESENTANTES
Brasília: *A2 Representação* – Tel./Fax (61) 223-7005 / 7006
Rio Grande do Sul: *Compágina* – Tel./Fax (51) 3019-0919/ 9988-5061
Rio de Janeiro: *Triunvirato Serv. Com. Ltda* – Tel./Fax (21) 2221-0088/2252-5788
Minas Gerais: *SBF Publicidade* – Tel./Fax (31) 3261-2700
Santa Catarina: *By Speranza* – Tel./Fax (48) 3232-0519
Paraná: *Tunitec Editora* – Tel. (48) 3338-9493
Representante Internacional: *Multimedia, Inc. (USA)* – Tel. (1) 407-903-5000 – Fax (1) 407-363-9809

SET, Edição 224, fevereiro de 2006, é uma publicação da Editora Peixes S.A. ISSN 0104-1592. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Helena, 260, 4º andar, Vila Olímpia, São Paulo/SP, CEP 04552-050 tel. (11) 3049-3149. Publicidade: tels.: (11) 3049-3159/3049-3162/3049-3160. Distribuição: SET é distribuída com exclusividade no País pela Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações. Números atrasados: Podem ser solicitados, ao preço da última edição em bancas mais despesas de envio, à Somey Marketing e Serviços Ltda., Estrada da Balsa, 220, Barueri, SP, CEP 06419-300; fone/fax (011) 41612481, de segunda a sexta-feira das 8h às 17h40, na internet acessando www.lojaspeixes.com.br; ou através do jornaleiro ou distribuidor Dinap da sua cidade. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade de estoque.

UOL www.setonline.com.br

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(0xx11) 3038-8080
De segunda a sexta-feira das 8 às 20 horas
e aos sábados das 9 às 15 horas
E-mail: assinapeixes@teletarget.com.br
ou acesse: www.assinepeixes.com.br

PRE-PRESS: VOX
IMPRESSÃO: DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

IVC ANER

Será que é bom? Ótimo?

Levo ou não levo?

Humm, é comédia? É drama? Suspense?

Ai meu Deus, e se eu não entender?

Coleção Woody Allen. Leve sem neurose.

Dois DVDs a partir de R$39,90.

© 2005 Twentieth Century Fox Film Corporation. Todos os Direitos Reservados.
© 2005 Twentieth Century Fox Home Entertainment LLC. Todos os Direitos Reservados.
"Twentieth Century Fox", "Fox" e seus logos associados são propriedades da Twentieth Century Fox Film Corporation e são usados sob licença.

adapi Associação de Defesa da Propriedade Intelectual

SAC FOX 0800 7034042 sac@fox.com

www.foxvideobrasil.com.br

CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DESTES FILMES

E O OSCAR VAI PARA...

... a seção de cartas mais insana do Brasil

Há idéias estúpidas e há idéias realmente estúpidas. Vender ingressos para os shows do U2 em dez supermercados de São Paulo é uma idéia realmente estúpida. Me colocar para responder cartas é uma idéia estúpida. Sério... como eu conseguiria descobrir a filmografia completa de um ator que não existe ou como poderia saber se um filme underground de 1920 foi lançado em vídeo no Brasil? Bem, como não sou inteligente o bastante para certas questões, resolvi abrir um espaço maior para dúvidas mais rapidinhas, equilibrando a seriedade sem graça com o bom humor sem graça de sempre. Só assim para observar as reações ao *Preview 2006*, a confusão de *Elizabethtown* e até um certo trauma de infância de leitores. O lance é rir de si mesmo. Acho que dez horas numa fila sem uma falsa grávida e um idoso de aluguel me mostrou isso. *Stay classy*, pessoal. ***Rodrigo Salem***

UNIVERSAL

RECEPÇÃO

Gostaria de deixar minhas observações: a seção de cartas das últimas edições queria bancar a engraçadinha, mas de engraçado não tinha nada, só respostas vagas e perguntas mais ainda. Quando aparece uma pergunta razoável, vem uma brincadeira sem graça. No mês que vem tem mais...

Leonardo Martins
Manaus-AM

... E começamos com a mais sem graça delas.

SÉRIES

Tenho duas dúvidas. A primeira é a seguinte: é verdade que as séries *24 Horas* e *C.S.I.* vão para as telonas? O cantor do Red Hot Chili Peppers já esteve em algum filme?

Maria Clara da Silva Rocha
clara_sr@hotmail.com

As chances são boas para as duas séries. Primeiramente, são produzidas por gente de Hollywood (Brian Grazer, de 24 Horas, *é produtor de* O Código Da Vinci; *e Jerry Bruckheimer, de* C.S.I., *é famoso por* Piratas do Caribe). *O vocalista Anthony Kiedis, por sua vez, já apareceu em* Caçadores de Emoção, *no qual faz um membro da gangue dos surfistas, e* Rotação Máxima, *ação levada a sério com Charlie Sheen. Nem tudo foi lindo nos anos 90.*

CORTES

Vocês poderiam me explicar por que alguns filmes como *King Kong* não apresentam cenas que foram exibidas nos trailers?

Avelino Mateus da Silva
linoave70@yahoo.com.br

Como assim? Depois de três horas de macaco gigante e você ainda sentiu falta de alguma cena? Você não é o único leitor a perguntar isso. O que acontece é que cineastas fazem um copião bruto de seus filmes com horas e mais horas de duração para escolher o corte final em torno de duas horas – ou três, no caso de Peter Jackson. O trailer usa algumas cenas dessa cópia bruta (ou de cenas já editadas), por causa da urgência. Mas nada garante a presença das seqüências no filme.

KONG

King Kong não merece nota 10, merece nota 100. Peter Jackson deve ser um Deus do cinema. Por que ele não se aventura em fazer uma nova versão de *Os Dez Mandamentos*?

Otávio dos Santos Filho
São Paulo-SP

Os Dez Mandamentos *nas mãos de Jackson? Boa idéia. Tenho até a sinopse: "O pacato Moisés precisa viajar por desertos, acompanhado apenas de seus amigos mais próximos, também conhecidos como A Sociedade do Hebreu. Sua missão é alcançar a Montanha da Perdição, onde Dez Mandamentos, forjados em Ouro pelos elfos da Primeira Era, devem ser recuperados para a Terra não cair numa onda de trevas. Para isso, ele precisa enfrentar um macaco gigante e a incredulidade de seu povo". Material de Oscar.*

CAPITALISMO

Em minha opinião, a SET é a melhor revista de cinema do país. Mas só vejo capas de super-heróis ou de mocinhos metidos a heróis. Qual o motivo? Será pelo simples fato de vender mais? Por favor, modifique e não seja como as outras.

Alex Neves
alexiusneves@yahoo.com.br

Alguém faz capa de revista para vender menos? Nossas capas, na grande maioria das vezes, estampam o destaque do mês, o filme que deve chamar a maior atenção do grande público. Por que você acha que a SET é uma das poucas revistas de entretenimento a alcançar 20 anos de publicação e ainda se manter como uma das mais significantes do gênero, a ponto de ser convidada para cobrir as filmagens das maiores produções do planeta – ao lado de publicações como Empire, Total Film *e* CIAK? *E, quando começamos a cobrir heróis nos cinemas, ninguém dava a mínima. Agora, olhe as bancas. Depois desse discurso, até me senti importante.*

REVOLTA

Minha dúvida é de como poderia recortar essa aberração de seção "Música" sem estragar a revista. As "críticas" são extremamente pessoais e não se preocupam com aspectos técnicos ou com a qualidade dos músicos envolvidos, falando de bandas de gosto duvidoso que não fazem nada além de um som que já existe (e bem melhor, diga-se de passagem) desde os anos 60. É possível jurar que estamos lendo uma publicação americana ou inglesa cuja única preocupação é inventar ídolos geniais que não existem.

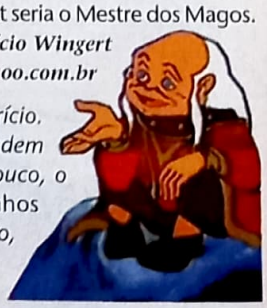
Ronaldo Barros
ronmetal@hotmail.com

Não entendi, você quer uma dica para comprar uma tesoura? Eu sugiro tirar uma xerox e rasgar a cópia. Meu psiquiatra me sugeriu quando falei que ia começar a escrever sobre ídolos que não existem.

CARTA CAVERNOSA DO MÊS

É verdade que o desenho *Cavalo de Fogo* vai virar filme, junto com *Caverna do Dragão*? Há boatos na Internet de que Brad Pitt seria o Mestre dos Magos.

Fabrício Wingert
fabricio_wingert@yahoo.com.br



O Mestre dos Magos responde: "Caro, Fabrício. O único filme com magos e cavalos que respondem a assovios é O Senhor dos Anéis. *Daqui a pouco, o senhor vai querer ver uma produção de* Os Ursinhos Carinhosos. *Já meu amigo Brad está ocupado, adotando crianças com sua 'amiga', Angelina. Ele não está a minha altura."*

CARTAS: 125 • E-MAIL: 575 • FAX: 4 • TELEFONEMAS: 175 **TOTAL 879**
Correspondência recebida entre 22/12 e 24/01

ASSINATURAS SET
POR TELEFONE: (0xx11) 3038-8080
POR FAX: (0xx11) 3038-1415
E-MAIL: assinapeixes@teletarget.com.br
ou ACESSE: www.assinepeixes.com.br

PREÇO

Sou fã incondicional de SET, mas tenho uma reclamação a fazer. Comprei a do mês de janeiro e achei muito boa, por sinal, a não ser por um detalhe: R$ 9,90. Acho que é por que todos aí da revista recebem salário milionário e a publicação precisa ser cara para poder pagar todos os salários em dia.

Heverton Luiz dos Santos
Osasco-SP

Na verdade, somos tão ricos que nem mesmo trabalhamos. Contratamos imigrantes ilegais da Coréia e Angola para fazer o trabalho duro, pagando a exorbitância de dois vales-refeições, três grampos de cabelo e um pacote de Sucrilhos vencido. Mas não posso falar mais, senão o verdadeiro Rodrigo Salem aumenta minha cota de chibatadas. Eu não quero voltar para o sertão do Rio Grande do Norte.

MÚSICA

Quero saber se já está disponível o DVD do filme *The Commitments – Loucos pela Fama*. A banda realmente existiu? O elenco do longa são os próprios integrantes?

Valmir Donizete Rafael
mizao02@yahoo.com.br

Aproveitando a morte de Wilson Pickett, vou responder: o DVD especial ainda não saiu no Brasil e não tem previsão – compre a versão importada sem medo de ser feliz. A banda The Commitments não existia antes das filmagens, mas todos eram músicos. Depois, eles se juntaram para excursionar e lançaram mais dois discos.

MAIS DÚVIDAS

Adoro a SET, e gostaria que vocês pudessem responder as minhas perguntas: 1) Há alguma previsão para a chegada dos filmes *Dreamer* e *Nine Lives* ao Brasil?; 2) Por que vocês não fazem uma matéria sobre Dakota Fanning e quais serão os próximos filmes dela?; 3) Há alguma proposta (ou boato) de filmes das seguintes HQs: *Liga da Justiça, Preacher, Livros da Magia, Sandman, Vingadores* e *Dylan Dog*?

Daniel de Almeida e Silva
daniel_almeida_silva@ig.com.br

Dreamer *está programado para 24 de fevereiro e* Nine Lives *ainda não tem data, apesar de ter passado no Festival do Rio; 2) Já está na pauta e os próximos filmes da menina mais poderosa de Hollywood serão* Charlotte's Web, *mistura de computação gráfica e live action, e* Coraline, *baseado no livro de Neil Gaiman (*Sandman*); e 3) Liga da Justiça não tem nada pela frente;* Preacher *está no limbo há anos;* Livros da Magia *está sendo preparado pelo próprio Gaiman;* Sandman, *se Morpheus permitir, nunca sairá;* Vingadores *é quase impossível em cinema, mas ganhará uma versão animada em DVD, baseada em* Os Supremos*; e* Dylan Dog *também deve virar animação.*

ONDE?

Simplesmente não acredito que vocês estão fazendo parte do complô contra o "volume" do Superman. Podem devolvê-lo para a capa!

Welton Trindade
Brasília–DF

A Sociedade de Defesa dos Animais esteve presente durante todo o nosso fechamento e comprova: "Nenhuma foto de capa foi manipulada ou sofreu maus-tratos". Seja qual for o "volume" ao qual se refere, ele está lá. E espero que estejamos falando sobre Dolby Digital, THX e Surround.

HERÓIS

Depois da temporada Marvel nos cinemas, agora é a vez de os heróis DC arrebentarem. Primeiro, *Batman Begins* recebe a capa do preview de 2005. Depois, Superman. Seguindo essa lógica, poderemos esperar uma deliciosa Mulher-Maravilha estampando a capa de janeiro de 2007?

José Maria Mendes Pereira Júnior
João Pessoa-PB

Não seria uma má idéia. Mas 2007 é o ano de Homem-Aranha 3. *A não ser que: 1) Joss Whedon chame Evangeline Lily (*Lost*) para o papel; 2) O uniforme da Mulher-Maravilha seja inspirado nos biquínis cariocas; e 3) o avião invisível apareça em toda sua glória. Hmm... agora entendo por que Hollywood nunca me chamou para ser produtor.*

MADONNA

SET para mim é a melhor revista do Brasil! Mas convenhamos que vocês erraram ao não publicar nem uma linha de crítica do novo CD da Madonna. Também a considero uma péssima atriz, mas daí a não falar de um dos melhores (senão o melhor) discos da Madonna é um pecado original. Cuidado, inveja mata!

Lucas Batista
Salvador-BA

É, nosso sonho na vida é casar com um diretor inglês medíocre, ser obcecado pela religião que conhecemos depois dos 40 anos e virar uma das piores atrizes do milênio. E olha que até tentei ouvir o novo disco, mas desisti quando vi Madonna vestindo roupa de ginástica dos anos 80 no clipe de "Hung Up". Deu saudade de Kylie Minogue e Cindy Lauper. E olhe que isso não é fácil.

MÓRBIDO

Como está o filme dos Mamonas Assassinas?

reidacomedia@tim.com.br

Da última vez que ouvi falar, estava na Serra da Cantareira.

TRAUMA

Quando era pequeno, em minha escola, os soldados do Corpo de Bombeiros deram uma palestra sobre acidentes de trânsito. Mostraram aos meus colegas e a mim uma foto de um corpo carbonizado. Desde então, percebi que não consigo mais não me emocionar ao ver filmes como o *Titanic*. Ajudem-me, por favor.

Marco Antonio Sete Inácio
Varginha-MG

DIVULGAÇÃO

Olhe para a imagem acima durante três horas. Repita 80 vezes: "Leonardo DiCaprio morreu em Titanic*". Vá ver* O Segredo de Brokeback Mountain. *Você vai chorar como uma garotinha em show dos Backstreet Boys. Bem, talvez* Brokeback *não seja o filme certo para se libertar de seus traumas, mas... bem, você entendeu, né? Com essa boa ação, fecho mais um mês. Agora, só depois do Oscar, do Carnaval e do show do U2.*

Tudo o que você quiser saber sobre filmes, lançamentos, seu artista preferido, fale com a gente

POR TELEFONE: (0xx11) 3049-3172
POR FAX: (0xx11) 3049-3166
POR E-MAIL: set@edpeixes.com.br

POR CARTA:
Rua Helena, 260 - 4º andar
CEP 04552-050 / São Paulo - SP

EDIÇÕES ANTERIORES

Nº 223– Janeiro 2006

Preview 2006 destaca *Superman – O Retorno, X-Men 3, O Código Da Vinci* e outros; o diretor de *Beleza Americana* mostra sua visão da Guerra do Golfo em *Soldado Anônimo*; *A Máquina* adapta peça de sucesso; a saga de *Os Produtores* em DVD, *Terra Estrangeira*.

Nº 222 – Dezembro 2005

Peter Jackson encanta o mundo com *King Kong*; *As Crônicas de Nárnia* ganham o primeiro capítulo com honra; *O Exorcismo de Emily Rose* resgata o horror setentista; novas entrevistas de *Cidade Baixa*; nos cinemas, *Flores Partidas*; em DVD, *Hotel Ruanda*

Nº 221 – Novembro 2005

Harry Potter chega a sua quarta aventura; David Cronenberg estuda os traumas do passado em *Marcas da Violência*; O DVD de *Star Wars – A Vingança dos Sith*; Wagner Moura fala sobre *Cidade Baixa*; *Beijos e Tiros*; *Dominó* e *Serenity* fecham o mês

Nº 220 – Outubro 2005

Fernando Meirelles estréia no mercado internacional com *O Jardineiro Fiel*; Antonio Banderas e Catherine Zeta-Jones se reúnem em *A Lenda do Zorro*; os destinos se cruzados de *Crash*; Tim Burton tece uma sinfonia macabra em *A Noiva-Cadáver*, em DVD, *A Vida Marinha com Steve Zissou*

Nº 219 – Setembro 2005

Owen Wilson e Vince Vaughn fazem rir em *Penetras Bons de Bico*; as cenas mais engraçadas de todos os tempos; a carreira vitoriosa de Nicole Kidman; Russell Crowe bate e apanha em *A Luta pela Esperança*; o triunfo de *A Marcha do Imperador*, em DVD, *Lavoura Arcaica*

Nº 218 – Agosto 2005

Michael Bay invade a ficção científica com o acelerado *A Ilha*; *2 Filhos de Francisco* conta a vida de Zezé Di Camargo & Luciano; a carreira de John Cusack; *Água Negra* e os filmes de terror definitivos; o retorno de Jane Fonda; em DVD, *Hora de Voltar* e *Steamboy*

NÚMEROS ATRASADOS: Edições anteriores podem ser solicitadas, ao preço da última edição em banca mais despesas de envio, a Somey Marketing e Serviços Ltda., Estrada da Balsa, 220, Barueri, SP, CEP 06419-300, tel./fax (11) 4161-2481, de segunda a sexta-feira, das 8h00 às 17h40, na internet acessando www.lojapeixes.com.br ou através do jornaleiro ou distribuidor DINAP da sua cidade. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade de estoque.

4 INDICAÇÕES AO GLOBO DE OURO®

Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Roteiro e Melhor Atriz Coadjuvante.

Jonathan Rhys Meyers **Scarlett Johansson**

Entre duas mulheres.
Entre a paixão e a ambição.
Entre a inocência e a culpa.

"O melhor filme de Woody Allen em décadas"
- Variety

"Um final chocante"
- Rolling Stone

Ponto Final
Match Point

10 DE FEVEREIRO NOS CINEMAS

DREAMWORKS PICTURES

www.playarte.com.br

PlayArte PICTURES

TAKES

bastidores ▪ novidades ▪ gente que faz

- DISNEY COMPRA A PIXAR POR 7 BILHÕES E CANCELA *TOY STORY 3*
- MORREM A SEREIA SHELLEY WINTERS E CHRIS PENN
- *O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN* É O GRANDE VENCEDOR DO GLOBO DE OURO
- DAVID FINCHER DIRIGE *TORSO*, SOBRE MAIS UM ASSASSINO EM SÉRIE

PRIMEIRO ATO

X-Men 3 encerra primeira trilogia como uma festa para os fãs

Depois de meses de mistério e especulação, a primeira sinopse de *X-Men 3* – pelo menos a que acompanha sua novelização – revelou o que os fãs dos heróis mutantes já sabiam desde o final do filme anterior da série: a trama se concentrará na Fênix Negra, entidade que possuiu Jean Grey após sua "morte" no longa de Bryan Singer. "*X-Men: The Last Stand* (*título em inglês do filme*) encerra a primeira trilogia com mais mutantes do que você pode contar", adiantou o presidente da Fox, Tom Rothman. "Mas outros filmes virão." Inclusive a aventura *Wolverine*, com o mais popular mutante: "Quero explorar outros aspectos da personalidade de Logan", diz Hugh Jackman, afiando suas garras.

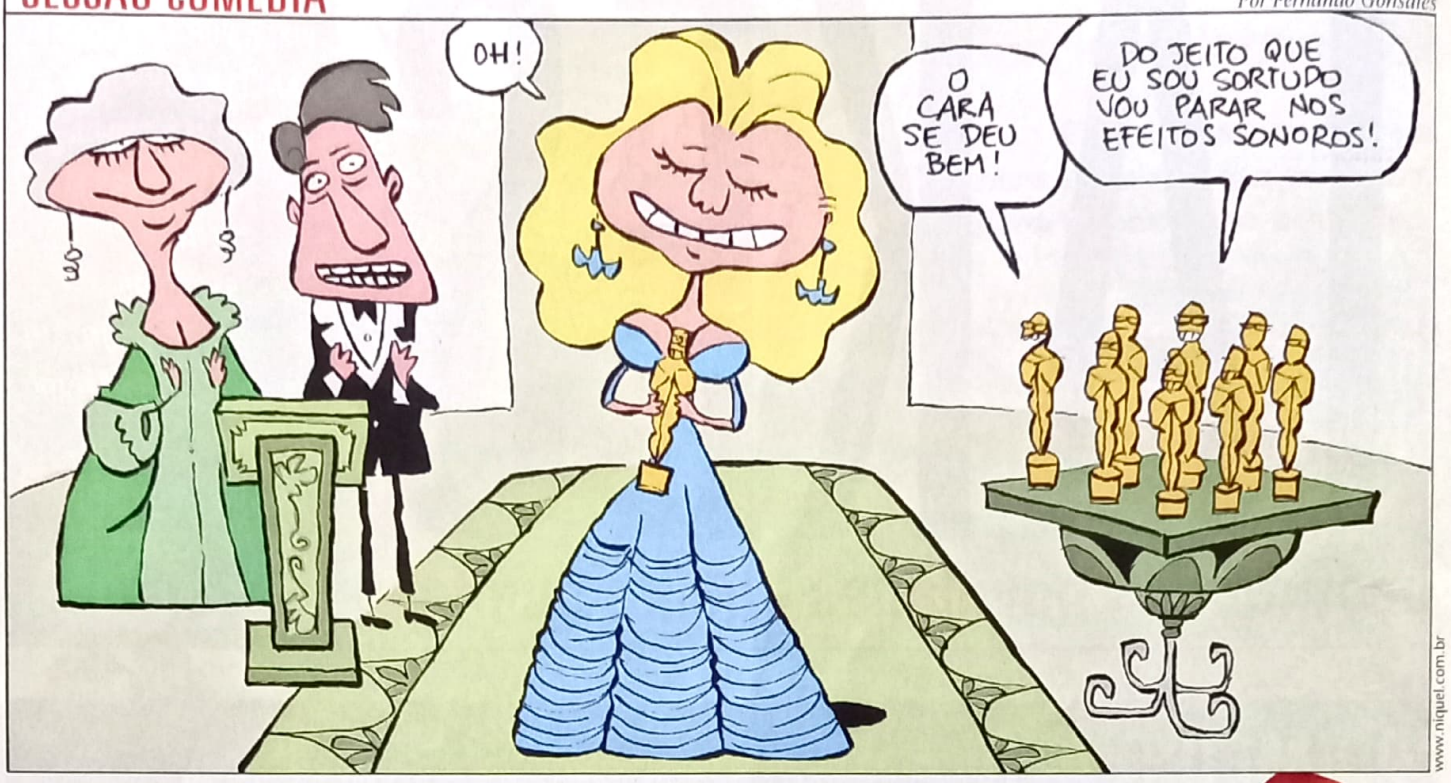
SET sem fio

Tenha TAKES em seu celular Envie agora para o número 55000 uma mensagem com o texto LIG TAKES. Você receberá diariamente em seu celular uma notícia dos bastidores do cinema via SMS. Disponível para celulares Oi, cinco notícias por semana a R$ 0,15 por mensagem.

TAKES em vídeo em seu celular Disponível para Oi. R$ 1,99 por vídeo baixado.

SESSÃO COMÉDIA

Por Fernando Gonsales



O FIM DA NOVELA

A Disney compra a Pixar e cancela *Toy Story 3*

Depois de quase um ano de especulação sobre qual estúdio passaria a distribuir os filmes da Pixar depois que terminasse seu acordo com a Disney (*Carros*, que estréia este ano, seria o último fruto da parceria), foi anunciado que o novo dono da Pixar é... a própria Disney! O novo acordo, fechado por espetaculares 7 bilhões de dólares, deixa Ed Catmull como presidente da divisão de animação híbrida Disney e Pixar e Steve Jobs na diretoria do estúdio. Já John Lasseter, nomeado presidente criativo, começou o trampo limpando a casa: puxou a tomada de *Toy Story 3*, que estava em produção na Disney sem a Pixar e tinha previsão de lançamento para 2008, e disse que só retoma as aventuras de Woody e Buzz Lightyear se pintar uma idéia que preste. Imagine como era a que estava sendo tocada...

CEDO DEMAIS

Morrem Shelley Winters e Chris Penn

Em 14 de janeiro, a atriz Shelley Winters morreu de causas naturais. Ela tinha 85 anos e tornou-se famosa por sempre reinventar sua carreira, passando de símbolo sexual a atriz séria. Já Chris Penn, irmão mais novo de Sean Penn, foi encontrado morto em Santa Mônica, aos 43 anos. Penn trabalhou em filmes como *O Selvagem da Motocicleta* e *A Hora do Rush*, mas seu papel mais famoso foi em *Cães de Aluguel*, de Quentin Tarantino.

AOS PEDAÇOS

David Fincher dirige *Torso*, sobre mais um serial killer

Isso é o que a gente chama de idéia fixa: depois de retratar a caçada a um serial killer (!) em *Seven*, o diretor David Fincher retomou o tema com *Zodiac*, atualmente em produção. Mas ele achou pouco e deve também dirigir *Torso*, adaptação da série em quadrinhos de Brian Michael Bendis e Marc Andreyko e ainda inédita no Brasil, sobre – como você deve ter adivinhado... – mais um serial killer. Desta vez o matador, que arrancava cabeça e membros de suas vítimas na Cleveland dos anos 50, foi caçado por Eliot Ness (ele mesmo, de *Os Intocáveis*) e é considerado o primeiro assassino em série da crônica policial americana. Antes, porém, Fincher deve dirigir seu chapa Brad Pitt em *Benjamin Buttom*. Sem açougueiros em vista.

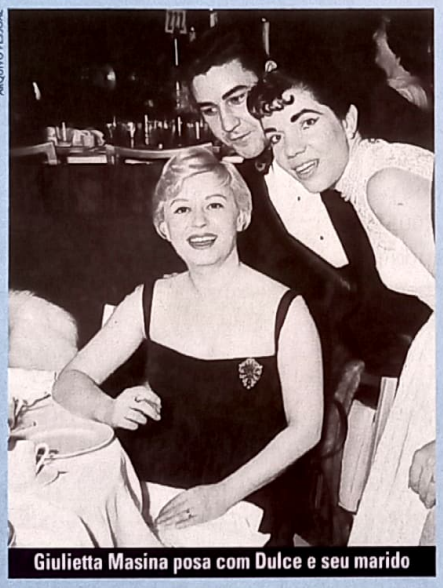
HOLLYWOOD BOULEVARD

Por Dulce Damasceno de Brito

UMA ITALIANA MUITO ESPECIAL

O encontro da jornalista com Giulietta Masina, logo após a atriz receber um Oscar destinado ao marido, Federico Fellini

Nunca escondi que jamais apreciei muito o filme europeu. Mesmo assim, tinha me comovido com o desempenho de Giulietta Masina em *A Estrada da Vida* (*La Strada*), que ela fez em 1954 sob a direção de seu marido, Federico Fellini. Aquele peculiar jeito de atuar ao lado de Anthony Quinn me causou profunda emoção. Mas mais impressionada fiquei em 26 de março de 1958 quando a conheci no Pantages, em Los Angeles, na noite do Oscar. Foi uma festa diferente das habituais: pela primeira vez, cerca de setenta celebridades participaram da cerimônia. Um recorde. Giulietta subiu ao palco representando Fellini para receber o Oscar de melhor filme estrangeiro por *Noites de Cabiria*, que ela protagonizou, no papel de uma prostituta. A mesma história seria usada em 1969 no musical *Sweet Charity*, com Shirley MacLaine. Posteriormente, no jantar oficial, eu e meu marido, José Consiglio Jr., pudemos conversar com a atriz. Ela foi extremamente simpática, falou de Fellini com ternura e do problema de saúde que o tinha impedido de viajar. Fumando, Giulietta fez várias perguntas sobre o Brasil, onde tinha conhecidos. A sua pele, linda, parecia a de uma criança. E a sua expressão de alegria, de encantamento, também.



ARQUIVO PESSOAL

Giulietta Masina posa com Dulce e seu marido

Afinal, embora já tivesse recebido vários prêmios pessoais, inclusive por *Cabiria*, acredito que aquela noite lhe era extremamente marcante. Ela estava sendo cumprimentada por gente da importância de David Niven, James Stewart, Rosalind Russell, Clark Gable... Nada mal para aquela romana nascida em 22 de fevereiro de 1921 que vinha de um outro mundo sem o glamour de Hollywood.

Muitos anos depois, em 29 de março de 1993, vi pela TV a cerimônia do Oscar e o momento em que Federico Fellini, no palco ao lado de Sophia Loren, agradecia o troféu honorário que recebera. Ele interrompeu o discurso e olhando para a platéia disse: "Giulietta, pára de chorar...". E a câmera mostrou sua esposa chorando copiosamente. Seria um momento engraçado se Fellini não morresse naquele mesmo ano em Roma. Talvez ela tenha chorado tanto porque já intuía ou sabia que a morte dele estava próxima. Foi em 31 de outubro, um dia depois de completarem 50 anos de casamento. Giulietta não resistiu muito tempo. Diziam que sua tristeza era imensa. A musa do cineasta morreu cerca de cinco meses depois, em 23 de março de 1994, aos 73 anos. Um final coerente para uma bela história de amor e arte.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

SET sem fio

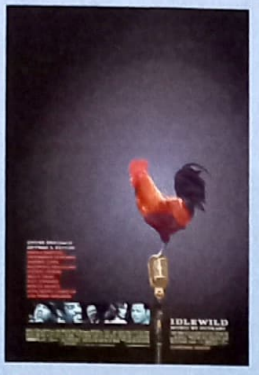
Agora você pode ter o mundo do cinema no seu celular !

Assine SET SEM FIO e receba em *SMS* as notícias mais quentes do cinema mundial enviadas diretamente da redação da revista *SET*, além dos principais lançamentos em primeira mão na tela do seu celular. Para assinar mande uma mensagem com o texto *LIG TAKES* ou *LIG FILTRO* para o número *55000*. Para assistir os vídeos navegue no menu de vídeos de seu celular e selecione a opção *SET*. Para maiores informações acesse o site www.setonline.com.br. Disponível para clientes Oi.

EDITORA PEIXES

cartaz em cartaz

IDLEWILD



O QUE ACHAMOS: Nem precisamos saber do que se trata o filme para aplaudir este pôster surreal.

LADY IN THE WATER

O QUE ACHAMOS: Mais uma vez o diretor de *O Sexto Sentido* aposta no mistério.

THE WILD

O QUE ACHAMOS: Será que os produtores de *Madagascar* estão prontos para processar?

GOSTARÍAMOS DE AGRADECER...

... à mulher de Steve Carrell pelo momento mais divertido da cerimônia previsível e sonolenta de entrega do Globo de Ouro, a "prévia" do Oscar

Steve Carrell: e onde foi parar sua mulher?

Ang Lee e seu *O Segredo de Brokeback Mountain* foram os campeões mais óbvios da 63ª entrega do Globo de Ouro, realizada em 16 de janeiro, uma das notórias "prévias" do Oscar promovida pela Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood. Além de filme e direção, a improvável história de amor protagonizada por Heath Ledger e Jake Gyllenhaal também levou o prêmio de melhor roteiro, embolsando os três troféus principais. A premiação de TV, ligeiramente mais eclética, laureou os igualmente óbvios *Lost* e *Desperate Housewives* – não sem mérito, claro – como séries dramática e musical ou comédia, respectivamente, e pulverizou os outros Globos em filmes e minisséries de menor expressão por aqui. O único momento espontâneo da noite? Steve Carrell, que pulou para o primeiro time do cinema em 2005 com o espetacular *O Virgem de 40 Anos*, citando sua mulher uma dezena de vezes ao receber o Globo como melhor ator por *The Office* – a piada foi repetida outras vezes durante a noite, que ainda contou com a expressão de "Por favor, me tirem daqui" de Joaquin Phoenix, estranhando ter ganho um prêmio por *Johnny & June* como "musical ou comédia". Ele não foi o único.

OS GANHADORES

- **FILME – DRAMA:** *O Segredo de Brokeback Mountain*
- **ATRIZ – DRAMA:** Felicity Huffman, por *Transamérica*
- **ATOR – DRAMA:** Philip Seymour Hoffman, *por Capote*
- **FILME – MUSICAL OU COMÉDIA:** *Johnny & June*
- **ATRIZ – MUSICAL OU COMÉDIA:** Reese Witherspoon, por *Johnny & June*
- **ATOR – MUSICAL OU COMÉDIA:** Joaquin Phoenix, por *Johnny & June*
- **FILME DE LÍNGUA ESTRANGEIRA:** *Paradise Now* (Palestina)
- **ATRIZ COADJUVANTE:** Rachel Weisz, por *O Jardineiro Fiel*
- **ATOR COADJUVANTE:** George Clooney, por *Syriana*
- **DIRETOR:** Ang Lee, por *O Segredo de Brokeback Mountain*
- **ROTEIRO:** Larry McMurtry e Diana Ossana, por *O Segredo de Brokeback Mountain*
- **TRILHA SONORA:** John Williams, por *Memórias de Uma Gueixa*
- **CANÇÃO ORIGINAL:** "A Love That Will Never Grow Old" (*O Segredo de Brokeback Mountain*), de Gustavo Santaolalla e Bernie Taupin
- **SÉRIE DE TV – DRAMA:** *Lost*
- **ATRIZ EM SÉRIE DE TV – DRAMA:** Geena Davis, por *Commander in Chief*
- **ATOR EM SÉRIE DE TV – DRAMA:** Hugh Laurie, por *House*
- **SÉRIE DE TV – MUSICAL OU COMÉDIA:** *Desperate Housewives*
- **ATRIZ EM SÉRIE DE TV – MUSICAL OU COMÉDIA:** Mary-Louise Parker, por *Weeds*
- **ATOR EM SÉRIE DE TV – MUSICAL OU COMÉDIA:** Steve Carrell, por *The Office*
- **MINISSÉRIE OU FILME PARA TV:** *Empire Falls*
- **ATRIZ EM MINISSÉRIE OU FILME PARA TV:** S. Epatha Merkerson, por *Lackawanna Blues*
- **ATOR EM MINISSÉRIE OU FILME PARA TV:** Jonathan Rhys-Meyers, por *Elvis*
- **ATRIZ COADJUVANTE EM SÉRIE, MINISSÉRIE OU FILME PARA TV:** Sandra Oh, por *Grey's Anatomy*
- **ATOR COADJUVANTE EM SÉRIE, MINISSÉRIE OU FILME PARA TV:** Paul Newman, por *Empire Falls*

OSCAR 2006

É um Oscar de confirmações. E de surpresas. Na noite de 5 de março o mundo saberá se Ang Lee e seu *O Segredo de Brokeback Mountain*, com oito indicações, fica com o ouro. Ou se a Academia vai premiar um "dos seus", consagrando George Clooney e *Boa Noite e Boa Sorte*. Apesar de este ano parecer barbada, o Oscar, que desde 1982 não "casava" todos os filmes indicados com seus diretores, não é notório por sua previsibilidade (Roberto Benigni, alguém?). Faça sua aposta, abuse do guia especial que preparamos para você, e divirta-se!

MELHOR FILME

FOTOS: DIVULGAÇÃO

O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN

Não é nenhuma surpresa que *O Segredo de Brokeback Mountain* chegue como favorito para levar a estatueta principal: com oito indicações (e vários troféus e prêmios já devidamente no bolso), o espetacular drama conduzido por Ang Lee quebrou barreiras – a principal foi ter saído da gaveta (ou seria "do armário?") com uma mistura de temas difícil e polêmica que afastou potenciais investidores do projeto por seis anos – e firmou-se como uma vitória da sensibilidade sobre o espetáculo. A história do romance dos caubóis Ennis Del Mar (Heath Ledger) e Jack Twist (Jake Gyllenhaal), que surgiu na vastidão do terreno rochoso do Wyoming, extrapolou convenções, atropelou rótulos e vem para o Oscar como um retrato avassalador do poder do amor.

MUNIQUE

Esqueça das pirotecnias de *Guerra dos Mundos*: é em filmes como *Munique* onde reside o coração de Steven Spielberg. Nesta narrativa sobre a possível retaliação de Israel ao massacre de seus atletas por terroristas palestinos na Olimpíada de 1972 – materializada na ação de um grupo dissidente do Mossad à caça de onze envolvidos no atentado pela Europa –, o diretor mais bem-sucedido da história criou um thriller que surpreende pelo esmero técnico e por uma surpreendente posição imparcial, que humaniza todos os lados de um conflito de conseqüências bem atuais.

CRASH – NO LIMITE

Racismo, violência e os segredos que se escondem no coração dos homens são a força-motriz deste filme que coloca Paul Haggins (roteirista de *Menina de Ouro*) no comando das câmeras. Um crime em Los Angeles desencadeia eventos que unem pessoas de diferentes classes sociais, grupos étnicos e valores morais, tecendo um panorama realista e nada lisonjeiro de uma das cidades mais ricas do mundo. Sucesso nos cinemas, *Crash – No Limite* tenta agora coroar sua trajetória com o prêmio máximo do cinema.

BOA NOITE E BOA SORTE

Em pouco mais de uma hora e meia, George Clooney volta ao passado para narrar com habilidade a "luta" do jornalista Edward Murrow contra o senador Joseph McCarthy, em uma época em que uma linha de pensamento diferente da do "sistema" era crime, e homens eram condenados sem a chance de se defender. Murrow levou a retórica de McCarthy para a TV e provou que idéias podem ser mais poderosas que a força da autoridade – uma teoria que Clooney, em seu segundo trabalho como diretor, mostrou ser assustadoramente atual.

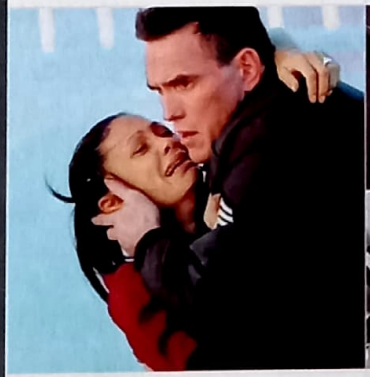
CAPOTE

O diretor estreante Bennett Miller encontrou ouro quando escalou Philip Seymour Hoffman para viver o escritor e jornalista Truman Capote. Quando uma família inteira é assassinada no Kansas, ele parte para sua cidade e começa a pesquisa do que vai se tornar seu livro mais conhecido: *A Sangue Frio*. A revelação dos detalhes do crime – e o subseqüente julgamento dos dois acusados – coloca *Capote* em uma linha tênue entre distanciamento moral e envolvimento emocional com o caso. É este retrato de um pedaço da história americana que chega à corrida pelo Oscar.

ESQUECERAM DE...

MARCAS DA VIOLÊNCIA

Nesta verdadeira obra-prima, David Cronenberg despe-se de arroubos visuais e volta seu olhar único para a destruição do *american way of life*, quando o herói de uma cidadezinha, após um ato de violência e autopreservação, tem seu passado escancarado, seus valores corrompidos e sua vida ameaçada por ele próprio.



MELHOR DIRETOR

FOTOS: DIVULGAÇÃO

ESQUECERAM DE...

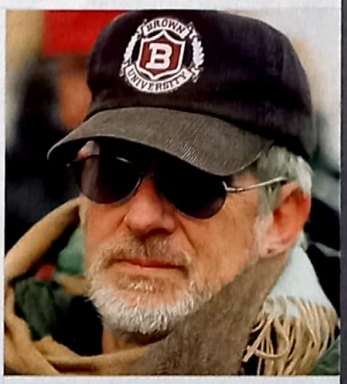
FERNANDO MEIRELLES

por O JARDINEIRO FIEL

O brasileiro transformou o thriller de John Le Carre numa empolgante mistura de suspense, romance e drama social, provando que não é cineasta de um filme só. Trouxe Ralph Fiennes de volta às grandes interpretações e ainda arrancou a melhor atuação de Rachel Weiz. Pena que a Academia preferiu adotar assuntos mais americanos.

STEVEN SPIELBERG

por MUNIQUE



O diretor de cinema mais poderoso de Hollywood não pode ser considerado azarão ou surpresa em qualquer lista de Oscar. Muito menos quando Spielberg resolve confrontar suas raízes e temas delicados para entender o ciclo vicioso da vingança. Jogando de lado qualquer parcialidade e moldando um thriller sangrento em *Munique*, o cineasta fez uma obra tensa e humana que muitos torceram o nariz pela falta de publicidade. A Academia atestou que filme bom não precisa de propaganda. ***Prêmios anteriores:*** melhor diretor por *O Resgate do Soldado Ryan* e *A Lista de Schindler* (1993); melhor filme por *A Lista de Schindler*. ***Indicações anteriores:*** melhor filme por *E.T. – O Extraterrestre* (1982), *A Cor Púrpura* (1985) e *O Resgate do Soldado Ryan* (1999); melhor diretor por *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* (1977), *Os Caçadores da Arca Perdida* (1981) e *E.T. – O Extraterrestre*.

BENNETT MILLER

por CAPOTE

Nunca subestime o poder de um grande escritor e de um ator brilhante. Ao comandar Philip Seymour Hoffman na pele de Truman Capote na biografia *Capote*, Bennett Miller mostrou que a falta de experiência também pode significar mais vigor e, ainda assim, pleno controle de uma história que poderia desembocar num tédio sem fim ou na mais estranha das bajulações. Capturou seu protagonista como poucos no ano passado e soube equilibrar fato e lenda com desenvoltura. Nada mal para um diretor estreante no gênero ficção, cuja carreira só tende a subir após essa indicação.

PAUL HAGGIS

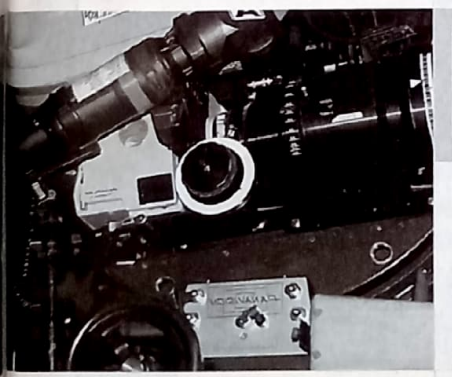
por CRASH – NO LIMITE

Veterano da televisão americana, Paul Haggis parece ter sido descoberto pelo mundo do cinema há pouco mais de um ano. Agradeça a Clint Eastwood, que o convocou para adaptar o drama *Menina de Ouro* (2004). Haggis tomou gosto pela coisa e resolveu dirigir o roteiro de *Crash – No Limite*. Como um Robert Altman moderno, ele brinca com a teia explosiva de preconceitos e racismos que marca todas as paredes de Los Angeles sem nunca perder o fio da meada – uma herança dos tempos em que dirigia episódios semanais na TV. ***Indicação anterior:*** melhor roteiro por *Menina de Ouro* (2004).

ANG LEE

por O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN

Qual a melhor maneira de responder a críticos que prevêem o fim de sua carreira depois de um fracasso? No caso de Ang Lee, o costumeiro silêncio. O diretor de Taiwan saiu das filmagens de *Hulk* (2003) e, em vez de destilar veneno e comprar briga com jornalistas, fechou-se na criação de *O Segredo de Brokeback Mountain*. Aclamado pelos mesmos detratores, Lee usou sua conhecida sensibilidade para virar o ícone do machismo americano (caubóis) pelo avesso, criando não somente uma produção sobre o homossexualismo, mas sobre o amor impossível entre duas pessoas – tema que já havia rascunhado em *Razão e Sensibilidade* (1995) e *O Tigre e o Dragão* (2000). Sua direção majestosa, o equilíbrio entre o íntimo e o épico e a capacidade de arrancar o melhor dos atores colocam o chinês no topo da lista dos favoritos. ***Prêmio anterior:*** melhor filme estrangeiro por *O Tigre e o Dragão* (2000). ***Indicações anteriores:*** melhor diretor e filme por *O Tigre e o Dragão* (2000).

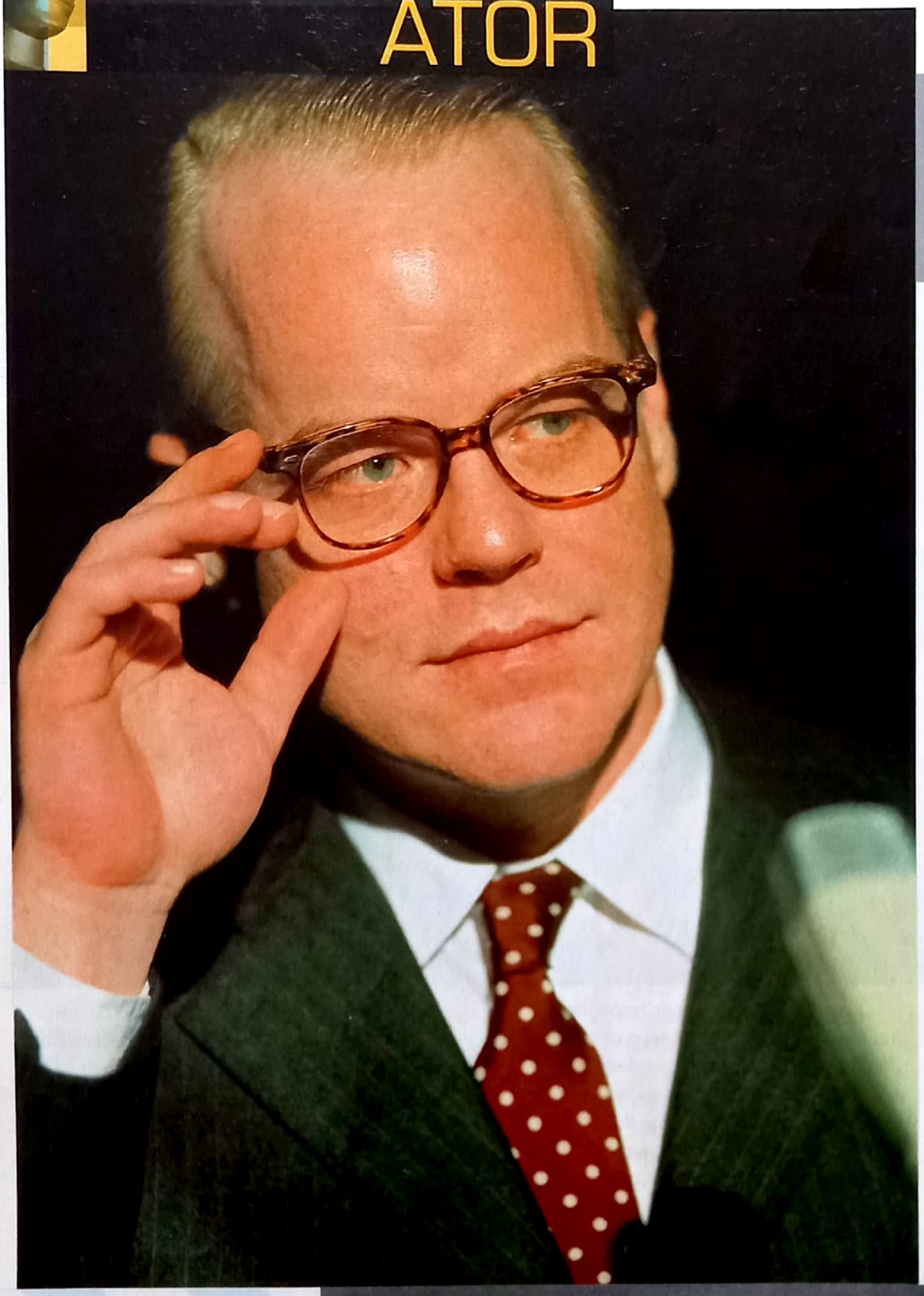


GEORGE CLOONEY

por BOA NOITE E BOA SORTE

Nosso homem do ano carimba a transição de astro fútil para o primeiro time dos diretores americanos. Após demonstrar que não veio a Hollywood apenas para bancar o galã em *Confissões de Uma Mente Perigosa* (2002), George Clooney apropria-se da paixão do pai (um jornalista) em *Boa Noite e Boa Sorte* para registrar a batalha entre Edward Murrow e Joseph McCarthy pela liberdade de expressão. Uma obra que se espelha nos anos 50 para revelar os perigos do atual governo americano. Mas será o bastante para tirar a estatueta de Ang Lee?

MELHOR ATOR



PHILIP SEYMOUR HOFFMAN

por CAPOTE

Com seu físico rechonchudo e desarrumado, o nova-iorquino Philip Seymour Hoffman é uma figura bastante conhecida do público. Seu talento pode ser comprovado ao interpretar o sujeito comum com a mesma facilidade com que lida com papéis complexos. Ator preferido do diretor Paul Thomas Anderson – está em *Boogie Night – Prazer Sem Limites*, *Magnólia* e *Embriagado de Amor*), Hoffman pode ser visto tanto em produções mais artísticas, assim em *Quase Famosos*, como em filmes pipoca como a superprodução *Missão Impossível III*, que estréia este ano. Em *Capote*, ele interpreta o escritor Truman Capote, que no final dos anos 50 escreveu sua mais importante obra depois de mergulhar fundo no assassinato de uma família no Kansas. No teatro, Hoffman tem uma carreira respeitável, atuando e também dirigindo peças de sucesso na Broadway. Já recebeu, inclusive, duas indicações para o Tony (o Oscar dos palcos). Desponta como o favorito na categoria.

ESQUECERAM DE...

RALPH FIENNES *por O JARDINEIRO FIEL*

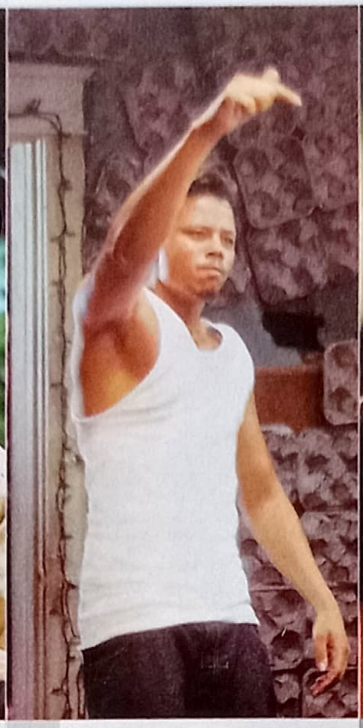
Talvez por seu papel de um diplomata contido e introspectivo, Ralph Fiennes não conseguiu chamar a atenção da Academia para fazer par com a colega Rachel Weisz, indicada para o prêmio de melhor atriz por sua participação em *O Jardineiro Fiel*. Uma pena, já que Fernando Meirelles conseguiu dele uma interpretação fenomenal.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

HEATH LEDGER

por O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN

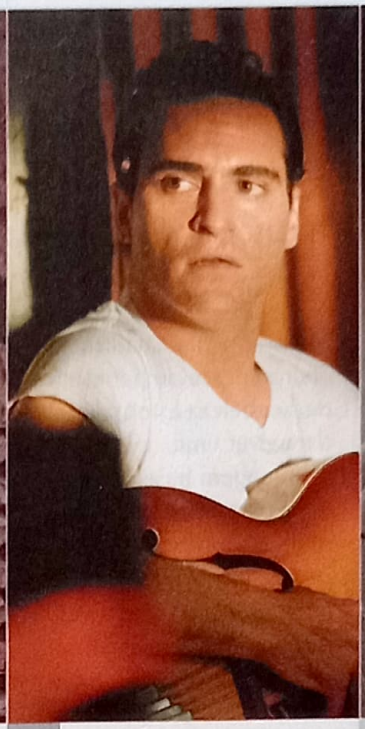
Heath Ledger parecia destinado a virar mais um astro de ação, principalmente depois de estrelar *Coração de Cavaleiro*, aventura medieval com ritmo MTV. Seu nome ficou conhecido depois do sucesso de *10 Coisas Que Eu Odeio em Você*. Lembrando um jovem Mel Gibson (ele inclusive interpretou o filho dele em *O Patriota*), esse australiano provou querer mais alternando participações no drama pesado *A Última Ceia* e na recente aventura *Os Irmãos Grimm*. Sua indicação pelo caubói indeciso Ennis Del Mar em *O Segredo de Brokeback Montain* foi para lá de merecida. Atualmente namora sua companheira de tela Michelle Williams – também indicada para o Oscar e com quem recentemente teve uma filha.



TERRENCE HOWARD

por HUSTLE & FLOW RITMO DE UM SONHO

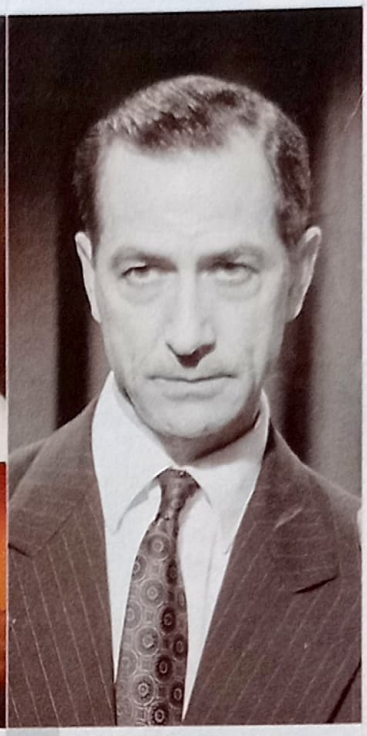
De um ano para cá, Terrence Howard deixou de ser um ilustre desconhecido para se tornar um ator de respeito. Em *Crash – No Limite* (que disputa a estatueta em seis categorias) vive um diretor de TV bem-sucedido em busca de sua identidade. Também teve pequenos papéis em sucessos como *Ray* e *Quatro Irmãos*. No filme *Hustle & Flow – Ritmo de Um Sonho*, ele ganhou o estrelato ao interpretar um gigolô que sonha ser um rapper. Suas chances são reduzidas, mas só a indicação já é uma vitória para Howard, que começou sua carreira fazendo pontas em séries de TV.



JOAQUIN PHOENIX

por JOHNNY & JUNE

Da mesma forma como Jamie Foxx personificou Ray Charles em *Ray* no ano passado, agora é a vez de Joaquin Phoenix incorporar outra lenda da música, o cantor e ator Johnny Cash em *Johnny & June*. Phoenix, inclusive, nem precisou apelar para o playback, cantando ele mesmo todas as músicas. Baseado em sua autobiografia, o próprio Cash teria escolhido o ator para ser seu intérprete. O filme pode ter ficado de fora na principal categoria, mas a atuação de Phoenix – que lhe rendeu o Globo de Ouro deste ano – não poderia ser ignorada. ***Indicação anterior:*** melhor ator coadjuvante por *Gladiador* (2000).



DAVID STRATHAIRN

por BOA NOITE E BOA SORTE

A postura séria e sóbria na interpretação do jornalista Edward R. Murrow é uma das grandes contribuições de David Strathairn para *Boa Noite e Boa Sorte*, o aclamado trabalho de George Clooney. Contracenando com o verdadeiro senador Joseph McCarthy – que aparece em cenas de arquivo e promoveu uma verdadeira caça às bruxas contra a ameaça comunista nos anos 50 –, ele dá um show. Amigo de longa data do diretor John Sayles, Strathairn trabalhou com ele em sete filmes. O último deles foi *Limbo* de 1999, onde contracena com Mary Elizabeth Mastrantonio. Possui também uma longa carreira televisiva, com participações em séries como *O Homem da Máfia* e *Família Soprano*.

MELHOR ATRIZ

FOTOS: DIVULGAÇÃO

CHARLIZE THERON

por TERRA FRIA

Novamente Charlize Theron desce do pedestal de sua beleza estonteante para viver uma personagem baseada em fatos reais: a primeira mulher a vencer um processo de assédio sexual. No ambiente essencialmente masculino de uma mina, ela atrai o desejo – e a inveja – dos homens ao seu redor enquanto luta por sua dignidade e o direito de trabalhar para sustentar os filhos. Com seu desempenho, Charlize nos faz esquecer de micos como *Aeon Flux*. ***Prêmio anterios***: melhor atriz por *Monster* (2004).

ESQUECERAM DE...

ZIYI ZHANG

por MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA

A escolha da atriz chinesa revelada em *O Tigre e o Dragão* para o papel de uma gueixa japonesa provocou o maior rebuliço – uma polêmica que lhe custou a indicação. Boa atriz e várias vezes eleita uma das mulheres mais sexy do mundo, Zhang mostra que está acima dessa discussão boba ao viver com propriedade – e beleza – o papel-título da produção dirigida por Rob Marshall (*Chicago*).

FELICITY HUFFMAN

por TRANSAMÉRICA

Felicity Huffman tem em *Transamérica* aquele tipo de papel que a Academia adora premiar: o que obriga a atriz a passar por uma transformação que a enfeie. No caso, ela vive um travesti que descobre ser pai de um garoto de programa. Com uma sólida carreira teatral e inúmeros papéis em filmes nanicos nos quais não foi notada, Huffman, que é casada com William H. Macy (*Fargo*), estourou mesmo com o sucesso da série *Desperate Housewives*. *Transamérica* marca sua primeira indicação para o Oscar.

REESE WITHERSPOON

por JOHNNY & JUNE

O Oscar nunca viu comediantes com bons olhos, especialmente as mulheres. Duas cômicas de carteirinha, Bettle Midler e Goldie Hawn, só sentiram o gosto da indicação (por *A Rosa*, em 1979, e *Recruta Benjamim*, em 1980, respectivamente), mas não levaram a estatueta para casa. A colega Reese Witherspoon, que fez carreira provocando risos com a série *Legalmente Loura*, é a primeira séria candidata da classe pela cinebiografia do cantor country Johnny Cash. Como o título nacional indica, ela interpreta June, a mulher do músico, e muitas vezes sua parceira – de voz e presença cômica – de palco. Já premiada com o Globo de Ouro e Screen Actor's Guild (o sindicato de atores de Hollywood), ganhar o Oscar parece barbada para a atriz, especialmente porque o papel também exige alcance dramático – o que os votantes, essencialmente, valorizam, e ela demonstra de sobra. *Johnny & June* é sua primeira indicação para o Oscar.

JUDI DENCH

por SRA. HENDERSON APRESENTA...

No filme, a grande dama inglesa tem até direito àquela cena de discurso típica de papéis oscarizáveis. Judi Dench encarna uma viúva endinheirada que banca um espetáculo de nudez em um teatro londrino, durante a Segunda Guerra. Ela emociona e faz rir ao trocar farpas com seu colega de elenco, Bob Hoskins, com quem vive um flerte da terceira idade. ***Prêmio anterior***: melhor atriz coadjuvante por *Shakespeare Apaixonado* (1999). ***Indicações anteriores***: melhor atriz por *Sua Majestade Mrs. Brown* (1998) e *Íris* (2002); melhor atriz coadjuvante por *Chocolate* (2001).

KEIRA KNIGHTLEY

por ORGULHO E PRECONCEITO

Todo ano uma jovem de talento promissor figura entre as veteranas indicadas: a vaga agora ficou com a bela inglesinha Keira Knightley (*Piratas do Caribe*), de apenas 20 anos. Azarona da corrida pela estatueta, ela deve colecionar indicações ao amadurecer na carreira. Apesar de o diretor Joe Wright ter sido inicialmente contra sua escalação, ela empresta personalidade, beleza indiscutível e um ar maroto à heroína romântica do clássico livro escrito por Jane Austen. *Orgulho e Preconceito* é sua primeira indicação para o Oscar.

MELHORES COADJUVANTES

JAKE GYLLENHAAL

por O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN

Coisas do Oscar: apesar de ser tão protagonista quanto Heath Ledger, Gyllenhaal foi considerado como coadjuvante no romance homossexual. Uma injustiça: sua atuação é o contraponto perfeito a do colega. Preterido em outras premiações como Globo de Ouro, deve se contentar com a indicação, sua primeira para o Oscar.

WILLIAM HURT

por MARCAS DA VIOLÊNCIA

Surgindo do nada, William Hurt, figurinha fácil nas cerimônias dos anos 80, voltou a ser lembrado pela Academia pelo papel do irmão gângster do personagem de Viggo Mortensen. ***Prêmio anterior***: melhor ator por *O Beijo da Mulher-Aranha* (1985). ***Indicações anteriores***: melhor ator por *Nos Bastidores da Notícia* (1988) e *Filhos do Silêncio* (1987).

PAUL GIAMATTI

por A LUTA PELA ESPERANÇA

No ano passado, Giamatti não teve sequer uma indicação por *Sideways* – quando todos o consideravam uma barbada – e agora deve levar não só como compensação, mas pela excelente performance de um empresário/treinador de boxe cuja empolgação quase o faz entrar no ringue ao lado de Russel Crowe.

MATT DILLON

por CRASH

Em uma Los Angeles onde os estereótipos sociorraciais entram em choque no dia-a-dia, Matt Dillon tem o papel de sua carreira como um policial racista que salva de um acidente de carro a mesma negra que ele havia molestado na noite anterior. *Crash* é sua primeira indicação para o Oscar.

GEORGE CLOONEY

por SYRIANA

Clooney já levou o Globo de Ouro pelo papel de um agente da CIA envolvido com a indústria do petróleo no Golfo Pérsico. O galã ganhou quase 16 quilos (e um problema nas costas que o impediu de divulgar *Doze Homens e Um Segredo*) para interpretar o personagem real. *Syriana* é sua primeira indicação para o Oscar.

ATRIZ

RACHEL WEIZ

por O JARDINEIRO FIEL

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Conhecida por seu papel na série *A Múmia* e tantos outros filmes de sucesso (como *Constantine*, *O Júri* e *Um Grande Garoto*) a bela Rachel Weisz só mostrou mesmo que é uma atriz de peso nas mãos do brasileiro Fernando Meirelles. Sua interpretação de Tessa Quayle é intensa, mas sem exageros.

MICHELLE WILLIAMS

por O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN

Quem diria que aquela garota da série de TV *Dawson's Creek* estaria na lista de indicados para o Oscar? Com seu papel em *O Segredo de Brokeback Mountain*, Michelle Williams conseguiu chamar a atenção em meio a tanta badalação do relacionamento entre os dois atores principais.

CATHERINE KEENER

por CAPOTE

Catherine Keener funciona como a própria consciência de Truman Capote no papel de sua melhor amiga, a também escritora Harper Lee (autora de *O Sol É para Todos*), convidada por ele a acompanhá-lo na viagem que renderia o livro *A Sangue Frio*. ***Indicação anterior***: melhor atriz coadjuvante por *Quero Ser John Malkovich* (1999).

AMY ADAMS

por JUNEBUG

Premiada no Festival de Sundance, a quase desconhecida Amy Adams (*Prenda-me Se For Capaz*) ganhou sua primeira indicação para o Oscar pelo papel de uma grávida falastrona, doce e cheia de carisma. Vale lembrar que a Academia adora premiar jovens atrizes como incentivo à carreira.

FRANCES McDORMAND

por TERRA FRIA

Frances McDormand empresta seu talento para mulheres de opinião para o papel da única mulher em um sindicato de mineiros, disposta a lutar pelos direitos femininos em um ambiente estritamente masculino. ***Prêmio anterior***: melhor atriz por *Fargo* (1997). ***Indicações anteriores***: melhor atriz coadjuvante por *Mississipi em Chamas* (1989) e *Quase Famosos* (2001).

ATOR

OSCAR®. AGORA EM CAIXINHAS.

Leve para casa os grandes vencedores de todos os tempos.

LANÇAMENTO DIA 15/2

- ÚNICA ATRIZ A GANHAR 4 OSCAR® E SER INDICADA A OUTROS 8
- CONSIDERADA A PRIMEIRA-DAMA DO CINEMA.

R$ 139,90*

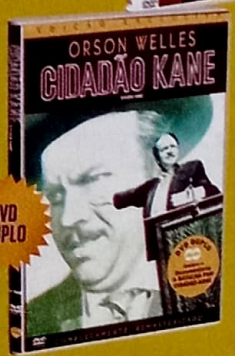
Leo Burnett Brasil

Imagens meramente ilustrativas. Verifique a classificação indicativa dos produtos. Informações sujeitas a alterações.
Oscar® é marca registrada e marca de serviço da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. * Preço sugerido ao consumidor final.

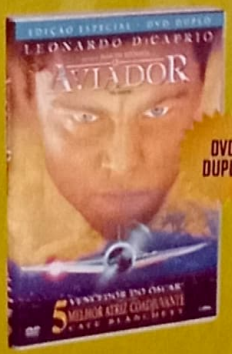
APROVEITE TODOS ESSES VENCEDORES POR APENAS R$ 29,90* CADA.

BONNIE & CLYDE

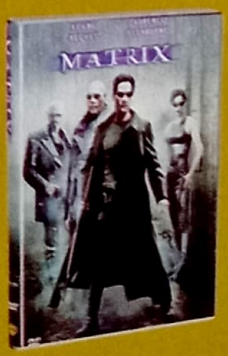
CASABLANCA



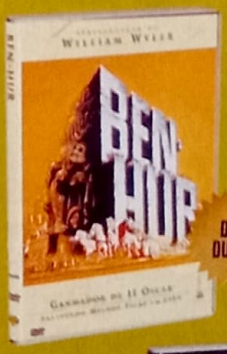
CIDADÃO KANE



O AVIADOR



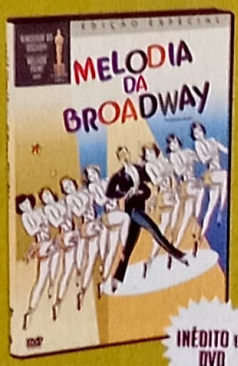
MATRIX



BEN-HUR

E O VENTO LEVOU

EMILE ZOLA



MELODIA DA BROADWAY

SOBRE MENINOS E LOBOS

COMPRE AGORA EM DVD VIDEO

Líder em DVD

OUTRAS CATEGORIAS

FILME ESTRANGEIRO

• *La Bestia Nel Cuore*, de Cristina Comencini – Itália • *Feliz Natal* (*Joyeux Noèl*), de Christian Carion – França • *Paradise Now*, de Hany Abu-Assad – Palestina • *Sophie Scholl – Uma Mulher contra Hitler*, de Marc Rothemund – Alemanha • *Tsotsi*, de Gavin Hood – África do Sul

LONGA-METRAGEM DE ANIMAÇÃO

• *O Castelo Animado*, de Hayao Miyazaki • *A Noiva-Cadáver*, de Tim Burton e Mike Johnson • *Wallace & Gromit: A Batalha dos Vegetais*, de Nick Park e Steve Box

ROTEIRO ADAPTADO

• *O Segredo de Brokeback Mountain*, por Larry McMurtry e Diana Ossana • *Capote*, por Dan Futterman • *O Jardineiro Fiel*, por Jeffrey Caine • *Marcas da Violência*, por Josh Olson • *Munique*, por Tony Kushner e Eric Roth

ROTEIRO ORIGINAL

• *Crash – No Limite*, por Paul Haggis e Bobby Moresco • *Boa Noite e Boa Sorte*, por George Clooney e Grant Heslov • *Ponto Final*, por Woody Allen • *A Lula e a Baleia*, por Noah Baumbach • *Syriana*, por Stephen Gaghan

FOTOGRAFIA

• *Batman Begins*, por Wally Pfister • *O Segredo de Brokeback Mountain*, por Rodrigo Prieto • *Boa Noite e Boa Sorte*, por Robert Elswit • *Memórias de Uma Gueixa*, por Dion Beebe • *O Novo Mundo*, por Emmanuel Lubezki

MONTAGEM

• *A Luta pela Esperança*, por Mike Hill e Dan Hanley • *O Jardineiro Fiel*, por Claire Simpson • *Crash – No Limite*, por Hughes Winborne • *Munique*, por Michael Kahn • *Johnny & June*, por Michael McCusker

DIREÇÃO DE ARTE

• *Boa Noite e Boa Sorte*, por Jim Bissell e Jan Pascale • *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, por Stuart Craig e Stephenie McMillan • *King Kong*, por Grant Major, Dan Hennah e Simon Bright • *Memórias de Uma Gueixa*, por John Myhre e Gretchen Rau • *Orgulho e Preconceito*, por Sarah Greenwood e Katie Spencer

FIGURINO

• *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, por Gabriella Pescucci • *Memórias de Uma Gueixa*, por Colleen Atwood • *Sra. Henderson Apresenta...*, por Sandy Powell • *Orgulho e Preconceito*, por Jacqueline Durran • *Johnny & June*, por Arianne Phillips

MAQUIAGEM

• *As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, por Howard Berger e Tami Lane • *A Luta pela Esperança*, por David Leroy Anderson e Lance Anderson • *Star Wars: Episódio III – A Vingança dos Sith*, por David Elsey e Annette Miles

DOCUMENTÁRIO

• *Darwin's Nightmare*, de Hubert Sauper • *Enron: The Smartest Guys in the Room*, de Alex Gibney e Jason Kliot • *A Marcha dos Pingüins*, de Luc Jacquet e Yves Darondeau • *Murderball*, de Henry-Alex Rubin e Dana Adam Shapiro • *Street Fight*, de Marshall Curry

DOCUMENTÁRIO – CURTA

• *The Death of Kevin Carter: Casualty of the Bang Bang Club*, de Dan Krauss • *God Sleeps in Rwanda*, de Kimberlee Acquaro e Stacy Sherman • *The Mushroom Club*, de Steven Okazaki • *A Note of Triumph: The Golden Age of Norman Corwin*, de Corinne Marrinan e Eric Simonson

TRILHA SONORA

• *O Segredo de Brokeback Mountain*, por Gustavo Santaolalla • *O Jardineiro Fiel*, por Alberto Iglesias • *Memórias de Uma Gueixa*, por John Williams • *Munique*, por John Williams • *Orgulho e Preconceito*, por Dario Marianelli

CANÇÃO

• "In the Deep" (*Crash – No Limite*), de Kathleen "Bird" York e Michael Becker • "It's Hard Out Here for a Pimp" (*Hustle & Flow – Ritmo de Um Sonho*), de Jordan Houston, Cedric Coleman e Paul Beauregard • "Travelin' Thru" (*Transamérica*), de Dolly Parton

EDIÇÃO DE SOM

• *King Kong*, por Mike Hopkins e Ethan Van der Ryn • *Memórias de Uma Gueixa*, por Wylie Stateman • *Guerra dos Mundos*, por Richard King

EFEITOS VISUAIS

• *As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, por Dean Wright, Bill Westenhofer, Jim Berney e Scott Farrar • *King Kong*, por Joe Letteri, Brian Van't Hul, Christian Rivers e Richard Taylor • *Guerra dos Mundos*, por Dennis Muren, Pablo Helman, Randy Dutra e Daniel Sudick

MIXAGEM DE SOM

• *As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, por Terry Porter, Dean A. Zupancic e Tony Johnson • *King Kong*, por Christopher Boyes, Michael Semanick, Michael Hedges e Hammond Peek • *Memórias de Uma Gueixa*, por Kevin O'Connell, Greg P. Russell, Rick Kline e John Pritchett • *Johnny & June*, por Paul Massey, D.M. Hemphill e Peter F. Kurland • *Guerra dos Mundos*, por Andy Nelson, Anna Behlmer e Ronald Judkins

CURTA-METRAGEM

• *Ausreisser* (*The Runaway*), de Ulrike Grote • *Cashback*, de Sean Ellis e Lene Bausager • *The Last Farm*, de Rúnar Rúnarsson e Thor S. Sigurjónsson • *Our Time Is Up*, de Rob Pearlstein e Pia Clemente • *Six Shooter*, de Martin McDonagh

CURTA DE ANIMAÇÃO

• *Badgered*, de Sharon Colman • *The Moon and the Sun: An Imagined Conversation*, de John Canemaker e Peggy Stern • *The Mysterious Geographic Explorations of Jasper Morello*, de Anthony Lucas • *9*, de Shane Acker • *One Man Band*, de Andrew Jimenez e Mark Andrews

A Noiva-Cadáver

AGORA A SUA COLEÇÃO VAI FICAR COMPLETA.

JORNADA NAS ESTRELAS™
ENTERPRISE

4ª TEMPORADA

6 DVDs

PACK COM 6 DISCOS REPLETOS DE EXTRAS INCLUINDO "GALERIA DE FOTOS" E "ERROS DE GRAVAÇÃO".

COMPRE JÁ O SEU

NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS, MAGAZINES,
LOJAS VIRTUAIS, HIPERMERCADOS E LOCADORAS.

SOMENTE EM DVD

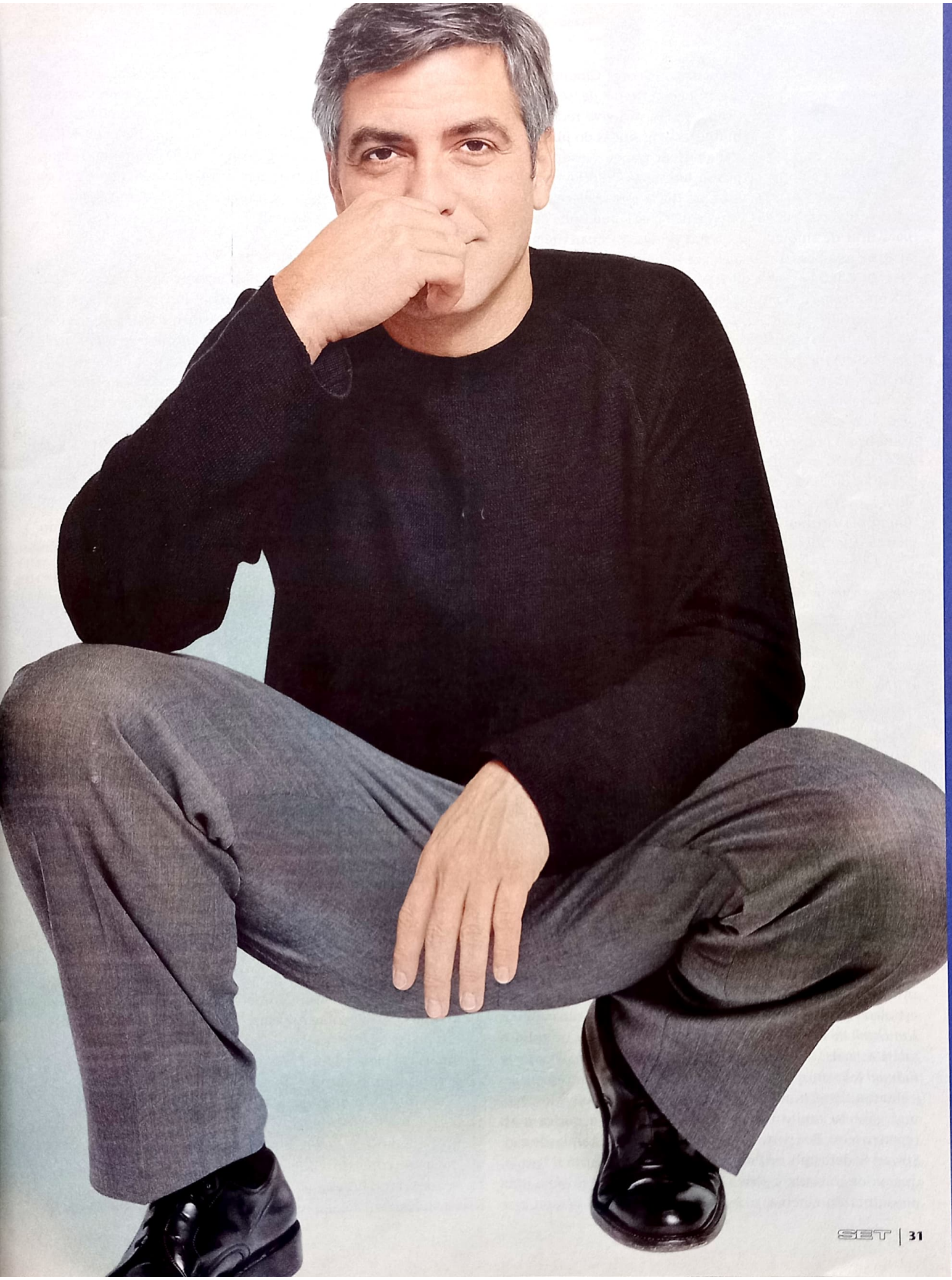
CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME

TM, ® & Copyright © 2005 by Paramount Pictures. Todos os direitos reservados.

www.paramountbrasil.com.br

O MÉDICO E O MONSTRO

George Clooney deixa a boemia de lado para se tornar o astro mais politizado – e perigoso – de Hollywood, enfrentando críticas dos conservadores e ganhando prêmios pelos filmes *Boa Noite e Boa Sorte* e *Syriana* *Por Rodrigo Salem, de Los Angeles*



Eu queria ser George Clooney. Aliás, quem não gostaria de ser George Clooney? O astro vive rodeado das mulheres mais lindas do planeta, só trabalha em projetos com amigos, possui uma mansão à beira de um lago, na Itália, está construindo um cassino luxuoso em Las Vegas e não troca uma noite de farra para ficar de smoking nas festas do Oscar. Aparentemente, apenas uma pessoa não quer ser George Clooney: o próprio George Clooney. Após anos sendo rotulado de bon vivant, liderando uma nova roupagem do Rat Pack de Frank Sinatra, o "Doutor Galã de *E.R. – Plantão Médico*" mostra que há muito mais conteúdo por baixo dos cabelos grisalhos, fofocas amorosas e bebedeiras homéricas que era conhecido. No ano passado, Clooney trocou tudo isso para enfrentar de peito aberto os conservadores de Hollywood e o próprio governo Bush. Em *Boa Noite e Boa Sorte*, assume a direção pela segunda vez (e o roteiro pela primeira) para ressaltar a importância da liberdade de expressão, num drama que encontra paralelos com a atual "política do medo" da Casa Branca. *Syriana*, no qual produz e atua como um agente da CIA traído pela agência, é ainda mais direto, destrinchando com detalhismo inédito toda a guerra do petróleo no Oriente Médio, sem medo de machucar os homens mais poderosos do mundo. O monstro, ao que tudo indica, finalmente se libertou do médico.

Tensão: Straithairn e Clooney

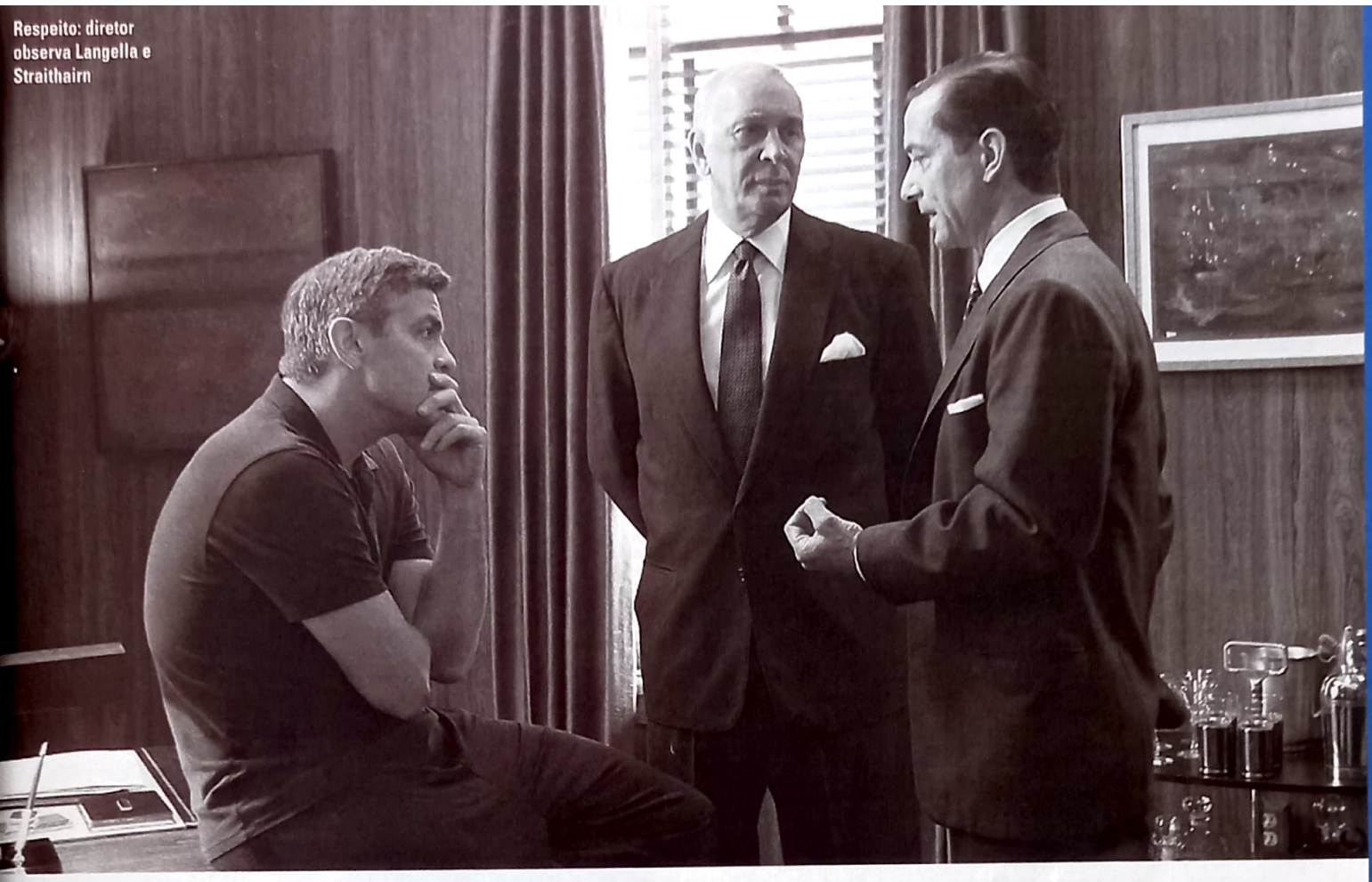
Uma produtora de Hollywood declarou que nunca mais contrataria Clooney se ele insistisse em levar seu filme aos cinemas

Simpatia: Clooney dirige extras

A carta de alforria, ao contrário do que muitos pensam, foi muito bem planejada. Durante os anos ganhando fama em *E.R.*, Clooney não se deslumbrou por um segundo e não saiu torrando dinheiro. Conseguiu o primeiro papel de destaque (antes de ser famoso, ele já havia estrelado pérolas como *O Retorno dos Tomates Assassinos*) em *Um Drink no Inferno*, de Robert Rodriguez. Entrou no rol dos salários mais polpudos de Hollywood em *O Pacificador* e *Batman & Robin*, quando pôs um fim a sua insegurança artística – ele admitiu ter acabado com a franquia do Homem-Morcego, mas ganhou muito bem para isso e prometeu nunca mais repetir o feito. Boa parte do novo Clooney veio da amizade com Steven Soderbergh, seu diretor no elogiado *Irresistível Paixão*, que ainda iniciaria a série *Onze Homens e Um Segredo* e uma produtora de cinema, a Section Eight. O astro passou a se distanciar de grandes desastres (*Solaris*, seu fracasso ao lado de Soderbergh, era mais uma experiência de luxo levada a sério pelo estúdio) e passou a se divertir com a condição de estrela. "Gosto de coisas lucrativas", revela. "Elas que me compraram uma bela casa na Itália e, por sinal, gosto da maneira como fizemos esses filmes. Acho que se estou me vendendo em *Doze Homens e Um Segredo*, estou indo bem. Se fosse um *Batman & Robin*, estaria numa enrascada."

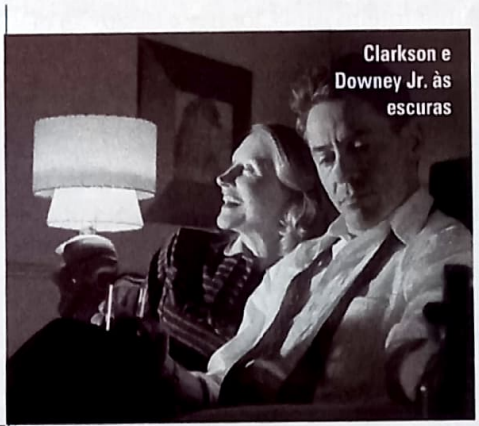
Sonho antigo

Somente quando arrebanhou amigos inseparáveis (Brad Pitt, Julia Roberts, Matt Damon) na indústria e alcançou um status financeiro estável, George passou a mostrar sua verdadeira face. Estreou na direção em *Confissões de Uma Mente Perigosa* (2002), sobre o atormentado apresentador de TV, Chuck Barris, que alegava ser um assassino da CIA disfarçado de celebridade, e, após completar *Doze Homens e Outro Segredo*, passou a se dedicar a um antigo sonho: revitalizar o famoso conflito entre Edward R. Murrow, o mais importante âncora da televisão americana dos anos 50, e Joseph McCarthy, o senador que criou uma onda de paranóia anticomunista que afetou todos os níveis culturais e sociais dos Estados Unidos pós-Segunda Guerra – conhecida nos livros de história como macarthismo. O astro descobriu que, apesar de meio século dividir os dois momentos da sociedade ianque, o fantasma do assunto ainda assombra o bairro mais famoso de Los Angeles. As dificuldades para conseguir o financiamento de *Boa Noite e Boa Sorte* foram visíveis numa época em que Bush tentava manter controle sobre informações, histórias sobre um ataque dos países aliados à TV Al-Jazeera vazaram e o Ato Patriótico estava em pleno vigor. Uma produtora que não quis se identificar chegou a afirmar que nunca mais contrataria Clooney. "Eu não tenho a mínima idéia sobre quem ela é. Bill O'Reilly, âncora reacionário da Fox News, gastou metade de um programa para mostrar que minha carreira estava acabada. Não me preocupo com isso. Olhe, se tudo acabar amanhã, ainda posso vender minha casa e viver num apartamento bacana. Então, estou fazendo a coisa certa", confirma o ator.



Respeito: diretor observa Langella e Straithairn

Entretanto, o que aconteceu foi exatamente o contrário. A carreira de George Clooney recomeçou, com mais respeito e admiração por parte de colegas e imprensa. Não foi nem mesmo difícil contratar tantos nomes de peso para integrar o elenco de *Boa Noite e Boa Sorte*. "Basicamente, conseguimos quem nós queríamos. Grant (*Heslov, amigo de longa data e co-roteirista*) e eu estávamos na Itália e ligamos para David (*Straithairn, dono do papel de Murrow*). Ele disse: 'Estou dentro'. Depois ligamos para Patty (*Patricia Clarkson*) e falamos: 'Escuta, você quer fazer esse filme?'. Ela respondeu: 'Tudo bem, vou fazer'. Foi apenas uma questão de telefonemas seguidos", explica. A única concessão que o astro precisou negociar foi sua presença na frente das câmeras. "Eu não queria atuar no longa", confessa. "Mas era um filme de 7 milhões de dólares, em preto-e-branco e com David Straithairn no papel principal. Então, o estúdio (Warner Independent) iria certificar que eu estaria na produção de uma maneira ou de outra. Aceitei porque eu poderia ajudar a arranjar o dinheiro e, como diretor, teria noção de quanto tempo de câmera Fred (*Friendly, produtor de Murrow e personagem de Clooney*) ganharia."



Clarkson e Downey Jr. às escuras

A redação que mundou a política americana

Elenco assegurado e orçamento depositado, Clooney e Heslov fizeram um pesquisa que poucos filmes se importam em realizar. Viram documentários e ficção sobre McCarthy, passaram meses no Arquivo Nacional e consultaram dezenas de livros e revistas – na verdade, a parte menos famosa da dupla filtrava boa parte da pesquisa de campo e se encontrava com o parceiro. Todo o trabalho tinha o objetivo de fazer George seguir o conselho do pai, um jornalista da velha guarda: "Cheque os fatos e depois cheque novamente". Apaixonado pelo jornalismo investigativo e opinativo ("Cresci numa reda- >>

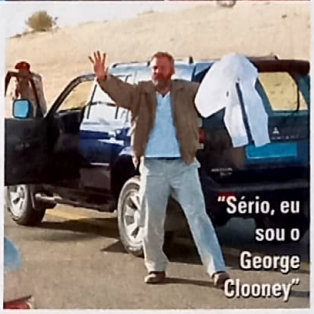
Clooney usa a experiência com o jornalismo

ção vendo meu pai trabalhar, observando repórteres maravilhosos e como eles reuniam as informações para transformá-las em notícias"), o astro de 44 anos sabia que não poderia passar qualquer fato de maneira errada. "Os detratores podem marginalizar meu filme como desejarem, mas queríamos ser realistas", afirma. "Cada cena aconteceu na vida real. É importante dizer isso, porque há uma espécie de revisionismo sobre McCarthy não ter feito nada de errado."

O resultado de tamanha devoção foi sentido pela primeira vez no prestigiado Festival de Veneza. *Boa Noite e Boa Sorte* foi o grande destaque do evento ao lado de *O Segredo de Brokeback Mountain*, ganhando inclusive os prêmios de melhor ator para David Straithairn e melhor roteiro para Clooney e Heslov. "Foi a melhor noite da minha vida", recorda o ator, que também viu sua obra se tornar um dos três filmes mais bem resenhados do ano, ser escolhido pelo American Film Institute, além das quatro indicações para o Globo de Ouro. Oscar é apenas um passo bem menos importante para um ator de TV que hoje é o exemplo máximo de que você não precisa ser idiota ou arrogante para vingar em Hollywood. Até mesmo quando a pressão é grande, Clooney fala a coisa certa – mesmo quando polêmica. Ao ser questionado sobre a fama e os fotógrafos, que não largam de seu pé, o astro foi bem claro: "É um saco, mas a idéia de proibir os paparazzi de estarem na frente da minha casa é muito mais perigosa do que tê-los ali. É o primeiro passo rumo à censura".

O astro engordou, deixou a barba crescer e ficou seriamente ferido em *Syriana*

Hurt em aparição-surpresa


"Sério, eu sou o George Clooney"

contra o poder

Ironicamente, George Clooney está mais cotado para o prêmio máximo do cinema por outro filme, igualmente liberal, porém centenas de vezes mais explosivo. Em *Syriana*, Clooney serve como co-produtor e principal nome do elenco do quebra-cabeça de Stephen Gaghan (*Traffic*) sobre a indústria do petróleo. Contudo, a vontade de despertar no espectador alguma reação e mostrar a importância da liberdade de podermos opinar sobre questões cruciais (neste caso, terrorismo, Oriente Médio e óleo) permanece forte desde *Boa Noite e Boa Sorte*. "A diferença entre *Boa Noite e Boa Sorte* e *Syriana* é que, no caso do primeiro, eu entendia aquele problema e posso responder acerca dele sem questionamentos. No segundo, apesar de ter lido demais a respeito e passado muito tempo conversando com Bob (*Baer, ex-agente da CIA, cujo livro,* See No Evil, *serviu como base para o longa e o personagem do protagonista*), eu não sou um expert. O importante para mim era acender o debate e dizer que o fato de questionarmos algo não nos torna menos patriotas."

Clooney em território inimigo

A dedicação do astro não ficou restrita a apresentar Gaghan às pessoas certas, colaborar financeiramente e topar um papel para o filme ganhar em divulgação. Pela primeira vez na carreira – sem contarmos a fase mullet do final dos anos 80 –, George esqueceu qualquer traço de vaidade, deixou a barba crescer e engordou quase vinte quilos para incorporar Bob Barnes, um agente da CIA especialista no Oriente Médio que atua no Irã garantindo interesses americanos. "Não foi algo muito inteligente de se fazer", brinca. "Mas não teria feito o filme se não pudesse ganhar peso. Eu acho que o personagem precisava se encaixar na idéia de que ele não é reconhecível. Ele é alguém que passa despercebido e creio que funcionou bem." A trajetória melancólica de Barnes – que, em determinado ponto, é traído por seus patrões – foi reforçada pelo próprio momento que Clooney passava em sua vida. "Estava infeliz. Quando deixei minha casa >>

ENTRE SEQÜESTROS E RICOS

Stephen Gaghan, diretor e roteirista de *Syriana*, conta sua saga no mundo dos bilionários e terroristas

"Olá. *Syriana*. Bolachas." Não são as palavras que você espera ouvir ao ligar o gravador para conversar com um vitorioso do Oscar. Mas é assim que trabalha o cérebro supersônico de Stephen Gaghan. Ganhador do prêmio pelo roteiro de *Traffic*, Gaghan não somente é responsável pelo intricadíssimo texto de *Syriana*, thriller explosivo sobre o mundo do petróleo, como também assume a direção do longa. Nada mais natural depois de se aventurar por Europa e Oriente Médio para encontrar políticos poderosos, conversar com bilionários inescrupulosos e até ser seqüestrado no Líbano. "Se você é um roteirista, mora em Los Angeles e quer mostrar como o mundo do petróleo funciona, você precisa ir lá e conhecer as pessoas que vivem nele", explica Gaghan, comendo seus cookies numa suíte luxuosa bancada pela Warner.

"Os homens poderosos do petróleo falavam para eu não perder meu tempo, porque o filme nunca seria feito"

Na verdade, os cookies e o hotel são fichinha perto dos privilégios concedidos ao escritor. Ao apresentar o projeto a Lorenzo di Bonaventura, há três anos, Gaghan ganhou o apoio do chefão e recursos ilimitados para a pesquisa de campo. O primeiro passo foi encontrar Bob Baer, autor do livro *See No Evil*, cujos direitos pertenciam a Warner, para entender um pouco mais dos bastidores da CIA e da situação caótica do Golfo Pérsico. "Bob tinha histórias mais interessantes que as mostradas no livro. Ele me levou para Nice, onde encontramos contrabandistas de armas, terroristas e até membros da família real", revela. O diretor interrompe a entrevista para recepcionar o garçom com seu cappuccino. "Vou lhe dar a maior gorjeta que você já viu. Gaste tudo com suas crianças", ele diz, ao entregar a conta – que, pela cara do funcionário, continha realmente a maior gratificação de sua vida. "Isso acaba de custar um território para *Syriana*", brinca.

Gaghan é um dos raros sujeitos que rendem horas de boa conversa, e escapam dos sentimentos de plástico de Hollywood. Ele emenda a contribuição com o relato de sua passagem pelo Líbano. "Viajei para Beirute sozinho. Na área de desembarque, recebo o telefonema do amigo de um amigo de Bob. Ele diz: 'Tenho algo muito especial para você. Não posso dizer o que é. Meu motorista está esperando por você'", conta. "Entrei no carro e logo estava numa área repleta de homens armados em cima das casas. Comecei a ficar paranóico. Um portão desceu na frente do carro. Meu cérebro ficou lento e, quando fui encapuzado, pensei: 'Preciso colocar duas coisas na cabeça, me lembrar de todos os detalhes e que sou o sujeito mais imbecil da Terra'. Cinco minutos em Beirute e ser raptado? É recorde mundial."

O procedimento assustou, mas é normal para quem deseja encontrar o clérigo xiita Mohammed Hussein Fadlallah. "Minha vida mudou radicalmente depois de *Syriana* (*nome usado em Washington para definir um Estado fictício formado por todo o Oriente Médio*). Eu não sabia como pensavam os homens realmente poderosos, que mandam e desmandam e perdem um bilhão para ganhar dois", exalta-se. "O terrorismo, a indústria do petróleo e o comércio de armas devem ter apenas umas 500 pessoas que importam. É um mundo pequeno, como Hollywood." E esse mundo é tão surreal, que nenhuma dessas pessoas se recusava a falar sobre suas profissões, pois não acreditavam que um filme tão explosivo chegaria aos cinemas. "Os homens do petróleo diziam para não perder meu tempo, porque o longa nunca seria feito. Eles trabalham com os mesmo bancos dos estúdios, porém são fregueses muito maiores."

Logo depois, um telefonema da assessora traz à tona o Stephen Gaghan honesto. No momento em que estamos conversando, o diretor recebe a bomba: *Syriana* não concorrerá para melhor roteiro adaptado – como estava sendo vendido –, mas será considerado original. A relações-públicas é alvo de toda a ira ("Qual a razão da minha existência penosa neste mundo? Eu desisto.") e, ao notar que a discussão iria longe, a equipe do estúdio interrompe nosso papo. Após vinte minutos, Gaghan nos recebe novamente. "Desculpa a interrupção", diz gentilmente. "Não faço filmes para ganhar prêmios, mas fiquei de coração partido por ter trabalhado tanto tempo numa categoria e, repentinamente, ele vai para outra sem ninguém saber. Tenho orgulho das partes originais, mas *Syriana* também é de Bob Baer." Baer, ou Barnes (Clooney), é a mola mestra de um mosaico de intrigas, corrupção e poder que envolve um analista de energia (Matt Damon), um príncipe liberal em ascensão no Golfo Pérsico (Alexander Siddig), um advogado investigando a fusão de uma companhia petrolífera (Jeffrey Wright) e dois meninos conduzidos ao terrorismo. E, claro, o protagonista: o petróleo. *R.SI.*

Disfarce: Barnes nas ruas de Teerã

A dedicação de George Clooney ao personagem Bob Barnes rendeu ao ator seu segundo Globo de Ouro e até no discurso ele conseguiu alfinetar os poderosos

Encontro: CIA e o espião libanês

para ir ao Marrocos, havia uma cascavel enrolada no meu cachorro com os dentes na cabeça dele. Matei-a com um taco de beisebol, mas o cão morreu. Logo depois, meu cunhado teve um ataque do coração e morreu. E, durante as filmagens, meu pai perdeu uma eleição. Senti que estava tendo um ano ruim, apesar de criativamente me achar no melhor ano da vida."

Se depender de sofrimento, o Oscar não tem outro dono. Além do cachorro e do cunhado, Clooney quase perde a vida durante as filmagens de *Syriana*. Em certo momento, seu agente precisa voltar à Beirute e termina capturado e torturado por uma milícia local. Amarrado numa cadeira, o astro era espancado até cair sem movimento. O diretor exigiu cerca de vinte tomadas dessa seqüência e, numa delas, o ator bateu a cabeça com força e se machucou. "A culpa foi minha. Pedi para me prenderem e queria que a cena parecesse feia. Eu meio que me joguei, mas não pude me proteger e atingi o chão." As conseqüências não foram sentidas na hora, mas algumas semanas depois, ele passou a ter perdas de memória, fortes dores de cabeça e um líquido começou a escorrer do nariz. Na queda, o tecido que protege a coluna espinhal foi rompido, o fluido espinhal escapou e seu cérebro começou a "afundar". "Pensei que era um tumor cerebral ou aneurisma. Acho que tive sorte", brincou, em entrevista durante o lançamento de *Boa Noite e Boa Sorte*, já mais recuperado da cirurgia que substituiu o tecido por plástico. Até pouco tempo atrás, o astro precisava tirar sangue para injetar na espinha. O problema, segundo ele, não era a dor. Mas o fato de precisar ficar sem beber cerveja por uma semana. É um alívio saber que nem tudo do Dr. Jekyll foi esquecido.

Com entrevista de Reese Esposito/IFA

78ª CERIMÔNIA DE ENTREGA DO OSCAR®

5 DE MARÇO,
ÀS 21H

TNT

TNT.COM.BR

OSCAR
É NA TNT

COMENTÁRIOS DE
RUBENS EWALD FILHO

Oscar® é marca registrada e marca de serviço da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas

O HOMEM DE PRETO

JOAQUIN PHOENIX solta a voz e encarna uma lenda na biografia de Johnny Cash, *Johnny & June*

Por Roberto Sadovski, de Los Angeles

As comparações com *Ray*, a esta altura, são inevitáveis. Afinal, assim como no filme que deu o Oscar a Jamie Foxx, Joaquin Phoenix abraça, em *Johnny & June*, uma verdadeira lenda da música americana: Johnny Cash. A diferença? Ao contrário de Foxx, Phoenix colocou o gogó para funcionar e interpretou as canções de Cash com tanta propriedade que deixaria o próprio orgulhoso. "O mais engraçado é mesmo o treinamento vocal, quando eu tinha de fazer uns barulhos estranhos para aquecer as cordas vocais", revela o ator. "A voz de Johnny era muito forte e grave, e eu descobri que suas caras e bocas, a postura ao segurar a guitarra não era pose: era ele tomando fôlego."

Johnny & June é, também, a consagração de Joaquin como ator do primeiro time, capaz de segurar um filme sozinho (até o fechamento desta edição o longa já havia passado dos 100 milhões de dólares nas bilheterias ianques). Ou quase, já que ele divide a cena com Reese Witherspoon, que interpreta June Carter, a mulher com a qual Cash dividiu o palco por uma década antes de compartilhar, também, sua vida. Mais à vontade para lidar com a imprensa, o extremamente tímido Phoenix recebeu SET para um papo sobre música, cinema e fama e não segurou a voz – alternando respostas curtas com verdadeiros discursos sobre sua arte. O clima só fechou quando se levantou as semelhanças da carreira de Johnny Cash e a sua própria – ambos assombrados pela morte trágica e precoce de seu irmão mais velho, no caso, River Phoenix: "Acho que já esgotei esse assunto, não vejo relação com este filme e não quero mais falar nele". >>

Joaquin Phoenix e Reese Witherspoon reproduzem no palco a química do casal Cash

Do ponto de vista de um ator, em que momento termina a imitação de uma pessoa e começa a interpretação?

Quando conversei com (*o diretor*) James Mangold sobre como personificar Johnny Cash, ele foi bem claro: as pessoas não querem ver uma cópia exata. Se quiserem, optarão por assistir a seus shows, documentários, ouvir suas músicas. O público tem acesso a isso. Então significa que eu tive de reproduzir o timbre de voz, expressões corporais, mas não de modo automático. É sobre isso que Cash canta em "I Walk the Line" – simular expressões diferentes entendendo o que elas significam para o personagem, senão elas serão vazias. Foi isso o que tentei fazer.

Quando você percebeu que era capaz de ressonar o que era a essência dele?

Quando estava cantando. Comecei a sentir que, para Johnny, cantar era simplesmente dar um tempo de tudo. Usei minha respiração enquanto cantava para concentrar no personagem. Pensava, "Não estou cantando mecanicamente, caramba, há um propósito por trás disso".

Você o encontrou antes de se envolver no projeto. Como foi isso?

Ele estava trabalhando com (*sua mulher*) June em estúdio e o diretor James Gray estava fazendo algumas gravações dele. James comentou que eu estava nas redondezas e Johnny me convidou para jantar. Foi sensacional, aconchegante. À primeira vista, ele parece reservado, grandalhão, mas ao final da noite, estávamos todos cantando juntos (*risos*).

Johnny sabia quem você era por causa de algum filme em especial?

Bem, ele adorou *Gladiador* (*risos*). Por isso me convidou para jantar.

Naquela época, você não fazia idéia de que iria interpretá-lo...

Não.

Quando mais jovem você já tinha pensado em ser cantor?

Hmmh, sim! Queria ser um punk rocker!

De qual banda?

Não sei, apenas queria.

Qual sua banda preferida?

Os Beatles.

Você disse que se sente completo quando está em cena e satisfeito consigo por realizar o que faz. Como você lida com o fato de ser absolutamente realizado? E com o ego...

Pergunta difícil.... Não penso muito sobre isso a não ser quando termino um filme e encontro você aqui com essas perguntas... (*risos*) É um trabalho que faço porque adoro e não há nada além disso. Não fico lendo revistas, não sou curioso sobre premiações. Me concentro no trabalho e no que acontece para que tudo dê certo com ele.

Você teve de atuar, cantar, tocar guitarra...

Foi difícil. Todo trabalho de atuação é um desafio durante e um alívio ao final. Eu me sentia muito pressionado durante as filmagens e é tão bom quando passa. Incorporar um personagem é deixar o conforto de si mesmo e compor outra pessoa. Aí, você vai para a locação, se hospeda num hotel onde não conhece ninguém, o deixam só de cueca e começam as provas de figurino. Você desenvolve toda uma persona e quando se sente familiarizado é hora de deixar tudo isso para trás porque seus maneirismos, entonação e trejeitos já são dispensáveis, assim como as roupas. Mas e o treinamento no violão e o que aprendi a fazer com minha voz, todas as habilidades que desenvolvi e o tempo que despendi com elas? Você se pergunta: o que faço agora? Protagonizar um filme é uma tarefa complicada e quando terminam as filmagens também é um período difícil.

O que você faz nesse período?

Necessidades básicas: dormir, comer, respirar e redescobrir os próprios interesses e como essa experiência se encaixa neles.

Como você se relaciona com família, amigos, namoradas nesse período de filmagens?

Nunca me afasto de meus amigos e de minha família. A pior parte é a namorada. É a mais prejudicada, porque amigos e família compreendem que estou trabalhando duro e tal e por isso não ligo. Não tenho filhos, nem bicho de estimação também... graças!

Você não assiste a seus filmes? Por quê?

Porque não acho que me beneficiaria disso. Alguns atores assistem incansavelmente às cenas e funciona para eles melhorarem o desempenho. Para mim, não. Já fiz isso certa vez e me tornei tão autocrítico que prejudicou o andamento do trabalho, mesmo achando que algumas coisas estavam realmente incríveis na interpretação. Me dá a sensação de que desconectei do personagem.

Mas você não tem curiosidade de conferir a reação do público, por exemplo?

Claro que tenho curiosidade, mas o que realmente me interessa em atuar é o processo no qual resulta o filme. É a experiência de interpretar. E não me ver atuando.

Voce lê partituras. Foi um estudo árduo ou é um dom?

Acho que é a combinação de ambos. Não sou assim um Michael Jordan, e também sou péssimo com analogias, porque ele é incrível no

que faz. É o talento dele, mas ele ainda treina duro para isso. É difícil quantificar a medida de cada um. No meu caso, não me parece um dom. Mergulhei nesse universo da música. E já vi cada demonstração de real talento...

Dê um exemplo.

Ah, não... o que digo é que no meu caso, trabalhei e me preparei para ler partituras, por isso não me sinto especial em relação a isso.

O que você mais admira em Johnny Cash?

É a sinceridade consigo mesmo. E quando você experimenta a fama, isso não é tão fácil. A fama assusta. Elvis, por exemplo, cantava sobre ursinhos para meninas adolescentes. Johnny não. E acho isso uma qualidade admirável e rara. Há sempre a tentação de se mostrar algo grande e com apelo para as massas e Johnny seguiu outro ideal. Isso é admirável.

Antes de interpretá-lo, você gostava de suas músicas?

Não. Quero dizer, eu gostava. Conhecia "Ring of Fire" e "Folsom Prison Blues". Ouvia, mas não conhecia muito.

Qual sua música preferida?

Não tenho. Mas há várias das quais gosto muito e enquanto estava ensaiando e tocando, pensava serem favoritas. Aí vinha a próxima... e eu dizia que era a favorita. Então, não posso apontar uma só.

Como você se sente com as comparações com ele que os críticos fazem e irão fazer?

Posso ser extremamente ingênuo, mas enquanto estava atuando acreditei que era adequado e suficiente. Aceitei fazer essa cinebiografia. Agora, encarar a imprensa... (*risos*)

Por que é tão difícil encarar a imprensa?

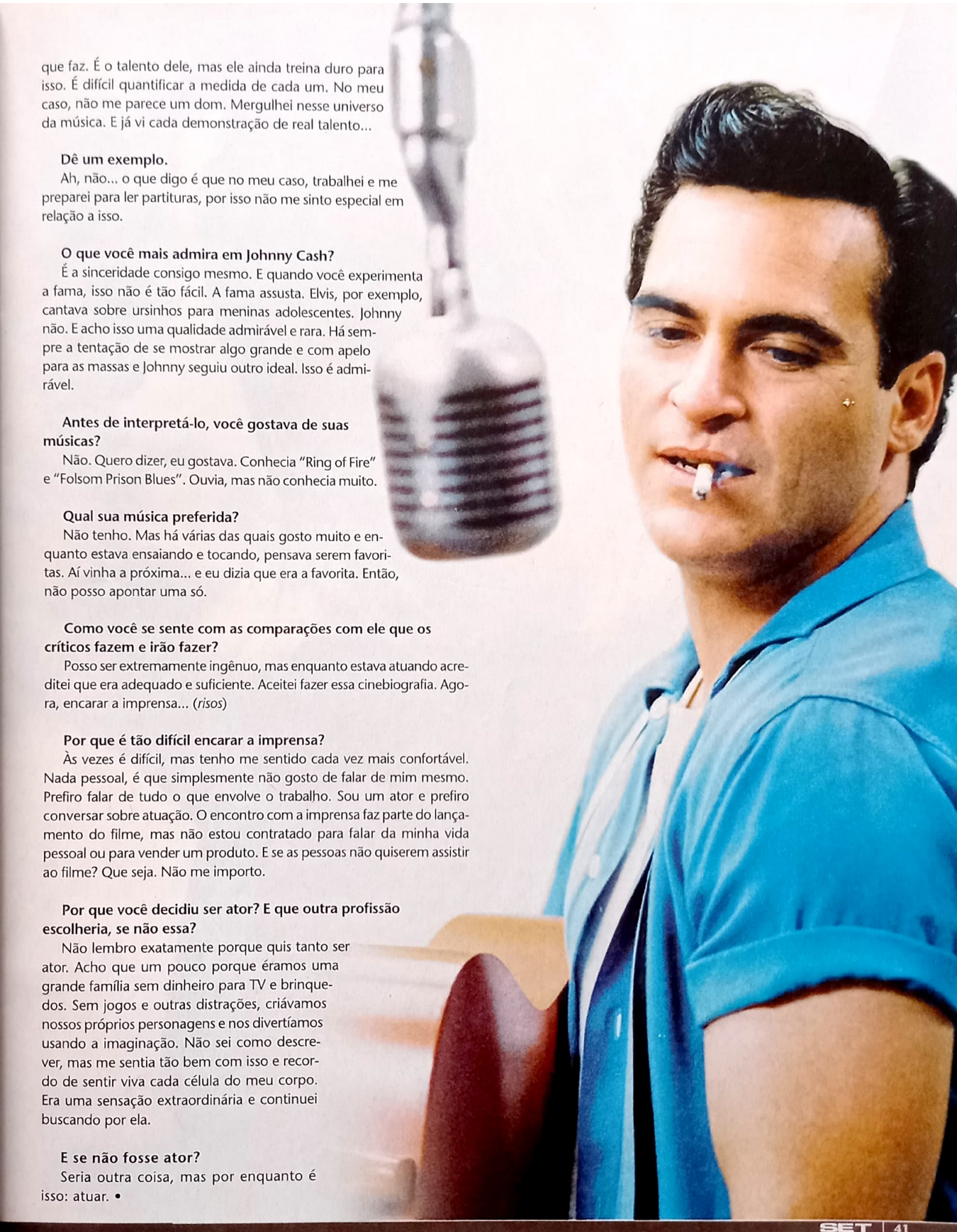
Às vezes é difícil, mas tenho me sentido cada vez mais confortável. Nada pessoal, é que simplesmente não gosto de falar de mim mesmo. Prefiro falar de tudo o que envolve o trabalho. Sou um ator e prefiro conversar sobre atuação. O encontro com a imprensa faz parte do lançamento do filme, mas não estou contratado para falar da minha vida pessoal ou para vender um produto. E se as pessoas não quiserem assistir ao filme? Que seja. Não me importo.

Por que você decidiu ser ator? E que outra profissão escolheria, se não essa?

Não lembro exatamente porque quis tanto ser ator. Acho que um pouco porque éramos uma grande família sem dinheiro para TV e brinquedos. Sem jogos e outras distrações, criávamos nossos próprios personagens e nos divertíamos usando a imaginação. Não sei como descrever, mas me sentia tão bem com isso e recordo de sentir viva cada célula do meu corpo. Era uma sensação extraordinária e continuei buscando por ela.

E se não fosse ator?

Seria outra coisa, mas por enquanto é isso: atuar. •



Da correria da ficção científica *Aeon Flux* à polêmica do drama *Terra Fria*, CHARLIZE THERON fala de sua agitada vida pós-Oscar (e das férias... no Brasil!)

Por Rodrigo Salem, de Los Angeles

MENINA DE OURO

Existe uma lenda em Hollywood acerca de uma maldicão implacável que recai sobre os ombros da vencedora do Oscar de melhor atriz: ganhe uma estatueta e seu filme seguinte será o pior da carreira. Charlize Theron não é uma mulher supersticiosa. Passou a mão no prêmio em 2004 e se manteve no rumo das boas produções. Fez uso de sua beleza estonteante no ótimo *A Vida e Morte de Peter Sellers* e novamente figura na lista de indicadas para o Oscar por *Terra Fria*, no qual faz o papel de Josey Aimes, responsável por iniciar o primeiro processo coletivo por assédio sexual dos Estados Unidos – ofuscando até mesmo Frances McDormand, colega de filmagens. Nesta visão da diretora kiwi Niki Caro para o caso dos mineradores sofrendo nas mãos dos colegas no interior de Minnesota, Charlize não precisa de toneladas de maquiagem para provar seu talento e seriedade. Aliás, seriedade é o que não falta a essa estrela de 30 anos. Em entrevista exclusiva à SET, ela dividiu sua simpatia com uma concentração muitas vezes intimidante. Ainda assim, a atriz sul-africana falou sobre assédio, o papel da mulher em Hollywood e, claro, o amor pelo Brasil. >>

Vamos começar com a pergunta de sempre: como você se envolveu com *Terra Fria*? Foi o assunto ou o papel?

Na verdade, sou muito fã do trabalho de Niki Caro (*diretora do filme e de* A Encantadora de Baleias) e comecei a persegui-la como uma maníaca (*risos*). Geralmente as coisas funcionam assim comigo: fico fanática pelo trabalho de algumas pessoas e as mantenho num radar próximo, sempre tentando saber em que estão trabalhando e o que estão fazendo. Foi mais ou menos assim que aconteceu com Niki.

O que há de tão especial em Niki Caro para ela obter a sua obsessão?

Acredito que ela é muito boa em contar histórias complicadas sobre a natureza humana. Nikki é uma estudiosa, atenta aos detalhes e não descansa enquanto não cria personagens reais.

Você passou por uma infância conturbada, presenciou certa violência familiar e vem de uma pequena cidade da África do Sul. Isso a deixou ainda mais interessada em fazer o filme?

Hmmm, eu me identifiquei com vários aspectos da história. A pequena comunidade, a paisagem desolada e o instinto de sobrevivência dessas pessoas. É um povo bom, forte e muito trabalhador, sem o direito de ter muito luxo de se sentar um dia na varanda e sentir pena deles mesmos. Há varias coisas que amei na trama, principalmente o fato de me lembrar de como e onde cresci. Ao mesmo tempo, foi muito desafiador, porque nunca trabalhei numa mina e não sou mãe. Acho que isso me atraiu mais. Queria explorar esse lado do meu trabalho.

É interessante ver um longa sobre uma comunidade do interior dos EUA sendo controlada por pessoas de fora, não acha?

Sim. Obviamente, não fizemos nada intencionalmente estrangeiro ou americano. O fascinante a respeito de *Terra Fria* é o fato de ser uma história sem fronteiras, sobre pessoas e suas emoções. A mesma situação acontece em diferentes locais do mundo, mas as reações são bem parecidas. No final do dia é sobre seres humanos e não sobre o local.

O tema central de *Terra Fria* é acerca de uma mulher desafiando os tabus do mundo masculino – a mineração. Você já teve a mesma sensação como atriz?

Não. Sabe, Niki e eu discutimos isso com exaustão e o fato de sermos afortunadas por termos chegado aonde chegamos sem ter passado por uma experiência similar à de Josey Aimes e das garotas do norte do Minnesota. Elas precisaram brigar por igualdade e nós não experimentamos qualquer atitude parecida em nossas profissões.

O engraçado é que muita gente pensa que esses casos de assédio e preconceito fazem parte de um passado longínqüo...

Pois é. O caso de Josey só foi encerrado em 1995. O primeiro processo coletivo de assédio sexual. Não estamos falando de história antiga, mas de um passado próximo. O caso vem de um longo caminho, é verdade, mas é recente e ainda temos um bom caminho pela frente.

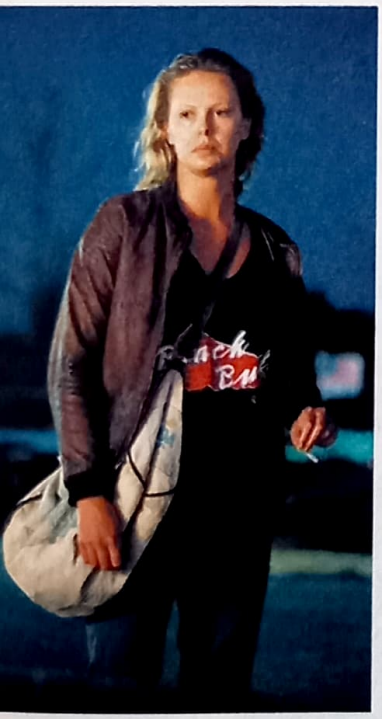
Como é ser mulher hoje em dia em Hollywood? Os papéis melhoraram?

As mulheres estão indo muito bem. Não apenas atrizes, mas diretoras. Sofia Coppola foi a primeira mulher a ser indicada para o Oscar. As coisas estão mudando. Olhe para *Terra Fria*. Há muitos poucos diretores com um calibre tão apurado quanto o de Niki. É impossível ignorar isso.

Ser uma mulher linda em Hollywood, facilita na hora de conseguir papéis?

Acho que todo o tipo de estereótipo é doloroso de superar. Acredito que há certos estereótipos que simplesmente Hollywood não consegue abandonar. Eles esquecem que, no final, a interpretação não se resume apenas ao exterior. Como para a atriz é seu trabalho e obrigação se transformar, habitar cada aspecto daquela personagem. Tudo mudou para mim depois de *Monster – Desejo Assassino*. Viram como eu poderia e queria ser versátil, que estava interessada nesse tipo de trabalho. Há mais encorajamento para assumir esse tipo de papel hoje, mas era uma batalha quando comecei minha carreira.

"Seria muito Inocente se eu disesse que o Oscar não me deu mais oportunidades de escolha"



Houve algum papel que você gostaria de ter feito, mas foi recusada por ser bonita demais?

Sem dúvida. Existiram vários papéis que emocionalmente eu me conectava, porém que várias pessoas achavam que alguém com minha aparência não entenderia. Mas, sabe de uma coisa? Eu não voltaria atrás no tempo e não mudaria nada, porque batalhei muito pelas coisas que gostaria de fazer e, no final, você fica se sentindo muito melhor.

Que tipo de desafio existe após um Oscar?

É o mesmo. Apenas quero ser capaz de fazer um trabalho que signifique muito para mim. Isso não mudou depois do Oscar. Mesmo tendo ficado mais fácil ter acesso a diversos roteiros, eu ainda preciso tomar as decisões corretas.

Quando você topou fazer *Monster*, chegou a pensar: "Agora tudo será diferente"...

A perseguição da verdade por trás da personagem é o que importava e não as mudanças físicas. Tudo precisava se encaixar para acharmos o núcleo emocional daquele papel. Ela era daquela maneira por uma razão e não por algo gratuito.

Quando você começa a ouvir sobre os burburinhos do Oscar, como se sente?

É muito bacana, não é algo terrível. Mas não é o motivo de eu sair da cama, ou a razão de fazer minhas escolhas. Sou muito grata por ter experimentado a oportunidade de ganhar um Oscar, mas não quero focar em cima de algo que não tenho o mínimo controle. O principal é que consegui realizar o filme que gostaria de ter feito.

Engraçado que, numa conversa sobre Oscar com Fernando Meirelles...

Adoro ele! Adoro seu trabalho.

...Ele falou que o verdadeiro poder em Hollywood é o poder de escolher.

E é verdade. Muitas portas se abrem e, de várias maneiras, os estúdios não vão olhar mais para você como um risco. Então, não precisamos nos desesperar caso o filme não renda o esperado, que as pessoas deixaram de ganhar dinheiro por sua culpa. Concordo com ele. Seria muito inocente se dissesse que o Oscar não me deu mais oportunidades de escolha.

Você disse recentemente que foi muito difícil se livrar da personagem de *Monster*. Como foi fazer *Terra Fria* logo depois de terminar um filme de ação como *Aeon Flux*?

Foi bom. Gostei porque me permitiu deixar o outro projeto para trás com mais facilidade. *Aeon Flux* tomou muito de meu tempo, antes mesmo das filmagens começarem. Muito treinamento. Somando tudo, dediquei um ano de minha vida ao longa.

Como foi o acidente que você sofreu em *Aeon Flux*? Pareceu bem sério.

Foi bastante sério. Lesionei um disco do pescoço, mas levei o tempo necessário para me recuperar totalmente e voltar a fazer eu mesma as cenas perigosas. Só precisa ter disciplina e entender que necessitava de sete semanas de descanso. Tentei voltar, mas notei algumas coisas estranhas acontecendo com meu corpo. Não estava sentindo certas partes dele. Vi que não era brincadeira e recuei.

Você não parece uma atriz que gosta de fazer as próprias cenas perigosas...

A razão de ter realmente gostado desse filme é o aspecto físico. Tenho um background em balé, costumava contar histórias com meu corpo e pensei que poderia fazer o mesmo no cinema. Se não houvesse isso, provavelmente não faria o filme. Não fiz porque queria estar em um filme de ação, mas por causa do diretor e por que acreditava na personagem.

Há como escolher um favorito em sua lista de longas?

Não, porque eles todos são como filhos para mim. Não posso escolher entre um filme de ação e um drama independente. São tão diferentes e gosto deles por razões diversas. Tento não me repetir. Escolho meus filmes por diretores e Fernando Meirelles, que você citou, é fantástico.

Você chegou a testar para o papel de Tessa em *O Jardineiro Fiel*?

Não. Vi o trailer e achei o filme fascinante, mas o roteiro nunca caiu no meu colo.

Estamos ouvindo falar sobre *The Brazilian Job*, que seria a continuação de *Uma Saída de Mestre*, passada no Rio de Janeiro. Você está confirmada?

Eu nunca vi o roteiro, apesar de ouvir sobre ele o tempo todo. Não há uma realidade a respeito dessa seqüência, porque não li nenhum script e não sei se a produção existirá. Não quero fazer uma seqüência apenas para fazer uma seqüência. Gostaria de trabalhar com os garotos novamente, mas não desejo que gastem dinheiro em algo que não preste.

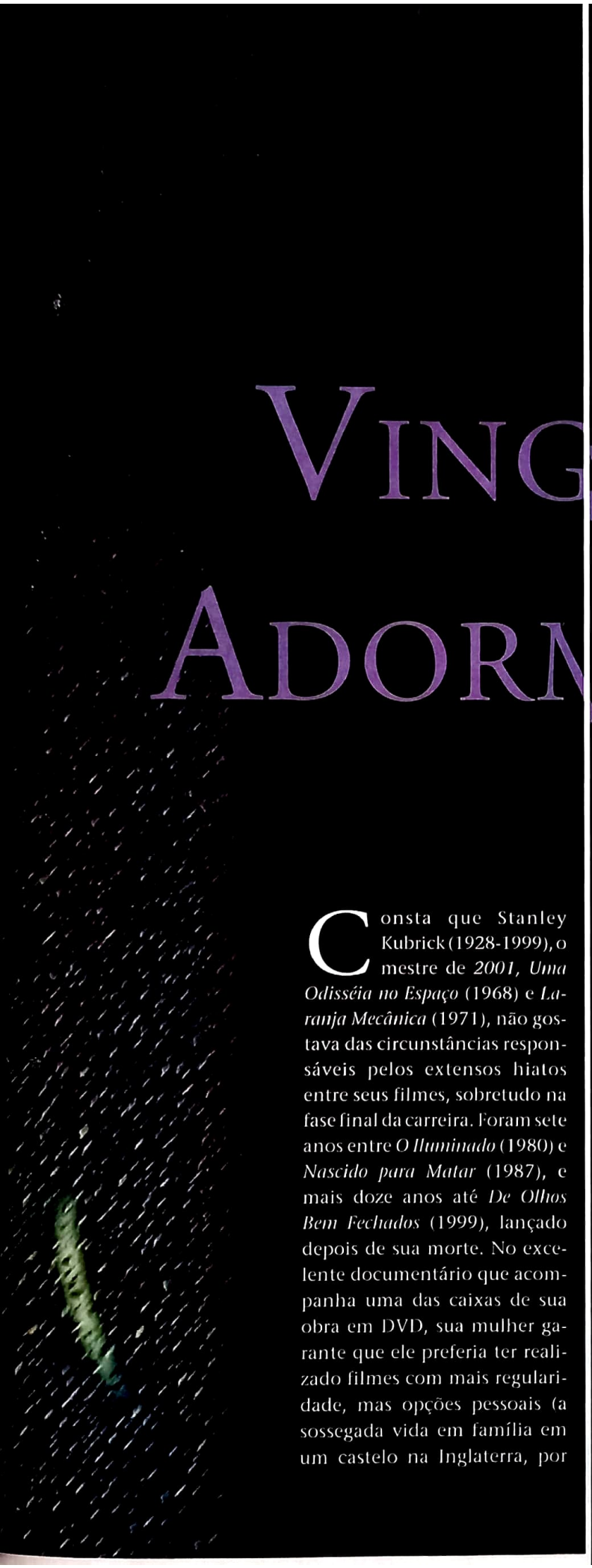
Se a produção virar realidade, como espera as filmagens no Brasil?

Amo o Brasil. Fui para lá antes do Oscar, passei duas semanas numa vila de pescadores e só voltei três dias antes da premiação. No final do ano, retornei com cerca de quarenta amigos para passar o Natal por lá. Adoro o Brasil.•

"Adoro o Brasil! Antes do Oscar, passei duas semanas lá numa vila de pescadores"

Com *MUNIQUE*, ficção sobre a resposta de Israel ao assassinato de onze atletas olímpicos por terroristas do Setembro Negro, Steven Spielberg abraça a polêmica sem tomar lados, fecha-se para a imprensa ao não divulgar o filme e cria o trabalho mais explosivo de sua carreira *Por Sérgio Rizzo*

Vingança Adormecida



Consta que Stanley Kubrick (1928-1999), o mestre de *2001, Uma Odisséia no Espaço* (1968) e *Laranja Mecânica* (1971), não gostava das circunstâncias responsáveis pelos extensos hiatos entre seus filmes, sobretudo na fase final da carreira. Foram sete anos entre *O Iluminado* (1980) e *Nascido para Matar* (1987), e mais doze anos até *De Olhos Bem Fechados* (1999), lançado depois de sua morte. No excelente documentário que acompanha uma das caixas de sua obra em DVD, sua mulher garante que ele preferia ter realizado filmes com mais regularidade, mas opções pessoais (a sossegada vida em família em um castelo na Inglaterra, por exemplo) e projetos especialmente complicados, na viabilização e na execução, o tornaram um cineasta bissexto.

Consta que Kubrick admirava Steven Spielberg, a ponto de lhe oferecer, por julgá-lo mais capaz de tratar a história, o projeto de *A.I. – Inteligência Artificial* (2001). Registre-se que a agenda de Spielberg também sofre de severas limitações – familiares (filhos de dois casamentos, com as atrizes Amy Irving, atual mulher do brasileiro Bruno Barreto, e Kate Capshaw) e profissionais (além de dirigir produções também caras e complexas, ele foi sócio de um grande estúdio, a DreamWorks SKG, recém-vendida a Paramount).

Não é mencionado em lugar >>

A veracidade de *Munique* foi contestada tanto por palestinos como por israelenses – o que pode indicar que o filme de Spielberg não ficou muito distante dos fatos

O plano traçado: Golda Meir (Lynn Cohen) cobra uma resposta

Antes da tempestade: Avner (Eric Bana) é instruído por Ephraim (Geoffrey Rush)

nenhum, mas é provável que, por isso tudo, Kubrick admirasse também o fôlego de Spielberg. Em 2005, num período de seis meses, ele lançou nos EUA dois longas-metragens como diretor – ambos de alto orçamento e, cada um à sua maneira, repletos de detalhes delicados – e assinou como produtor outros dois, também com a dimensão de grandes espetáculos. Falamos de *Guerra dos Mundos*, *A Lenda do Zorro* e *Memórias de Uma Gueixa*. Faltou um? Pois é justamente o que compensa todas as deficiências desses três, com sobras.

Munique não é apenas o melhor filme de Spielberg em muitos anos. É a demonstração de que, apesar de concentrar esforços nas últimas décadas em projetos de apelo jovem, ele continua a dominar as ferramentas de um longa adulto, como *A Lista de Schindler* (1993). Ou seja: consegue despertar o interesse e capturar a atenção da fatia de público a partir dos 35 anos, põe em discussão temas de relevância e impacto sociopolíticos, traz personagens fortes cujas motivações é possível entender e cuida da encenação com um senso admirável de equilíbrio – tensão e movimento nos pontos em que a trama pede, serenidade na passagem entre uns e outros.

QUEBRANDO AS REGRAS

Há um dado extracinematográfico a aproximar Spielberg de Kubrick em *Munique*: o sigilo em torno da produção e o cuidado em divulgá-la. Jornalistas costumam ser abastecidos pelos estúdios de Hollywood com toneladas de informações sobre seus próximos lançamentos, cujos diretores e elencos trabalham, durante meses, na divulgação de suas obras. Visitas aos sets de filmagens de superproduções ajudam a preparar a campanha de divulgação; fotos, teasers e trailers na Internet antecipam em muitos meses a chegada dos filmes aos cinemas.

Essa tem sido a regra, mas não foi assim desta vez. Spielberg manteve silêncio antes, durante e, por algum tempo, até mesmo depois das primeiras exibições. Concedeu poucas entrevistas e limitou, inclusive por que não se dispôs a participar dele, o esforço de divulgação. Fosse outro o resultado e seria natural imaginar que o cineasta estivesse constrangido, sem disposição para encarar a reação agressiva da imprensa. Não é, nem de longe, o caso. Parece razoável, portanto, acreditar nos motivos que deu para desejar uma estréia discreta (na medida em que é possível tratar com discrição um lançamento do diretor de *Tubarão*, *E.T. – O Extraterrestre* e *Jurassic Park*).

Em virtude do assunto delicado, propenso naturalmente a gerar controvérsia, Spielberg agiu como alguém que, no lugar de distribuir fósforos pela platéia, preferiu andar pelos corredores da sala de exibição carregando

FOTOS: UIP

Planejando o ataque: Spielberg conversa com Daniel Craig, Hanns Zischler e Eric Bana

Jogo da morte: a equipe de Avner depois de mais uma execução

Sem vestígio de culpa: conduzidos pelo desejo de vingança

um extintor. Não quis dar a impressão de estar interessado apenas em se aproveitar do tema explosivo, e sim de estar empenhado em relembrar um episódio histórico que ajuda a refletir sobre a geopolítica do mundo atual. Aliás, repare na importância visual que as torres gêmeas do World Trade Center assumem, em breve, mas significativo momento, para notar que o filme, embora se volte para o passado, quer mesmo é falar do (e para o) presente.

Na falta de informações mais concretas, especulou-se por muito tempo que Spielberg faria a recriação do seqüestro de atletas israelenses, durante os Jogos Olímpicos de 1972, em Munique (Alemanha), pela organização terrorista árabe Setembro Negro. Ao menos um telefilme de ficção (*Pânico em Munique*, dirigido por William A. Graham em 1976, com William Holden como o chefe da polícia alemã) e um documentário (o excelente *One Day in September*, realizado por Kevin Macdonald em 1999, e bem pouco simpático em relação à atuação da polícia alemã) já haviam reconstituído o massacre, que resultou na morte de onze atletas e dos seqüestradores.

Outro telefilme de ficção, *A Hora da Vingança* (1986), de Michael Anderson, com Steven Bauer e Michael York, contava como agentes do Mossad, a polícia secreta israelense, agiram para localizar e matar os responsáveis pela operação. Spielberg segue a mesma linha, embora não se furte ainda a narrar os acontecimentos da Vila Olímpica e do aeroporto de Munique. Seu ponto de partida foi o mesmo de *A Hora da Vingança*: o romance *Vengeance*, de George Jonas, publicado pela primeira vez em 1984, e roteirizado por um escritor cujo prestígio literário vai muito além de Hollywood, o dramaturgo Tony Kushner (da premiada minissérie do canal HBO, *Angels in América*). Eric Roth (*Forrest Gump, O Informante*) assina também o roteiro.

DILEMAS MORAIS

A ação de *Munique* divide-se basicamente em três blocos. No primeiro, um agente do Mossad sem muita experiência no "trabalho de campo", Avner (Eric Bana, da aventura *Hulk*), é convocado pelos seus superiores, na presença da então primeira-ministra israelense Golda Meir (Lynn Cohen), para assumir a tarefa de rastrear os terroristas árabes que planejaram a ação nas Olimpíadas e eliminá-los. A seqüência do informe é particularmente admirável, com silêncios expressivos e diálogos ambíguos. A partir desse instante, o agente tem apenas um contato na estrutura do Mossad, Ephraim (Geoffrey Rush), e precisa montar a equipe secreta responsável pela operação, que inclui Steve (Daniel Craig, o novo James Bond), Carl (Ciarán Hinds), Hans (Hanns Zischler) e Robert (o também diretor Mathieu Kassovitz).

No segundo bloco, a equipe entra em ação. Algumas das cenas de rastreamento e execução figuram entre o que de melhor Spielberg já realizou no terreno do suspense. Não há, evidentemente, nada de tranqüilo nesse capítulo intermediário da trama; além das dificuldades naturais para executar as tarefas, dilemas morais pairam o tempo todo no ar. A crise de consciência se aprofunda na terceira parte, quando os caçadores se tornam caçados e o tempo fecha definitivamente, mas no espaço restrito das operações clandestinas que opõem, até hoje, israelenses e árabes.

Enquanto a ingrata jornada de Avner se desenha, flashbacks mostram, com montagem nervosa e câmera trepidante, os eventos que deram origem à "vingança de Estado". Ao menos um representante da organização Setembro Negro distribuiu nota à imprensa na qual acusava de fantasiosa a versão de Spielberg. Fontes israelenses ligadas ao Mossad tiveram a mesma reação. Se fosse uma reportagem, *Munique* já estaria provavelmente aprovado: quando os dois lados envolvidos em uma polêmica reclamam, talvez o material esteja bem próximo dos fatos. Mas, não custa lembrar, é um filme de ficção. Admirável em seu equilíbrio e sobriedade, ainda que seja possível enxergar nele, de acordo com o ponto de vista que cada um tem a respeito, inclinações e mistificações um pouco mais para cá ou para lá.•

Mudan de hábit

Com *Ponto Final*, Woody Allen atravessa o Atlântico e dá novo fôlego à sua vitoriosa carreira ao contar mais uma crônica de vida irreal *Texto por Roberto Larroude Entrevista por Robin Lynch/IFA*

Desde que começou a fazer filme, com *Um Assaltante Bem Trapalhão*, de 1969, Woody Allen se manteve como um dos mais produtivos e bem-sucedidos diretores em atividade. Já na virada do milênio seus longas perderam fôlego – sua persona (como ator, roteirista ou diretor), porém, nunca deixou de ser notícia. Agora, em *Ponto Final*, o sotaque britânico da narração em off que começa o filme mostra que alguma coisa mudou. Depois de décadas sem filmar em outro lugar a não ser em sua querida Manhattan, em Nova York (a exceção foi o *mezzo* musical *Todos Dizem Eu Te Amo*, com locações em NY e também em Veneza e em Paris), Woody Allen troca de cidade, de elenco costumeiro e de gênero para contar um drama sobre tentação, obsessão, paixão e sorte – muita sorte. Jonathan Rhys-Meyers vive um ex-jogador de tênis que se apaixona pela estonteante Nola (Scarlett Johansson), por sinal noiva de seu amigo e futuro cunhado. Com a mudança de ares, Woody mostra que ainda tem muito o que ensinar quando o assunto é cinema. Na entrevista a seguir, Woody e seu elenco, falam sobre punições da sociedade, inocência sacrificada, as diferenças entre filmar em Londres e Nova York e as semelhanças deste filme com outros já realizados.

Scarlett, como é ser a musa de Woody Allen?

Johansson: Bom, acho que estamos trabalhando juntos de novo. Estou lisonjeada. Não sei nada sobre ser sua musa, mas com certeza é bom trabalhar com ele novamente.

É diferente de trabalhar com Michael Bay?

Johansson: Michael Bay comparado a Woody Allen (*risos*)? A diferença entre trabalhar com cada um é a mesma de se assistir a um filme deles.

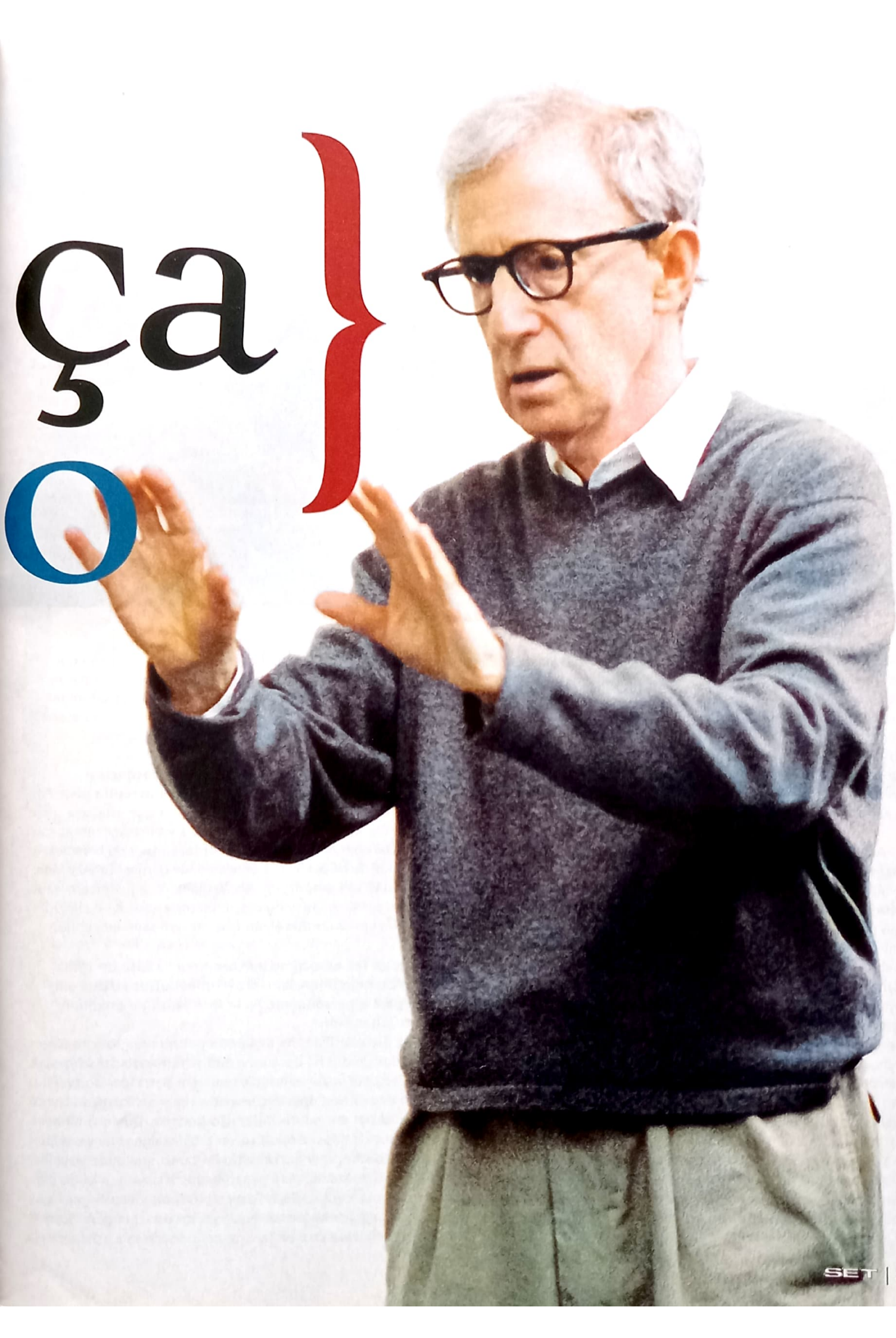
Woody, o senhor fez esse filme por se sentir cínico sobre as punições em nossa sociedade?

Allen: Não acho que me sinta cínico de uma maneira em geral. Sempre achei que cinismo é uma realidade com uma leitura alternativa. Sinto que tenho uma boa perspectiva sobre esse assunto em particular – digo, as punições da sociedade. E sinto que é óbvio que qualquer ser pensante sabe que existe uma quantidade enorme de injustiças e crimes em todos os níveis de vida, sejam eles emocionais, físicos ou internacionais. Então não acho que meu ponto de vista sobre isso seja cínico. Acho que, na verdade, é uma perspectiva exata.

O senhor pesquisou Londres para esse filme ou escreveu em Nova York? E seus atores britânicos tiveram mais liberdade para improvisação do que permitiria aos americanos?

Allen: Espero que tenha escutado a pergunta direito. Esse é um filme que a história funcionaria em Nova York, São Francisco, >>

ça
o



PLAYARTE

Terapia em grupo de Scarlett Johansson, Jonathan Rhys-Meyers, Woody Allen e Emily Mortimer: elenco durante entrevista coletiva

Paris ou Londres. Fiz esse filme em Londres por que a atmosfera era boa para mim criativamente. As pessoas que patrocinaram o filme foram extremamente generosas e não interferiram em nada. Para um ouvido americano, o inglês britânico é muito, muito bonito. Talvez outro sotaque pareceria falso em alguns momentos. Editei o filme nos Estados Unidos, e, quando terminamos, ficamos espantados como cada pequeno pedaço tinha um ótimo som. A única pessoa americana no longa era a Scarlett e sempre fui um grande admirador dela. Estava numa boa situação.

Acabou seu caso de amor com Manhattan agora que vai fazer mais um filme em Londres?

Allen: É claro que vou filmar em Nova York novamente. Entretanto tive uma ótima experiência ao trabalhar em Londres e não posso esperar para fazer tudo de novo. Estou acostumado a trabalhar em Manhattan no verão e o clima é muito quente. Aqui o clima é fresco e o céu cinza, perfeitos para mim. Acabei de comentar com Jonathan que não consigo diferenciar o sotaque britânico do irlandês do australiano ou do canadense. Todos parecem ótimos depois de trabalhar com atores americanos por tanto tempo. Atores e atrizes britânicos levam certa vantagem – seja genética, seja treinamento formal. Mas alguma coisa em suas interpretações os faz ótimos. Meu ouvido consegue detectar quais não são tão bons. Mas, essencialmente, os talentosos são talentosos em qualquer lado do Atlântico.

Emily, como foi trabalhar com Woody Allen?

Emily Mortimer: Foi uma experiência excitante e maravilhosa, e muito diferente de qualquer outro filme que já tenha feito. Woody não faz nenhum ensaio. Você não fica muito tempo analisando uma cena antes de encená-la, e inicialmente isso é muito amedrontador e um pouco intimidante. Mas depois que se acostuma é incrivelmente excitante e realmente amei, porque você é forçado a viver o momento e estar presente. Você não tem mais nada no que se apoiar a não ser a cena em si e os outros atores. Então achei isso uma experiência incrivelmente aberta.

O personagem Chris Wilton diz que a inocência é sacrificada por uma causa maior. O senhor acredita nisso?

Allen: Acredito no oposto disso. Acredito que esta seja uma das tragédias da vida, que muitas, muitas vítimas inocentes são massacradas em nome de uma dita verdade maior ou benefício à humanidade. Acho que esta é uma verdade horrível sobre a vida, que pessoas se comportam dessa maneira e justificam seus problemas pessoais, psicológicos, impulsos assassinos ou luxúrias por poder com um brutal efeito colateral em seres inocentes.

O senhor fez esse filme na Europa por causa do clima político ou pelo financiamento? Tinha outras atrizes em mente para a personagem Nola Rice antes de escolher Scarlett Johannson?

Allen: Fiz esse filme na Inglaterra por que tenho feito filmes nos Estados Unidos há décadas e está se tornando cada vez mais difícil. Cada vez mais os estúdios querem participar do projeto. Querem ler o roteiro, opinar no elenco e visitar as filmagens. Nunca trabalhei assim em minha vida, não poderia. Quero o dinheiro em um saco de papel e os deixo ver o filme alguns meses depois e só. Em Londres o financiamento foi tanto que pude trabalhar dessa maneira. Mas lá, para pagar menos impostos, a lei diz para usarmos uma equipe de britânicos. Depois descobrimos que apenas uma porcentagem da equipe tinha de ser inglesa. Scarlett estava disponível e eu a tinha visto em dois filmes e achei que ela

seria fantástica para o papel. Ela aceitou trabalhar pela pequena quantia que podíamos pagar. É um outro estilo de filmagem e ela estava disposta a atuar nesse esquema, pois estava mais interessada nos aspectos criativos que no retorno financeiro dos filmes. O longa todo foi permeado pela sorte. Toda vez que precisei de alguma coisa tive sorte.

O senhor concordaria que esse filme é uma espécie de primo de *Crimes e Pecados*, de 1989?

Allen: É engraçado, não vejo nenhuma similaridade entre os dois. Não é mais parecido com *Crimes e Pecados* do que com *Trapaceiros* que também envolve um crime. *Crimes e Pecados* é, na verdade, um filme metade cômico, metade sério – é uma coisa mais religiosa. Eu estava naquele filme e parte dele era comédia sobre televisão e sobre me firmar como artista. Não vejo nenhuma similaridade a não ser que ambos têm um crime na trama. Mas isso não significa que eu esteja certo.

Filmar em Londres realça um tipo de melancolia no seu trabalho? O sehor acredita que ainda fará comédias em Nova York?

Allen: Escrevo a idéia que tenho no momento. Neste momento escrevi uma idéia e ela poderia ser feita em Nova York se conseguisse dinheiro suficiente sem ninguém para dar opiniões. Portanto não foi Londres que foi melancólica. Foi só a idéia que me veio à cabeça. Meu próximo filme é uma comédia e filmarei em Londres. Mas isso não é nenhuma tendência ou algo mais profundo.

O senhor vai atuar em seu próximo filme?

Allen: Sim. Para falar a verdade, vou sim, mas por pura chance. Quando escrevo um filme, e tem um papel para mim, interpreto. Se não tem, não interpreto e fico feliz de qualquer maneira.

Este é seu trigésimo sexto filme. Quanto disso é paixão e quanto é força do hábito?

Allen: É só uma distração para mim. Faço filmes por que se não os fizer não tenho nada com que me distrair. Vivo combatendo a depressão, o terror e a ansiedade. Então se estou constantemente fazendo alguma coisa, escrevendo, atuando, dirigindo e editando é algo terapêutico para mim. Mas não é algo habitual ou pelo dinheiro. Sou capaz de criar um mundo de personagens, de belas mulheres, homens charmosos, períodos, ótimas locações, bons diálogos e situações interessantes para me entreter e não ter de viver durante um ano no mundo real. E, quando termina, tenho de retornar para a vida real e isso é sempre cheio de problemas. Portanto crio um novo filme e me enterro nele. Esta resposta é mais do que você queria para a sua perguntinha.

O que faz você entender tão bem as mulheres?

Allen: Não é nenhum acidente. Quando comecei, só escrevia personagens masculinos, quase sempre para mim. Mas depois, e já contei essa história inúmeras vezes, comecei a sair com Diane Keaton e nos tornamos muito próximos. Foi quando descobri que podia escrever para ela e para qualquer mulher na hora que precisasse. Este personagem de Jonathan, é a primeira vez em sei lá quantos anos que consigo escrever um personagem masculino. Geralmente só escrevo papéis femininos. Devo achá-las dramaticamente interessante, pois homens têm uma tendência generalizada pela sociedade que os obriga a ser machões e a guardar suas emoções. Elas seguem seus sentimentos mais que os homens e conseqüentemente se tornam melhores personagens dramáticos.

Scarlett, você gostou da personagem Nola?

Johansson: Sim. Quero dizer, claro que gostei da personagem e por isso decidi participar do filme. Woody me disse que mesmo se não gostasse esperava trabalhar comigo no futuro. Não sei exatamente se ela é uma mulher fatal. Acho que ela é uma garota sexy que sobrevive como pode. Ela é muito carente, quer um estilo de vida confortável e encontrou o que procura em Tom. Não sei se ela é tão sedutora e fascinante. Quero dizer, acho ela sensual e que, como qualquer outra mulher, vai atrás do que quer quando precisa.

> "Michael Bay comparado a Woody Allen? A diferença entre trabalhar com cada um é a mesma de se assistir a um filme deles"
>
> *Scarlett Johansson*

PLAYARTE

O personagem de Jonathan se parece com o de *Pacto Sinistro* (*suspense dirigido por Alfred Hitchcock em 1951*). Existe uma necessidade de repressão no final do filme?

Allen: Você está certo. Meus sentimentos eram que no final o personagem de Jonathan não estava em um bom lugar. Ele sacrificou a si mesmo por seu apetite de vida e por sentir mais paixão pela personagem de Scarlett que pela mulher com quem se casou. Ele não queria muito ter um filho e depois ainda ficar sufocado naquele escritório onde está trabalhando. Ele atingiu e está satisfeito com um certo status social, mas a verdade é que suas paixões, emoções, anseios de vida e ambições que tinha no começo do filme foram sacrificados para que pudesse viver esse confortável estilo de vida a que se acostumou. Ele está disposto a ir aos extremos para preservar isso e quando o faz é a um tão alto custo de muitas, muitas maneiras. •

mistérios do

Memórias de Uma Gueixa ganha os cinemas após anos de incubação com um polêmico elenco internacional, o diretor de *Chicago* e a missão de desvendar os segredos de uma arte milenar

oriente

Quando a atriz Ziyi Zhang (*O Tigre e o Dragão*) é "revelada" como gueixa pela primeira vez, é difícil segurar o fôlego: ela surge pálida, montada em tamancos de plataforma, em uma performance melancólica de uma mulher que é deixada pelo homem que ama e precisa decidir seu destino. É uma metáfora que acompanha a personagem de Ziyi em *Memórias de Uma Gueixa*, a menina Sayuri, vendida pelos pais, pescadores pobres, para servir em uma casa de gueixas em Tóquio. Em parte por causa dos hipnotizantes olhos azuis, ela é escolhida para ser treinada e, também, vir a ser mestre na arte de seduzir e encantar os homens – até ser conhecida como a maior de todas elas. *Memórias de Uma Gueixa*, o livro de Arthur Golden, tornou-se best-seller por retirar alguns dos véus que deixavam o mundo dessas artistas envolto em mistério – o que também lhe valeu críticas agudas de setores conservadores no Japão. Steven Spielberg, que assina como produtor, flertou com a idéia de transformar a obra em filme por anos – um projeto que passou pelas mãos de Spike Jonze e de Brett Ratner até pousar no colo de Rob Marshall, que acabara de fazer sua estréia como diretor de cinema com *Chicago*. "O maior desafio foi ter de cortar algumas cenas inteiras do romance", revela Marshall. "Toda a seqüência inicial na vila dos pescadores ficou de fora, assim como o epílogo, com Sayuri mais velha em Nova York." Sacrifícios feitos em nome da arte – é só a ponta do iceberg de uma produção polêmica. >>

FOTOS: COLUMBIA

Japão fanque

E o Japão ganha a cara da... Califórnia? "A idéia inicial era rodar *Memórias de Uma Gueixa* em locação", conta Rob Marshall. "Mas, depois de meses percorrendo o país, percebemos que não havia mais aldeias que não tivessem sido tocadas pela modernidade, e que nenhum bairro de Tóquio lembrava mais a cidade na época da Segunda Guerra. Decidimos, então, construir nosso pequeno Japão nos arredores de Los Angeles."

"Nunca imaginei que um homem, um ocidental, poderia entender tão bem o universo das gueixas, que ainda é um grande mistério"
Ziyi Zhang

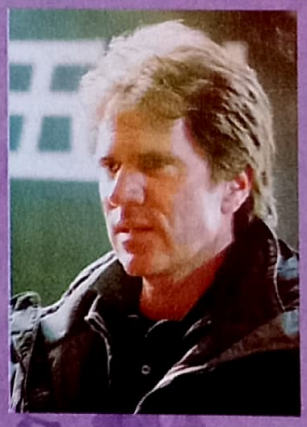
conflito psicológico Ziyi Zhang (*à esq.*) conta que, mesmo para quem treinou duro em filmes como *O Tigre e o Dragão* e *Herói*, aprender em poucos meses o que as gueixas levam uma década não foi fácil. "Senti falta de espadas", brinca. "Eu e Michelle Yeoh (*no centro*) nos damos muito bem, e as artes marciais ajudaram a compor minha luta com Gong Li (*à dir.*).

"Hoje é muito importante mostrar outros aspectos da cultura – e do cinema – oriental. Não fazemos só filmes de terror"
Ken Watanabe

babel cinematográfica Rob Marshall foi criticado por colocar atrizes chinesas no papel de mulheres japonesas – e de fazer o filme em inglês. "O livro era em inglês, então o idioma me pareceu natural", revela. "E eu não escolho meu elenco por sua nacionalidade, e sim pela adequação ao papel." Para colocar ordem no set, ele contava com intérpretes: "Gong Li é chinesa, Kaori Momoi, que faz Mãe, é japonesa – e nenhuma fala inglês! Mas, curiosamente, todos se entendiam". •

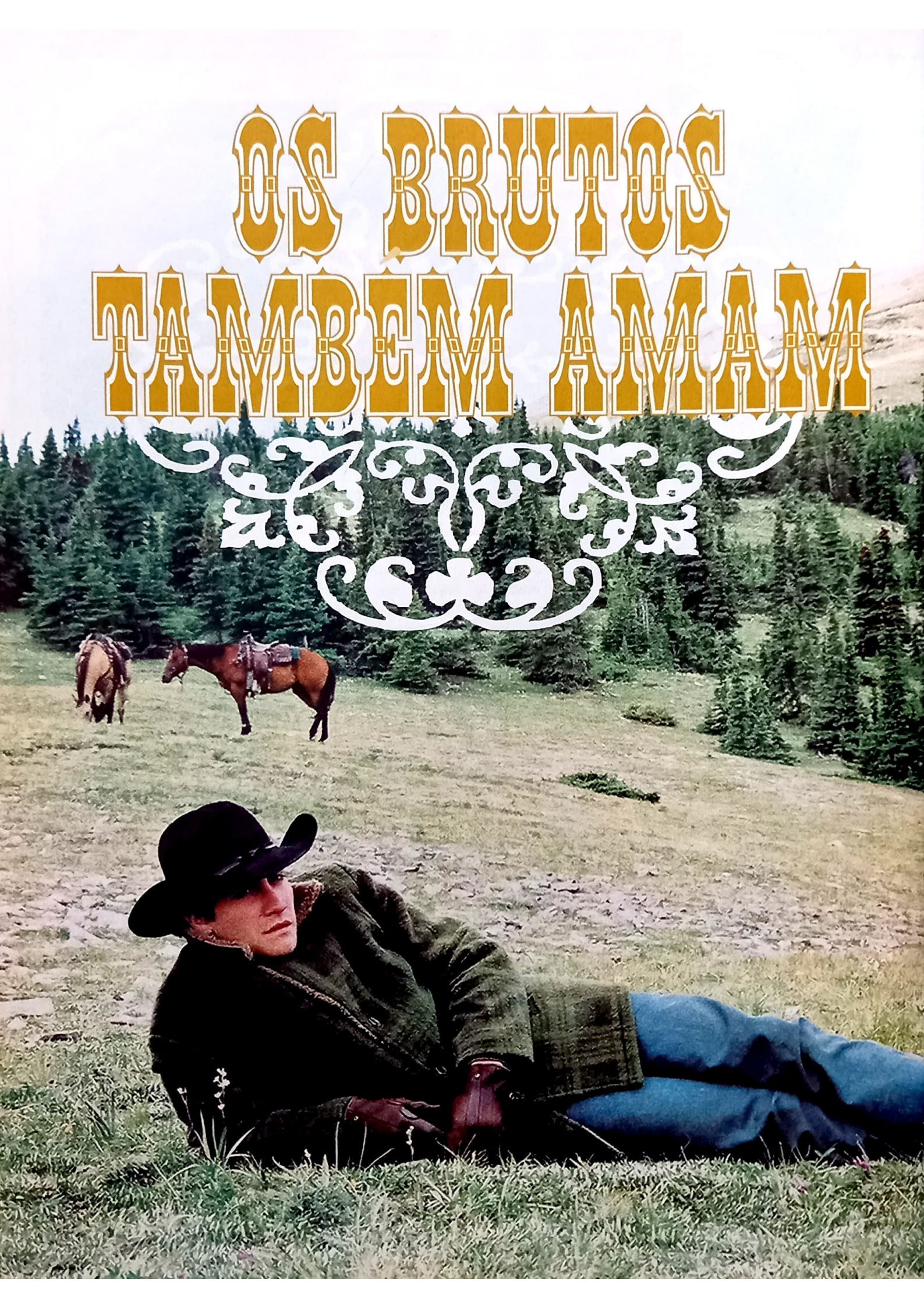
bendito fruto

Em um mundo – ou, pelo menos, um set – dominado por mulheres, Ken Watanabe, que é japonês, ajudou suas colegas chinesas a manter a autenticidade de seus costumes. "Mas eu ainda não sei quase nada sobre os mistérios das gueixas", brinca. "Ainda estou aprendendo."



"O idioma foi um problema, mas às vezes os atores traziam sugestões, em sua língua natal, no meio de uma cena – e eu entendia!"
Rob Marshall

OS BRUTOS TAMBÉM AMAM



HEATH LEDGER FALA SOBRE COMO ANG LEE O TRANSFORMOU EM UM ATOR MELHOR EM *O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN*, O FILME QUE RENOVOU SUA CARREIRA E O TORNOU UM HOMEM DE FAMÍLIA

TEXTO POR ANNA BELS
ENTREVISTA POR EARL DITTMAN/IFA

receita tinha tudo para não dar certo.

Um diretor taiwanês com uma dezena de filmes no currículo, sete deles no Ocidente, e entre esses títulos, gêneros tão diversos como a adaptação de Jane Austin de *Razão e Sensibilidade*, outra adaptação dos quadrinhos do monstro verde digital *Hulk*, o drama contemporâneo *Tempestade de Gelo* e a fábula milenar *O Tigre e o Dragão*. Um protagonista bonitinho e principiante. Um outro ídolo adolescente a fim de mudar o conceito de carinha bonita para ator competente. Uma história de amor homossexual entre caubóis nos Estados Unidos da década de 60.

É, tinha tudo para dar errado... Só que a delicadeza e a timidez na direção de Ang Lee, extraíram a mais sincera atuação de Jake Gyllenhaal e Heath Ledger e fez da indigesta combinação, *O Segredo de Brokeback Mountain*, deleite: cada parte da mistura conseguiu atingir na exata medida seus intuitos e o público ganhou um filme adulto. Adaptação do conto de Anne Proulx publicado pela primeira vez na revista *The New Yorker* em 1997, *O Segredo de Brokeback Mountain* tornou-se cultuado por não rotular a relação entre os caubóis Ennis Del Mar (Ledger) e Jack Twist (Gyllenhaal) como "um caso gay", mas por encará-la como uma história de amor sincera e honesta.

Amores impossíveis: Ennis Del Mar (Heath Ledger) e Jack Twist (Jake Gyllenhaal) contemplam seu romance proibido – e suas vidas estéreis ao lado de Lureen (Anne Hathaway) e Alma (Michelle Williams)

Ang Lee leu o roteiro pela primeira vez em 2002, pouco antes de rodar *Hulk*. "Eu não conseguia tirar a história da cabeça", conta. Depois de Gus Van Sant e Joel Schumacher flertarem com o material, Lee topou dirigir o projeto, terminando com seis anos de desenvolvimento infrutífero. Por mais complicado que fosse conseguir financiamento para o filme (digamos que "western" ou "história de amor gay" não parecia exatamente uma proposta vendável), o diretor levantou 11 milhões de dólares para a produção ao garantir Gyllenhaal e Ledger como protagonistas, e partiu para o Canadá ("dublando" as montanhas do Wyoming) para materializar a história de Proulx. Os resultados estão estampados em todo lugar neste mundo pré-Oscar: *Brokeback Mountain* ganhou o Globo de Ouro, o Festival de Veneza (e saiu no topo de praticamente todas as listas de melhores de 2005 do planeta) e, até o momento, já faturou mais de 50 milhões.

Para Heath Ledger, entretanto, a produção teve um "bônus". Ele conheceu a atriz Michelle Williams, que interpreta Alma, mulher de Ennis, e se apaixonou pela colega de trabalho (os dois hoje moram juntos no Brooklyn, em Nova York, e tiveram uma filha). Além disso, o ator reconquistou o respeito por seu trabalho, que se encontrava numa espécie de "limbo" hollywoodiano com atuações equivocadas e/ou pouco vistas, e, aos 26 anos, recomeçou sua carreira. É sobre sua nova vida – e sobre *O Segredo de Brokeback Mountain* – que ele conversa com SET a seguir.

Como é ser uma celebridade que mora no Brooklyn?

Sei lá. Nunca considerei a parte "célebre" de minha vida algo incrível (*risos*). Definitivamente, mudar para o Brooklyn foi uma das melhores decisões que já tomei na vida. As relações são verdadeiras e os vizinhos, amigos de verdade. Do tipo que chega a sua casa com lasanha caseira. Michelle (*Willians*), eu e nosso bebê vamos às reuniões da vizinhança, confraternizações de Natal e tal. É sensacional (*risos*).

Você e Michelle são tão felizes na vida real, mas em *O Segredo de Brokeback Mountain* são infelizes juntos. Como foi trabalhar isso?

Sim e não. Porque eu nunca tinha me apaixonado por uma atriz com a qual contracenei. Foi uma experiência totalmente nova para mim, mas em nenhum momento afetou o desempenho e o comprometimento profissional. Até porque somos muito responsáveis e ambos apaixonados pela história que estávamos contando. Aliás, era muito bom, chegar em casa e fugir daquele mundo tão triste e solitário que criamos para nossos personagens. Era tão absurdamente solitário no set, que estar com alguém com quem você realmente se preocupa ao final das gravações era ainda melhor.

O que você acha de *O Segredo de Brokeback Mountain* ser seu retorno a um grande personagem? Você se sente voltando para a lista dos mais-mais de Hollywood?

Não necessariamente. Há algum tempo venho fazendo escolhas que sei que me fariam amadurecer como pessoa e como ator. Nesse último ano trabalhei em *Os Irmãos Grimm* e *Os Reis de Dogtown*, em *Casanova* e em *Candy*, uma história de amor entre junkies. Tudo que fiz antes disso era chato, as performances me entediavam assim como os filmes. Então, sinto como se tivesse de fazer escolhas idiotas. Parece meio autodestrutivo, mas senti que tinha de fazer esse caminho.

Não foi meio que uma rebelião contra seu reinado de adolescente bonitinho?

Sim, porque eu estava fazendo só escolhas estúpidas (*risos*). Acho que você pode dizer que foi uma rebelião contra o lado célebre de mim mesmo.

Muitos críticos consideraram *O Segredo de Brokeback Mountain* o filme de amor mais corajoso do ano. O que você acha dessa consideração?

Bem, é a opinião deles. Quero dizer, não sei. Estamos apenas contando uma história de amor, independentemente de adjetivos. Nunca achei que fosse assim tão corajoso ou arriscado.

Não há risco algum em um filme como *O Segredo de Brokeback Mountain*?

Não para mim. Sinto-me bem seguro agora (*risos*). Sempre estive tranqüilo sobre a temática do filme, e acho desconcertante ser considerado ousado ou arriscado. Para mim, foi uma excelente oportunidade trabalhar em um projeto brilhante de um diretor brilhante. Fiquei envolvido com um personagem tão complexo e uma história que ainda não havia sido contada. É uma história tão diferente e inédita que nunca deixaria passar.

Você acha que o longa promove a idéia de um casamento gay no sentido mais pleno?

Talvez. Espero que sim. O filme não tem aspirações políticas, mas se promover alguma mudança positiva, ótimo!

Quanto da relação entre você e Jake Gyllenhaal é baseada em amor e quanto é pura luxúria e desejo sexual?

Acho que eles vão aprofundando um amor instintivo. E a atração sexual é parte disso. Por isso, a primeira cena de amor entre os dois é tão importante. Porque esse sentimento parece sempre uma luta para ambos. E acho que o único jeito que eles conseguem expressar algum sentimento é com violência. Mas ao mesmo tempo, há todo um lado vulnerável dos personagens à mostra. Jack Twist meio que aponta o caminho de como manifestar a emoção que eles têm um pelo outro.

Seu personagem é muito agressivo e reprimido emocionalmente... >>

"EU NUNCA HAVIA ME APAIXONADO POR UMA ATRIZ COM A QUAL CONTRACENEI, MAS EM NENHUM MOMENTO ISSO AFETOU O NOSSO DESEMPENHO PROFISSIONAL", HEATH LEDGER SOBRE MICHELLE WILLIAMS

FOTOS: EUROPA

Acredito que sim. Uma das suas formas de expressão mais fáceis é a violência. Acho que ele pune a si mesmo porque odeia a maneira como é amado e se apaixona. Ele é essencialmente um homofóbico apaixonado por outro homem. Por isso ele é confrontado pela esposa e desconta em todos ao seu redor, além de não fazer nada para deixar sua vida menos miserável. Ele precisa sentir dor e se punir.

Como foi trabalhar com Ang Lee?

Incrível! Há dois aspectos a considerar: a pré-produção, na qual conversamos incansavelmente e consideramos as observações dele para a história e nossos personagens... ele é tão detalhista... E quando estávamos filmando era apenas o silêncio. Ele nunca dizia nada, nem de bom nem de ruim. Apenas nos deixava atuar. Uma experiência bem curiosa. Gostei.

Você não precisa da aprovação de seu diretor?

Acho que ele tem essa filosofia de que nos muniu com tanta informação antes das filmagens e que fizemos tanto dever de casa que será nossa culpa exclusivamente se não estivermos à altura do que ele ofereceu. Ang acredita no trabalho que fez conosco e na nossa responsabilidade.

É mais fácil para você como ator trabalhar assim?

Sim e não. Em alguns momentos é bem solitário e em outros, desesperador. Lembro-me de uma manhã, em que terminei uma cena em que eu e Jack conversávamos e ele vinha com aquele 'Yee-haw'. Eram cinco horas da manhã e minha voz não estava aquecida para a cena e perguntei: "Alguma direção?". Eu ouvi minha voz estridente, fria mesmo. E ele respondeu: "A luz está boa". E saiu! Toda noite eu voltava para casa com um ponto de interrogação sobre como tinha sido minha performance e com vontade de fazer melhor (*risos*).

Você chegou a pensar que *O Segredo de Brokeback Mountain* poderia ser o filme do ano ou algo do tipo?

Não. Nunca criei grandes expectativas sobre os filmes nos quais estou trabalhando. E quando assisti a ele pela primeira vez, não consegui saber que tipo de reação as pessoas teriam ao vê-lo. Michelle e eu o vimos juntos, e só conseguimos comentar algo como, "Você estava bem!" (*risos*). Não conseguíamos chegar a uma opinião até que nos misturamos aos espectadores no Festival de Veneza e assistimos como alguém que não estivesse envolvido com o projeto. Nesse dia, captei a força da história e me senti extremamente orgulhoso. Senti o dever cumprido e foi lindo.

O que o atraiu a *Casanova*?

O estilo de vida (*risos*). Depois de *O Segredo de Brokeback Mountain*, não conseguiria voltar tranqüilamente para a vida doméstica. Precisava de um personagem mais leve. E em *Casanova* não levamos o personagem muito ao pé da letra. Emprestamos seu nome e sua fama e nos divertimos um bocado. Era o que eu precisava.

Você e Michelle têm planos de trabalharem juntos novamente?

Com certeza. Nos divertimos muito atuando juntos. Ela é uma atriz maravilhosa e não estou dizendo isso só porque a amo e ela é a mãe de minha filha. Considero-a uma atriz fantástica.

Você já sabe o que vai fazer na seqüência?

Não. Provavelmente só voltar para casa. (*risos*)•

"FIZ *CASANOVA* POR CAUSA DE SEU ESTILO DE VIDA. DEPOIS DE *O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN* EU NÃO CONSEGUIRIA VOLTAR TRANQÜILAMENTE PARA A VIDA DOMÉSTICA"

FILTRO

o guia de entretenimento

CINEMA 64
DVD & VÍDEO 70
TELEVISÃO 78
MÚSICA 82
LIVROS & HQS 86
GAMES 87
EQUIPAMENTOS 88

THE HISTORY CHANNEL

78

TELEVISÃO

EM BUSCA DA VERDADE

Aventureiro com pinta de Indiana Jones desvenda enigmas da humanidade, como a Arca Perdida e o Santo Graal

PARIS

64

CINEMA

BOA NOITE E BOA SORTE

George Clooney segue carreira como diretor ao mostrar briga de jornalista contra o macarthismo dos anos 50 nos EUA

PARAMOUNT

70

DVD & VÍDEO

QUATRO IRMÃOS

Material extra enfatiza referência ao faroeste dos realizadores de drama familar estrelado por Mark Wahlberg

FOX

82

MÚSICA

JOHNNY CASH

Coletânea serve para quem desconhece a carreira, mas não para quem acompanhou a vida da lenda retratada em *Johnny & June*

DIVULGAÇÃO

87

GAMES

KING KONG

Com pitacos de Peter Jackson durante a criação para manter capricho técnico e visual, jogador pode viver gorila gigante ou o pseudo-herói Jack Driscoll

SET sem fio

Receba as dicas do FILTRO em seu celular **Envie agora para o número 55000 uma mensagem com o texto LIG FILTRO. Você receberá as estréias de cinema, TV e DVD em seu celular via SMS. Disponível para celulares Oi. Sete notícias por semana, apenas R$ 0,15 por mensagem.**

COLUMBIA

Hoffman: "Gente, não ria... Eu ganhei o Globo de Ouro, tá!"

CAPOTE

Drama acompanha escritor durante a pesquisa de sua obra-prima *Por Rodrigo Salem*

CAPOTE, EUA, 2005. DE BENNETT MILLER. COM PHILIP SEYMOUR HOFFMAN, CATHERINE KEENER, CLIFTON COLLINS JR., CHRIS COOPER, BRUCE GREENWOOD. 98 MIN. HTTP://WWW.SONYCLASSICS.COM/CAPOTE/ COLUMBIA. DRAMA

Meses antes de *Capote* estrear nos Estados Unidos, o burburinho era alto como em um boteco carioca numa sexta-feira de verão. Alto, muito alto. Críticos especiais, convidados por pessoas mais especiais ainda, pregavam a palavra de ordem em relação à obrigatória indicação de Philip Seymour Hoffman para o Oscar. Quando o longa finalmente estreou, não houve quem dissesse o contrário. Tirando algumas raras associações de resenhistas, Hoffman e seu retrato intenso do escritor Truman Capote eram cartas certas nos baralhos das premiações.

Assisti ao filme no reduto dos inimigos, entrando de "penetra" numa sessão para VIPs em Nova York, há alguns meses. Não havia um lugar no cinema e o ar exigia padrões nas alturas – afinal, tanto Capote quanto Hoffman são ícones da Grande Maçã, apesar de o primeiro ter nascido em Nova Orleans. A pressão não pareceu assustar o diretor iniciante Bennett Miller, que soube focar bem a trama do filme e capturar todas as facetas polêmicas e geniais de seu retratado. Isso se deve ao fato de *Capote* não ser a biografia completa do autor, mas a captura dele durante a realização e pesquisa de *À Sangue Frio*, livro que cimentou o conceito de literatura jornalística nos Estados Unidos.

O filme não é hermético como se espera. Quem nunca leu a obra-prima de Capote pode digerir com facilidade a história do escritor que sai de Nova York para uma pequena cidade do Kansas para investigar a morte de toda uma família de classe média alta – sempre acompanhado de Harper Lee (Catherine Keener), antes da fama de *To Kill a Mockingbird*. Na verdade, a investigação não é sobre quem foram os culpados (dois jovens capturados poucas horas depois), e sim acerca de quem eram os culpados e suas vítimas. Nessa caminhada, conhecemos um pouco sobre Truman, que se vê em um dos assassinos ("É como se tivéssemos crescido na mesma casa. E um dia ele saiu pela porta dos fundos e eu saí pela da frente.") e sua pesquisa se torna cada vez mais complexa e, aparentemente, pessoal. Há flashes do escritor meticuloso, do sujeito arrogante, do investigador objetivo, do homossexual histérico e do palestrante cativante. Não é qualquer ator que conseguiria capturar tamanhos extremos. Mas Philip Seymour Hoffman não é um ator qualquer. Nem Truman falaria o contrário.

Rodrigo Salem

NOTA: 8,5

A MULHER DE MEU IRMÃO

LA MUJER DE MI HERMANO, MÉXICO/PERU, 2005. DE RICARDO DE MENTREUIL. COM BÁRBARA MORI, CHRISTIAN MEIER, MANOLO CARDONA. 90 MIN. FOX. DRAMA

O mexicano Jaime Bayly adaptou seu próprio best-seller, cujo sucesso local se explica em especial pela conclusão liberal e moderninha. A versão para cinema, porém, não passa de um novelão, um melodrama rasgado de pouca consistência. A bela Zoe (Bárbara Mori) percebe que, depois de dez anos, seu casamento com o jovem e milionário Ignacio (Christian Meier) perdeu a chama. Cai nos braços, então, do cunhado mais novo, Gonzalo (Manolo Cardona), um machão sacana e egocêntrico. Para se ter idéia do peso do drama, entre os temas há infertilidade, aborto, abusos e homossexualidade, num mundo de luxo, futilidades e clichês metrossexuais. Um final de moral contemporânea não isenta tanta balela. ***Christian Petermann***

NOTA: 3,5

DIZEM POR AÍ

RUMOR HAS IT, EUA, 2005. **DE** ROB REINER. **COM** JENNIFER ANISTON, SHIRLEY MACLAINE, KEVIN COSTNER, MARK RUFFALO, RICHARD JENKINS. 96 MIN. RUMORHASITMOVIE.WARNERBROS.COM. WARNER. **COMÉDIA**

Desde sua concepção, o romance *A Primeira Noite de Um Homem* – que deu origem ao filme homônimo – gerou um boato: o de que teria sido baseado em uma família de Pasadena, Califórnia. Rob Reiner (*Conta Comigo*) materializa a fofoca, colocando Jennifer Aniston como uma trintona neurótica que não sabe o que fazer da vida. Na festa de noivado de sua irmã, ela descobre por acidente que sua avó (Shirley MacLaine) teria sido a própria sra. Robinson, e que o homem que ela seduziu décadas antes pode ser seu verdadeiro pai. Com os pensamentos desencontrados, Aniston parte atrás do tal sujeito (Kevin Costner, ótimo). Apesar da premissa bacana, Reiner perde o fio da meada, e o filme não se decide entre o drama e a comédia. Mesmo assim vale uma sessão descompromissada. ***Roberto Sadovski***

NOTA: 6

CRIME DELICADO

BRASIL, 2006. **DE** BETO BRANT. **COM** MARCO RICCA, LILIAN TAUBLIB, FELIPE EHRENBERG, MARIA MANOELLA. 87 MIN. DOWNTOWN. **DRAMA**

Quarto longa-metragem de Beto Brant, *Crime Delicado* é um projeto conjunto do diretor e do protagonista, Marco Ricca. Desta vez, Brant não seduz o espectador com uma trama ágil e policialesca – entregando, em vez disso, uma obra com ritmo mais lento, que pede para ser assistida ao invés de se impor como uma crônica pitoresca da violência, na linha dos anteriores (e excelentes) *Os Matadores*, *Ação entre Amigos* e *O Invasor*. Na trama, crítico teatral culto e articulado (Ricca, mostrando por que é um dos melhores atores de sua geração), mas emocionalmente obtuso, se envolve com uma jovem que, ironicamente, não se enquadra em seus obsessivos parâmetros de estética e perfeição. É o início de um pesadelo moral, culminado em uma acusação de estupro e na lenta demolição psíquica do personagem. Tem a textura de um filme de arte, mas carrega uma mensagem suficientemente forte para estimular o debate e desnudar preconceitos atávicos que habitam o inconsciente de todos nós. ***Eduardo Torelli***

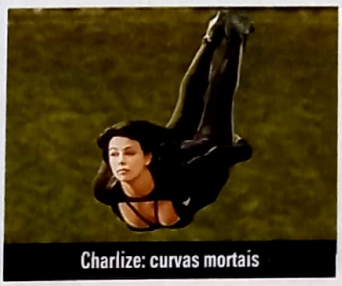
NOTA: 8

AEON FLUX

EUA, 2005. **DE** KARYN KUSAMA. **COM** CHARLIZE THERON, MARTON CSOCAS, JONNY LEE MILLER, SOPHIE OKONEDO, FRANCES MCDORMAND. 93 MIN. WWW.AEONFLUX.COM. UIP. **AÇÃO**

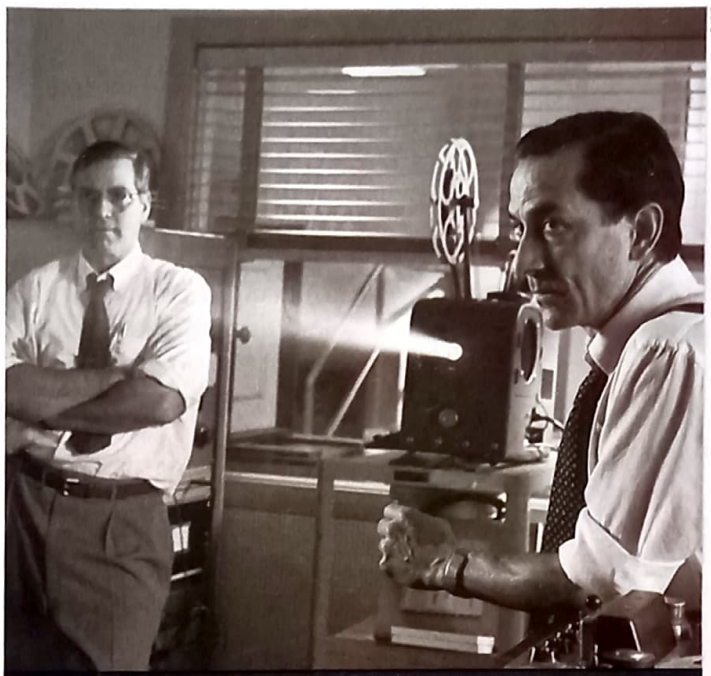
A personagem do cartoon subversivo de Peter Chung ganha a voz e o corpo de Charlize Theron nesta ficção científica estéril e de pouca ação. Charlize é Aeon, assassina a mando de anarquistas que buscam desestabilizar o governo de Trevor Goodchild (Marton Csocas), em vigor há quatro séculos, desde que uma praga varreu a humanidade e confinou os sobreviventes em uma megacidade. Ao confrontar seu antagonista, Aeon percebe que seus aliados lhe esconderam informações vitais para sua missão. Apesar de pender mais para *Tomb Raider* do que para *Mulher-Gato*, *Aeon Flux* é mais um exemplo de conceito bacana domado para o cinema que resulta num fracasso artístico e comercial. Mas, pelas curvas de Charlize, deve ter vida longa em DVD. ***R.S.***

NOTA: 5



UIP

Charlize: curvas mortais



PARIS

Clooney e Strathairn: nos bastidores da notícia

BOA NOITE E BOA SORTE

O astro George Clooney mostra coragem e talento em seu segundo trabalho na direção

GOOD NIGHT, AND GOOD LUCK, EUA/INGLATERRA/JAPÃO/FRANÇA, 2005. **DE** GEORGE CLOONEY. **COM** DAVID STRATHAIRN, GEORGE CLOONEY, ROBERT DOWNEY JR., FRANK LANGELLA, JEFF DANIELS, PATRICIA CLARKSON. 93 MIN. WWW.GOODNIGHTANDGOODLUCK.COM. PARIS. **DRAMA**

Já era possível notar que George Clooney, para todo o sempre o Dr. Ross da série *E.R.* (ou *Plantão Médico*, para os menos avisados) , levava jeito para a direção em *Confissões de Uma Mente Perigosa* (2002), seu primeiro longa como realizador. Agora, não há mais dúvida: *Boa Noite e Boa Sorte* demonstra talento inquestionável não só para extrair do elenco ótimas interpretações, algo a se esperar de um ator, mas também para conduzir a narrativa com impressionante segurança. Foi corajoso, também, ao rodar o filme em preto-e-branco sem fazer concessões às regras de dramaturgia de Hollywood. A trama apresenta uma espécie de herói, sem dúvida, mas ele é tratado como um homem comum que, diante de certas circunstâncias, revela seu caráter firme: o apresentador de TV Edward Murrow (David Strathairn), que enfrentou nos anos 50, em rede nacional, o temido senador Joseph McCarthy, conhecido pela perseguição que moveu a supostos comunistas. Clooney põe o espectador no centro nervoso da emissora CBS, usando os conhecimentos que trouxe de casa (seu pai foi âncora de TV) para dar verossimilhança à rotina tensa do departamento de jornalismo quando Murrow decide, sob ameaças, lembrar a McCarthy que o país não pertencia a ele. ***Sérgio Rizzo***

NOTA: 9

Bana e Ayelet: raro momento de felicidade

MUNIQUE

MUNICH, EUA, 2005. DE STEVEN SPIELBERG. COM ERIC BANA, DANIEL CRAIG, GEOFFREY RUSH. 164 MIN. WWW.MUNICHMOVIE.COM. UIP. DRAMA

Esqueça, por um momento, toda a polêmica, todas as implicações e toda a bagagem que acompanha este novo trabalho de Steven Spielberg. Embaixo dessa carga, *Munique* ainda é um thriller anormal de bom, tenso ao extremo, e com um perfeito equilíbrio entre drama político e filme de ação, tecido com habilidade e – principalmente – respeito. E ninguém pode acusar o diretor de parcialidade: ao retratar a suposta retaliação do Estado de Israel ao massacre de onze atletas na Olimpíada de 1972 por terroristas do Setembro Negro, Spielberg trata de não demonizar nenhum dos lados, e sim de tentar entendê-los, de refletir sobre causas e conseqüências, intolerância, medo e religião. Uma cena encapsula esse impasse com perfeição: Eric Bana, no papel do líder da equipe que caça os supostos responsáveis por arquitetar a ação em Munique, conversa com um palestino, e cada um expõe suas motivações para a guerra por aquela faixa de terra. Ambos estão errados, e ambos têm razão – um paradoxo que conduz *Munique* e faz a platéia tirar suas próprias conclusões. ***R.S.***

NOTA: 9,5

PARADISE NOW

ISRAEL, 2005. DE HANY ABU-ASSAD. COM KAIS NASHEF, ALI SULIMAN, LUBNA AZABAL, HIAM ABBASS. 90 MIN. EUROPA. DRAMA

Nos últimos dois anos, Israel e o Oriente Médio se tornaram cenários em alta quando o assunto é cinema. Cada vez mais cineastas de todo o mundo querem retratar a cultura regional e os problemas políticos internacionais que por lá acontecem. *Paradise Now* conta a curiosa história de dois amigos de infância que são recrutados para um atentado suicida em Tel-Aviv. Como cada um tem uma personalidade diferente o resultado da missão não fica muito certo até os momentos finais do longa. Um é mais sensível e questiona sua conduta. O outro é mais rígido e acredita cegamente que sua causa seja justa – e já espera sua pós-vida de mártir. O diretor Abu-Assad constrói uma atmosfera de ansiedade e tensão muito próxima da realidade que aterroriza os inocentes moradores das cidades em conflito. ***Roberto Larroude***

NOTA: 7,5

VENENO DA MADRUGADA

BRASIL/ARGENTINA/PORTUGAL, 2005. DE RUY GUERRA. COM JULIANA CARNEIRO DA CUNHA, LEONARDO MEDEIROS. 118 MIN. UIP. DRAMA

O cineasta Ruy Guerra visita pela terceira vez o universo do escritor Gabriel García Márquez – depois de *Erendira* (1982) e *A Bela Palomera* (1987) – e brinca novamente de cinema complexo, como no anterior *Estorvo* (2000). Durante uma noite de chuva, numa pequena cidade de humildes e déspotas, um crime é cometido. Este é destrinchado ao espectador destruindo as noções de tempo e espaço. Ações são vistas de ângulos diferentes e reveladores, fatos ocorrem sem ordem cronológica, e cria-se nova percepção da realidade. Apesar de cuidadoso e bem elaborado enquanto exercício dramático e estético, o filme tem ranço de cinema experimental das antigas, hermético e pesaroso. ***C.P.***

NOTA: 6,5

SYRIANA

EUA, 2005. DE STEPHEN GAGHAN. COM GEORGE CLOONEY, MATT DAMON, JEFFREY WRIGHT. 126 MIN. HTTP://SYRIANAMOVIE.WARNERBROS.COM/ WARNER. THRILLER

Syriana é um filme de escritor. É um filme complexo sobre as ramificações da busca gananciosa do homem pelo petróleo de todos os ângulos possíveis, mas Stephen Gaghan torna essa complexidade muitas vezes confusa ao jogar tantas informações simultâneas e dezenas de personagens. Se há um protagonista na obra, ele é George Clooney, um agente da CIA em ação no Irã que se torna uma marionete nas mãos da própria agência ao se transformar em um elemento perigoso para planos mais poderosos. Um desses planos pode ser a fusão de duas companhias que gerará a maior empresa petrolífera do globo, caso passe pelo aval do governo. Essa fusão pode influenciar na economia de uma monarquia árabe, cujo xeque começa a preparar seu sucessor, um príncipe bon-vivant e controlado pelos americanos ou um liberal que deseja a paz na região para alcançar a supremacia. O candidato a rei que não se importa tanto com os petrodólares ianques é assessorado por Matt Damon, um analista de energia que perdeu o filho recentemente. No meio da teia, uma história paralela sobre como terroristas podem ser formados atinge em cheio o mundo em preto-e-bran-

PONTO CRÍTICO

	Alessandro Giannini Jornal da Tarde	Celso Sabadin Cinecelso.com/Rádio Bandeirantes	Christian Petermann Guia da Folha/Estad. Gente	Marcelo Forlani Omelete	Maria Cândida Rede Record	Mariane Morisawa Estad. Gente	Miguel Barbieri Jr. Veja São Paulo	Odair Braz Jr. Herói	Pablo Villaça Cinema em Cena	Sérgio Rizzo Guia da Folha/UOL News	SET	MÉDIA
2046 – SEGREDOS DO AMOR	4.0	–	6.0	9.0	7.0	8.0	6.0	7.0	5.5	9.0	9.0	7.0
A MÁQUINA	–	–	–	–	–	6.0	–	–	–	7.0	8.0	7.0
O SOL DE CADA MANHÃ	6.0	–	7.0	8.5	7.0	–	9.0	–	–	–	7.0	7.5
OS PRODUTORES	–	8.5	6.5	8.5	7.0	7.0	6.5	6.5	4.0	7.5	9.0	7.0
SENHORA HENDERSON...	–	–	–	–	–	–	–	–	7.5	7.5	7.0	7.5
SOLDADO ANÔNIMO	4.0	–	7.5	8.0	8.0	3.0	7.5	8.0	7.5	7.0	8.0	7.0
TUDO EM FAMÍLIA	6.0	–	6.5	7.0	7.5	–	6.0	6.0	–	6.0	6.0	6.5
WOLF CREEK – VIAGEM AO...	2.0	8.5	–	–	–	–	–	7.5	–	–	8.0	6.5
XUXINHA E GUTO...	–	–	1.0	–	–	–	3.0	–	–	–	0.5	1.5
ZATHURA – UMA AVENTURA...	–	7.0	5.5	–	–	–	5.5	7.5	6.0	–	8.0	6.5

O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN

Romance proibido revela razão e sensibilidade do diretor Ang Lee

BROKEBACK MOUNTAIN, EUA, 2005. DE ANG LEE. COM HEATH LEDGER, JAKE GYLLENHAAL, MICHELLE WILLIAMS, ANNE HATHAWAY, RANDY QUAID, ANNA FARIS, LINDA CARDELLINI, KATE MARA. 134 MIN. WWW.BROKEBACKMOUNTAIN.COM. EUROPA. DRAMA

Encontrei um colega jornalista na entrada para a sessão de imprensa de *O Segredo de Brokeback Mountain* que veio logo explicando que só estava ali porque não iria de jeito algum ao cinema para assistir a esse filme. Meu colega é hétero e não é preconceituoso. E esse não se trata de um filme gay esterotipado. Não ponho minha mão no fogo pelas afirmações feitas sobre o meu colega, mas pelo novo filme de Ang Lee, com certeza. *O Segredo de Brokeback Mountain* é uma história de amor, independentemente do gênero dos seres que a vivem na tela, de uma veracidade espantosa. Quando dois tipos másculos, parceiros no duro trabalho braçal de pajear ovelhas nas montanhas rochosas do noroeste americano, descobrem a atração mútua e a impossibilidade de realizar essa relação de forma plena nos idos dos anos 60, a emoção não é dissimulada, a atuação é sublime, as reações são humanas e cotidianas. Meu colega saiu desnorteado ao fim da sessão. Esperava cenas de sexo selvagem, corpos musculosos, drama que provoca empatia com a "causa". Deu de cara com o verdadeiro e sofrido

EUROPA

Ledger e Gyllenhaal: amor estranho amor

amor gay. Ficou constrangido de ver e acredito que está sem entender até agora: quem disse que o diretor chinês de *Hulk* teria razão e sensibilidade para lhe jogar assim, sem pudor, a possibilidade de que não são só os brutos héteros que também amam. *Anna Bels*

NOTA: 9,5

co de George Bush. As tramas são bem escritas e inteligentes. Pena que não havia um Steven Soderbergh para conectá-las com louvor. Era um filme para ficar na história e não ser prejudicada por ela. *R.SI.*

NOTA: 8

ROMA: UM NOME DE MULHER

ROMA, ARGENTINA/ESPANHA, 2004. DE ADOLFO ARISTARAIN. COM JUAN DIEGO BOTTO, SUSÚ PECORARO, JOSÉ SACRISTÁN. 155 MIN. PANDORA. DRAMA

Escrito e dirigido por Adolfo Aristarain (*Lugares Comuns*), *Roma: Um Nome de Mulher* mostra um escritor veterano cheio de manias que, auxiliado por um jornalista, organiza suas memórias para seu último livro: uma biografia. Em meio a uma avalanche de sentimentos reprimidos durante anos nosso protagonista revive momentos importantes de sua infância e adolescência em Buenos Aires e maturidade na Espanha. O principal fio condutor deste drama deveria ser sua mãe (Roma), mas o longa a retrata de maneira superficial e sem sentido. Por mais que a personagem seja realmente importante, fica a impressão de que o roteiro sumiu durante as filmagens e decidiram continuar na improvisação. *R.L.*

NOTA: 4,5

ORGULHO E PRECONCEITO

PRIDE & PREJUCIDE, INGLATERRA/FRANÇA/EUA, 2005. DE JOE WRIGHT. COM KEIRA KNIGHTLEY, MATTHEW MACFADYEN, JUDE DENCH. 127 MIN. WWW.PRIDEAND- PREJUDICE.NET. UIP. DRAMA

Quem ainda não vê no perfil *mignon* de Keira Knightley (*Piratas do Caribe*) potencial para estrela de primeira grandeza pode

Keira: "Não, não vou me enforcar"

eventualmente rever sua opinião com a sua presença inebriante em *Orgulho e Preconceito*. Dizer que o filme é dela, no entanto, seria profunda injustiça com o elenco, com destaque, no departamento de veteranos, para Judi Dench (como a megera de plantão), Donald Sutherland e Brenda Blethyn (que fazem os pais de Elizabeth, a moça orgulhosa interpretada por Keira). O popular romance de Jane Austen, já adaptado diversas vezes para o cinema e a TV, ganha aqui um ajuste leve – cortesia também da "consultora" Emma Thompson, atriz e roteirista de *Razão e Sensibilidade*, igualmente baseado em Austen – que entrelaça muito bem os aspectos românticos e sociais da história, crônica mordaz da Inglaterra no final do século 18 narrada a partir das dificuldades enfrentadas por cinco jovens irmãs. *S.R.*

NOTA: 7

GANHADORES DA PROMOÇÃO GUERRA DOS MUNDOS

VERSÃO CLÁSSICA

Eduardo Ramon – SP
José Ricardo de Meireles Seabra Pinto – RJ
Marcelo F. da Frota – RS
Sidney Liszt Costa Rodrigues – Brasília, DF
Thiago Constantino – SP

VERSÃO NOVA

Ana Madalena F. de Oliveira – RJ
Antonio Ricardo Paixão dos Santos – CE
Fátima Gonçalves Ferreira – SP
José Eduardo Rojas Coppari – PR
Rita Colitana Silva – SP

PONTO FINAL

Desejo, ambição, acaso e discrepância cultural

MATCH POINT. INGLATERRA/LUXEMBURGO, 2005. DE WOODY ALLEN. COM JONATHAN RHYS-MEYERS, SCARLETT JOHANSSON, EMILY MORTIMER, BRIAN COX, MATTHEW GOODE. 124 MIN. WWW.MATCHPOINT.DREAMWORKS.COM/MAIN.HTML. PLAYARTE. DRAMA

Nada como uma mudança de ares. Woody Allen, ao deixar Nova York, seu cenário preferido, também abandonou a inércia que pareceu tomar conta de seus últimos filmes – apesar de *Melinda e Melinda* ter faíscas do velho diretor. Em Londres, Allen se vestiu de Alfred Hitchcock para compor um grande thriller sobre desejo, ambição, acaso e discrepância cultural – todo os ingredientes que o cinema britânico ama e constrói com perfeição. Não seria incorreto afirmar que *Ponto Final* é um filme anti-Woody Allen: por mais que já tenha usado de narrativas de suspense em seus trabalhos (*Tiros na Broadway* sendo o mais notável), o diretor agora se despe de longos diálogos sobre relacionamentos para testemunhar as (in)conseqüências de uma paixão arrebatadora e proibida. Para conseguir isso, abusou de sua técnica limpa (a direção é tão leve que até parece fácil) e de um elenco perfeito. Jonathan Rhys-Meyers é Chris, um tenista que nunca alcançou o topo e decide ensinar o esporte num clube de ricaços londrinos. Lá, conhece Tom (Matthew Goode) e sua irmã (Emily Mortimer, ótima), com quem se casa, sem nunca ficar muito claro a importância da situação financeira no meio. Formando o quadrilátero amoroso, Scarlett Johansson (deliciosa como nunca) é a noiva de Tom, uma candidata a atriz que atrai as atenções de Chris. *Ponto Final* segue, a partir daí, um passo cômodo e sempre inesperado até culminar num final que somente poderia sair da mente do Allen engraçado e trágico que aprendemos a admirar. ***Rodrigo Salem***

NOTA: 8,5

WARNER

Scarlett e Rhys-Meyers: quadrilátero amoroso

COLUMBIA

Belezas do Oriente: Ziyi Zhang e Gong Li

MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA

MEMOIRS OF A GEISHA, EUA, 2005. DE ROB MARSHALL. COM ZIYI ZHANG, KEN WATANABE, GONG LI, MICHELLE YEOH. 145 MIN. WWW.SONY.COM/MEMOIROFAGEISHA. COLUMBIA. DRAMA

Se você por acaso pensa que japoneses, chineses, coreanos e outros povos asiáticos têm a mesma cara e falam do mesmo jeito, está na duvidosa companhia dos responsáveis por *Memórias de Uma Gueixa*. Com a desculpa esfarrapada de que não havia atrizes japonesas para interpretar papéis de gueixa em uma produção internacional, eles recrutaram as chinesas Gong Li (*Adeus, Minha Concubina*) e Ziyi Zhang (*O Clã das Adagas Voadoras*), além da malaia Michelle Yeoh (*O Tigre e o Dragão*). Opção de mercado, nada mais – e nem mesmo é a pior das soluções usadas nessa adaptação do best-seller escrito por Arthur Golden. Todos os personagens falam inglês macarrônico, e não fica muito claro o que move as personagens, exceto o que diz respeito ao sentimento de vingança que uma gueixa veterana (Gong) devota a uma estrela em ascensão (Ziyi). O diretor Rob Marshall (*Chicago*) dá bons tratos ao visual, mas parece pouco à vontade ao lidar com a cultura japonesa. ***S.R.***

NOTA: 6

EDISON – PODER E CORRUPÇÃO

EUA, 2005. DE DAVID J. BURKE. COM MORGAN FREEMAN, KEVIN SPACEY, JUSTIN TIMBERLAKE, LL COOL J, DYLAN MCDERMOTT. 97 MIN. CALIFÓRNIA. DRAMA

Pollack (Justin Timberlake) é um jovem jornalista que investiga a corrupção dentro da força policial. Seu editor (Morgan Freeman), entretanto, está relutante e o manda procurar mais informações. Durante sua investigação, o repórter passa por maus bocados até se aliar a um dos policiais honestos. O longa conta com um bom elenco e até o ex-boy band Timberlake surpreende. As cenas de ação funcionam, apesar de não oferecer nenhuma inovação. ***R.L.***

NOTA: 6,5

FORA DE RUMO

DERAILED, EUA, 2005. DE MIKAEL HAFSTRÖM. COM CLIVE OWEN, JENNIFER ANISTON, VINCENT CASSEL. 107 MIN. WWW.DERAILEDTHEMOVIE.COM. BUENA VISTA. SUSPENSE

O maior pecado de um thriller é quando sua trama se torna tão óbvia que qualquer possibilidade de suspense é sufocada pela falta de habilidade do diretor em criar um clima – o que sobra é o desatar da trama em uma narrativa sonolenta. É o caso desta estréia da nova empresa dos ex-donos da Miramax, a The Weinstein Co.: Clive Owen ensaia um affair com Jennifer Aniston, mas o adultério não é consumado quando seu quarto de hotel é invadido por um sujeito que a violenta e passa a chantagear o personagem de Owen. A partir daí, cada clichê dos filmes do gênero é explorado pelo diretor Mikael Hafström, escoando num anticlímax exageradamente violento, completado pelo final mais inverossímel do cinema moderno. ***R.S.***

NOTA: 3

JOHNNY & JUNE

WALK THE LINE, EUA, 2005. DE JAMES MANGOLD. COM JOAQUIN PHOENIX, REESE WITHERSPOON 136 MIN. HTTP://WWW.SONYCLASSICS.COM/CAPOTE/ FOX. DRAMA

Johnny Cash é uma das maiores lendas da música. Virou o

country de cabeça para baixo com seu dedilhado rápido e constante e letras que passavam longe das adoçantes românticas do gênero. Andou com Elvis, Roy Orbison, Dylan, Lee Lewis. Enfrentou problemas com drogas não só uma, mas três vezes. Foi ator, apresentador de programa e reverenciado por roqueiros como U2 e Nine Inch Nails. A riqueza da vida de Cash nunca caberia em um longa de duas horas e é essa sensação vazia que incomoda em *Johnny & June*. O filme de James Mangold (*Garota, Interrompida*) é uma obra sólida, bem construída para que nunca ouviu "Walk the Line" ou "Hurt", mas peca por se apoiar no "manual de biografias de celebridades mortas" da atualidade que *Ray* fez tão bem: pegue um gênio atormentado (Cash, vivido por um ótimo Joaquin Phoenix, que sofre o trauma da perda do irmão), adicione um problema com as mulheres (no caso de Cash, o romance com June Carter, interpretada na medida por Reese Witherspoon), divida por uma batalha contra as drogas, multiplique por um bocado de ótimas canções e eleve ao quadrado com referências a outros mitos da música. Dentro desse formato restrito, *Johnny & June* escapa da mediocridade, porém nunca alcança a genialidade. ***R.SI.***

NOTA: 7,5

A TERRA ENCANTADA DE GAYA

BACK TO GAYA, ALEMANHA/ESPANHA/INGLATERRA, 2004. DE LENARD FRITZ KRAWINKEL E HOLGER TAPPE. COM VOZES DE MÁRCIO GARCIA E ELENCO DO *PÂNICO*. 91 MIN. PARISFILMES. ANIMAÇÃO

A Terra Encantada de Gaya é uma animação em computação gráfica que funciona. Trata-se de uma produção européia sem grandes pretensões e com traços diferentes dos utilizados no cinema hollywoodiano. Na trama, personagens de um desenho animado são transportados para o mundo real e precisam retornar ao seu mundo antes que o próximo episódio seja exibido. Infelizmente a dublagem ficou a cargo da turma do conhecido programa *Pânico*. Com exceção de uma ou outra voz, o resultado é decepcionante. Comercialmente foi uma boa idéia. Artisticamente, nem tanto... ***R.L.***

NOTA: 5

STONED – A VIDA SECRETA DOS ROLLING STONES

STONED, INGLATERRA, 2005. DE STEPHEN WOOLLEY. COM LEO GREGORY, PADDY CONSIDINE, WILL ADAMSDALE. 102 MIN. WWW.STONEDTHEMOVIE.COM. DOWNTOWN. DRAMA

Em 3 de julho de 1969, Brian Jones, ex-guitarrista e líder dos Rolling Stones, foi encontrado morto, afogado na piscina de sua mansão. Desde então, têm surgido diversas teorias sobre a morte do músico. Há quem acredite que Jones tenha sido morto a mando de Mick Jagger e Keith Richards, seus ex-companheiros de banda. Outros acham que o roqueiro – que era asmático e consumia drogas como se fossem sucrilhos – acabou sendo assassinado por traficantes. *Stoned*, estréia do cineasta Stephen Woolley, compra a tese de que Jones foi assassinado por Frank Thorogood, seu ex-mestre-de-obras. A princípio amistosa, a relação entre os dois foi sendo destruída por causa das paranóias de Jones, a falta de pagamento dos pedreiros da construção e a inveja que o mestre-de-obras sentia do estilo nababesco do roqueiro. Wooley demorou dez anos para concluir a produção. Poderia ter gasto um pouco mais de tempo na hora de elaborar o roteiro. Alguns cortes no tempo, por exemplo, só farão sentido para quem é fã e conhece a história do grupo. *Stoned* erra também ao mostrar Brian Jones como uma figura simpática, um pobre coitado que foi passado para trás por amigos e namoradas. Nada disso. Jones era um sujeito repulsivo, que gostava de espancar mulheres e sentia inveja da parceria entre Jagger e Richards. Ah, sim, como os Rolling Stones não liberaram suas canções para a produção, a trilha é feita à base de blues, pérolas do psicodelismo e rock inglês dos anos 60. ***Sérgio Martins***

DOWNTOWN

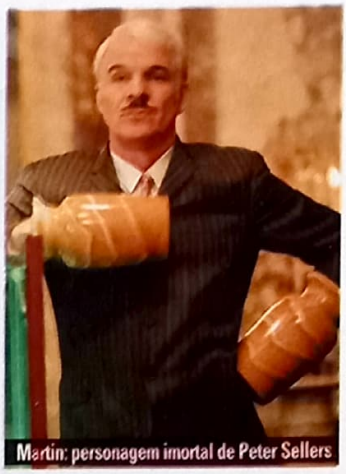
Rolam as pedras: devem rolar...

NOTA: 6

A PANTERA COR-DE-ROSA

THE PINK PANTHER, EUA, 2006. DE SHAWN LEVY. COM STEVE MARTIN, KEVIN KLINE, BEYONCÉ KNOWLES, JEAN RENO, EMILY MORTIMER. WWW.SONY.COM/MOVIES/THEPINKPANTHER. FOX. COMÉDIA

Depois de um atraso causado pela fusão da MGM com a Sony, a série de Blake Edwards imortalizada por Peter Sellers ganha nova roupagem, desta vez com Steve Martin no papel do inspetor Jacques Clouseau, um incompetente chamado pelo chefe de polícia (Kevin Kline) para desvendar o assassinato de um milionário e o roubo do diamante que batiza o filme – seu objetivo é assumir a investigação quando Clouseau fracassar e obter mais prestígo. *A Pantera Cor-de-Rosa* não é o desastre anunciado – Steve Martin brilha em certas cenas, como a que ele precisa aprender a falar com um sotaque americano –, mas é óbvia a opção dos produtores em diminuir a faixa etária de seu público-alvo: é definitivamente um filme para a criançada. O que não é pecado – mas, para os fãs de Peter Sellers que esperavam ver seu legado honrado, é um tiro no escuro... ***R.S.***



FOX

Martin: personagem imortal de Peter Sellers

NOTA: 6,5

TERRA FRIA

NORTH COUNTRY, EUA, 2005. DE NIKI CARO. COM CHARLIZE THERON, FRANCES MCDORMAND, MICHELLE MONAGHAN. 126 MIN. HTTP://NORTHCOUNTRYMOVIE.WARNERBROS.COM/. WARNER. DRAMA

Numa pequena cidade do interior de Minnesota, tudo gira em torno da exploração de uma mina. Os anos 80 são duros para aquelas pessoas, que dependem de um emprego cruel para sustentar a família. Mas é muito pior para as mulheres que se aventuram a trabalhar no local, forçando a obrigatoriedade da lei de minorias. E é pior ainda para Josey Aimes (Charlize Theron), que fugiu do marido com os dois filhos embaixo dos braços e tenta a vida de mineradora contrariando a vontade do pai e batendo de frente contra os homens da região. Ninguém precisa pensar muito sobre o resultado de tal sinopse quando Josey entra na justiça para poder ter o direito de trabalhar sem medo de ser estuprada ou de sofrer agressões. Como qualquer outro longa baseado em caso verídico do gênero "assédio-preconceito-e-tribunal", *Terra Fria* abusa de certos clichês, só não mais devastadores por causa da direção sensível de Niki Caro e a atuação segura de Theron e Sean Bean. ***R.SI.***

NOTA: 7

PARAMOUNT

Benjamin, Hedlund, Wahlberg e Gibson: vingança a qualquer preço

QUATRO IRMÃOS

Faroeste serve de inspiração para movimentado drama familiar dirigido por John Singleton por Roberto Pujol

FOUR BROTHERS, EUA, 2005. DE JOHN SINGLETON. COM MARK WAHLBERG, TYRESE GIBSON, ANDRE BENJAMIN. 108 MIN. DVD/VHS PARAMOUNT. DRAMA

No bom material extra inserido no disco de *Quatro Irmãos*, o diretor John Singleton e os roteiristas (David Elliot e Paul Lovett) não se cansam de enfatizar como o faroeste e seus ingredientes clássicos serviram de referência para o projeto, moldando personagens, cenários, narrativa, tomadas de câmera e até as seqüências de ação. Em nenhum momento, entretanto, dão algum tipo de crédito ao western *Os Filhos de Katie Elder* (1965), dirigido pelo especialista Henry Hathaway. Só pode ter sido lapso de memória coletivo, já que os dois filmes têm o mesmíssimo ponto de partida: quatro irmãos voltam a se encontrar para acompanhar o funeral da mãe e acabam se unindo para investigar seu brutal assassinato – cometido, nesta versão, durante um assalto a uma loja de conveniências. Singleton deve ter ficado bem à vontade para contar essa história de perda, vingança e redenção familiar, uma vez que a ação foi transferida para o universo urbano (locações em várias cidades canadenses, como Toronto, Hamilton e Ontário, recriando a Detroit dos dias atuais), cenário de quase todos os seus filmes. Só para refrescar a memória, ele estreou no cinema com o surpreendente drama social *Os Donos da Rua* (1991), que o consagrou como o primeiro (e, até agora, único) afro-americano a ser indicado para o Oscar de direção. Embalado por uma trilha sonora black anos 70, o filme praticamente ignora um dos temas recorrentes da filmografia de Singleton, a tensão racial, para centrar o foco na intensa amizade e cumplicidade que une os irmãos adotivos, a despeito de formarem um grupo multirracial, de personalidades heterogêneas. Marginais mirins incorrigíveis, foram recolhidos das ruas e criados pela mesma santa mulher (Fionnula Flanagan, a governanta de *Os Outros*), uma ex-hippie que dedicou a vida a encontrar lares decentes para órfãos problemáticos. Em busca de respostas para a tragédia, descobrem que a morte dela não foi exatamente uma fatalidade do destino. *Quatro Irmãos* está longe de ser uma obra-prima, mas funciona bem como filme de ação e drama familiar. Além disso, traz duas ótimas seqüências que atestam a competência de Singleton: o longo tiroteio na casa, e a tocante conversa imaginária que os irmãos têm com a falecida à mesa. Mark Wahlberg, na pele do irmão mais velho, faz uma perfeita recriação dos heróis vividos por John Wayne: implacável, protetor, carismático, solidário e solitário. Os extras trazem especiais, comentário em áudio do diretor, nove cenas deletadas e trailer de cinema.

FILME: 7 EXTRAS: 8

WALLACE & GROMIT – A BATALHA DOS VEGETAIS

WALLACE & GROMIT: THE CURSE OF THE WERE-RABBIT, INGLATERRA, 2005. DE NICK PARK E STEVE BOX. COM AS VOZES DE PETER SALLIS, RALPH FIENNES. 85 MIN. DVD/VHS UNIVERSAL. ANIMAÇÃO

Mesmo com todo o avanço técnico dos desenhos digitais, é incrível como a animação quadro a quadro continua a atrair multidões. Claro que *Wallace & Gromit* contam com uma ajudinha da tecnologia, mas o grande charme está justamente na imperfeição. Prova disso é o sucesso de *A Fuga das Galinhas*, trabalho anterior que o diretor Nick Park fez com seu colega Peter Lord. Com parceiro novo (Steve Box), ele resolveu levar antigos personagens de curtas para se aventurar em um longa-metragem. Wallace e seu fiel parceiro canino Gromit estão às voltas com um monstro que ameaça uma grande competição de vegetais. Na versão legendada, fique atento à presença de Ralph Fiennes e Helena Bonhan Carter (que também esteve em outro exemplar do gênero, *A Noiva-Cadáver*). Irresistível. ***Ricardo Matsumoto***

FILME: 8,5 EXTRAS: N.A.

UNIVERSAL

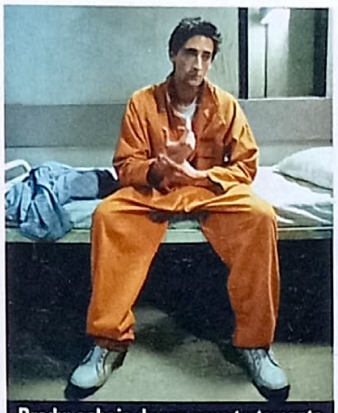
Animação quadro a quadro: charme

CAMISA DE FORÇA

THE JACKET, EUA/ALE., 2005. DE JOHN MAYBURY. COM ADRIEN BRODY, KEIRA KNIGHTLEY. 90 MIN. DVD/VHS IMAGEM. SUSPENSE

História nervosa protagonizada por Adrien Brody, *Camisa de Força* mostra um veterano da Guerra do Golfo que se transporta para uma guerra psicológica e temporal quando retorna à sua cidade natal após levar um tiro na cabeça. Primeiro, ele sofre de amnésia, depois, é acusado do

IMAGEM



Brody: cobaia de um novo tratamento

assassinato de um policial. Assim é recolhido em uma clínica psiquiátrica e vira cobaia de um novo tratamento que consiste em ter drogas experimentais injetadas em seu corpo, ser imobilizado em uma camisa-de-força e, com freqüência, trancado por um longo tempo em uma gaveta de cadáveres, no necrotério da clínica. Acha que já sabe da história toda? É só o começo do thriller muitíssimo bem dirigido por Maybury. ***A.Be.***

FILME: 8 EXTRAS: N.A.

VLADO – 30 ANOS DEPOIS

BRASIL, 2005. DE JOÃO BATISTA DE ANDRADE. 90 MIN. DVD/VHS EUROPA. DOCUMENTÁRIO

É um projeto pessoal, uma dívida que o diretor João Batista de Andrade disse ter com o colega e amigo Vladimir Herzog. Trinta anos depois da morte do então diretor de jornalismo da TV Cultura durante tortura no Doi-Codi (órgão de repressão política da ditadura), essa página negra da história nacional volta à tona pelos relatos emocionados de amigos e familiares. Há imagens inéditas do ato ecumênico que reuniu 8 mil pessoas na Catedral da Sé, mas se prepare para muitos closes. O poder do documentário reside nas palavras daqueles que também experimentaram sessões de "pimentinha" (choques elétricos) e tiveram a infelicidade de ouvir o "interrogatório" de Vlado. É de doer a espinha. ***Suzana Uchôa Itiberê***

FILME: 7,5 EXTRAS: N.A.

A LUTA PELA ESPERANÇA

Russell Crowe interpreta boxeador aposentado que volta ao ringue durante a Grande Depressão

CINDERELLA MAN, EUA, 2005. DE RON HOWARD. COM RUSSELL CROWE, RENÉE ZELLWEGER, PAUL GIAMATTI. 144 MIN. DVD/VHS BUENA VISTA. DRAMA

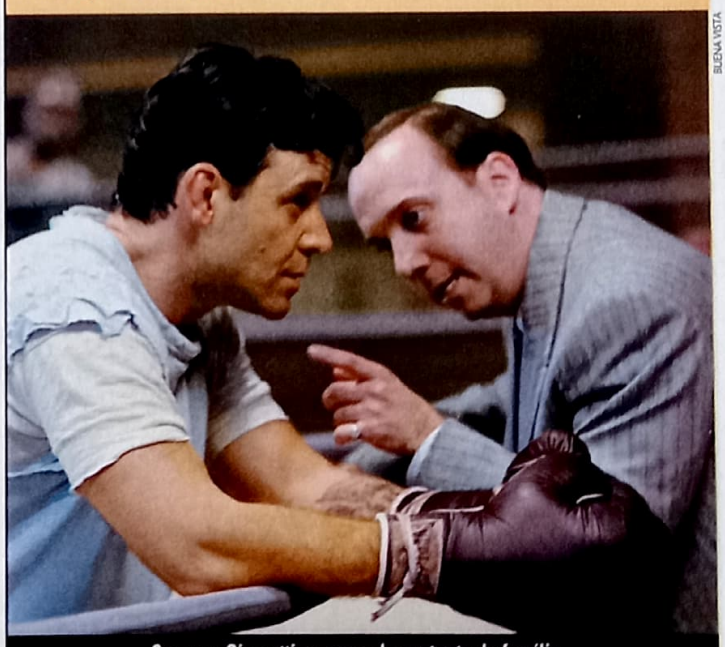
Feito para emocionar: essa é a melhor constatação quando sobem os créditos de *A Luta pela Esperança*. O diretor Ron Howard deve ter cronometrado minuciosamente a edição para alterar com tamanha precisão cenas pitorescas de família, sofredoras de um chefe do lar e nervosas de um lutador nato. Em momentos consegue emoções genuínas do expectador e identidade com o Cinderella Man Jim Braddock, em outros, não. Seu intérprete, Russell Crowe, tem expressão sofrida demais, típica de um pai que não tem com que alimentar a família durante a Grande Depressão. Ele se agarra ao boxe, mesmo quando obrigado a se aposentar por causa de sucessivas derrotas e viver de mascates, como a única oportunidade de recuperar a própria dignidade e proporcionar fartura à família.

Tamanha perseverança e boa índole conferem a Jim o apelido de "Cinderella Man", ícone de esperança dos desfavorecidos da época, e lhe oferecem a oportunidade de voltar ao ringue. Surpreendentemente, um Jim fraco pela desnutrição e com o punho machucado vence três lutas consecutivas e vai enfrentar o atual campeão mundial dos pesos pesados, que já matou dois lutadores no ringue.

Mesmo em tempos contemporâneos difíceis e sendo absolutamente crente em milagres, é difícil acreditar nas felizes e permanentes emoções de Jim e sua família. Tanto que, mesmo com críticas positivas, o filme não fez assim tanto sucesso de bilheteria e teve rede americana de cinema, por exemplo, aceitando dinheiro de volta de quem não gostasse do conto de fadas de um Cinderella vestindo luvas de boxe. ***Anna Bels***

FILME: 7,5 EXTRAS: N.A.

BUENA VISTA



Crowe e Giamatti: socos pelo sustento da família

O MENINO DOS CABELOS VERDES

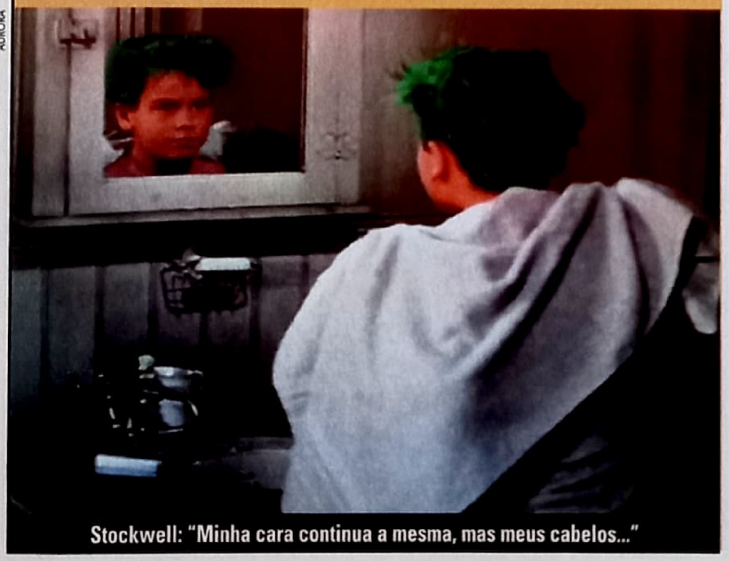
Fábula comovente critica o preconceito racial no final da década de 40

THE BOY WITH GREEN HAIR, EUA, 1948. **DE** JOSEPH LOSEY. **COM** DEAN STOCKWELL, PAT O'BRIEN, ROBERT RYAN, BARBARA HALE. 82 MIN. DVD AURORA. **DRAMA**

Por volta de 1948, não era freqüente discutir a diversidade. Mas no primeiro de seus notáveis 32 longas, o americano Joseph Losey (1909-1984) fez isso, tratou da questão do ser diferente. No caso, o menino Peter (Dean Stockwell), que, repentinamente, se vê com os cabelos verdes. Aquilo que parecia pitoresco se transforma em elemento de opressão. Sem que ninguém consiga fazer os cabelos voltar à tonalidade normal e em meio à busca de justificativas para essa alteração, Peter passa a ser hostilizado. Além da ousadia na abordagem da história, Losey já demonstrava evidente preferência por enfocar seres humanos lutando contra o imponderável, o inexplicável. E sempre em determinados contextos sociais marcados por fortes atitudes repressivas da coletividade. Foi o que fez, por exemplo, em *Monsieur Klein*, que transcorre na Paris ocupada pelos nazistas, e no premiado *O Mensageiro*, ambientado na Inglaterra do início do século 20. Aqui, em uma pequena cidade americana, boa parte da população age de forma radical e preconceituosa. *O Menino dos Cabelos Verdes* ganhou fama justa por ser uma audaciosa parábola sobre a intolerância em geral e, especificamente, daquela provocada na época pela intensa perseguição aos artistas movida pela Comissão de Atividades Antiamericanas que notabilizou o senador MacCarthy. Tanto que Losey, para escapar dos inquéritos, por volta de 1950, exilou-se na Inglaterra. Mas o filme é extraordinário também pelo seu clima poético, apoiado em um Tecnicolor elaborado com precisão e uma bela e melancólica música. Uma fábula comovente. ***Alfredo Sternheim***

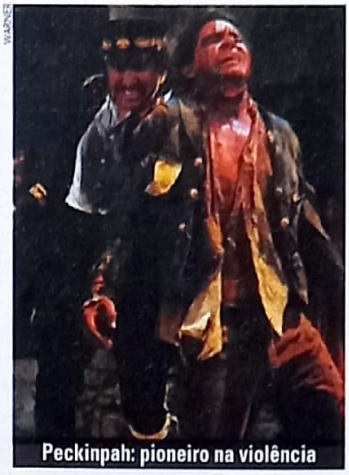
FILME: 9 **EXTRAS:** 5

AURORA



Stockwell: "Minha cara continua a mesma, mas meus cabelos..."

WARNER



Peckinpah: pioneiro na violência

MEU ÓDIO SERÁ SUA HERANÇA

THE WILD BUNCH, EUA, 1969. **DE** SAM PECKINPAH. **COM** WILLIAM HOLDEN, ERNEST BORGNINE. 134 MIN. DVD WARNER. **WESTERN**

O diretor Sam Peckinpah passou à história como o "esteta da violência", pavimentando o caminho para os Walter Hills e Tarantinos que vieram depois. Ao criar uma linguagem e definir o tom certo para fitas tão dramáticas quanto sanguinárias, corrompeu nossa inocência mas, também, ofereceu um viés mais honesto da agressividade humana. Este western talvez seja sua obra quintessencial – é uma história de bandidos anticonvencional, em que, por forças das circunstâncias, acabamos torcendo por uma quadrilha (liderada por William Holden) quando esta se torna presa de gente ainda mais amoral e perigosa do que ela. O filme já fora lançado em DVD no Brasil, mas em uma edição simples. Esta traz um documentário sobre o diretor, comentários e cenas inéditas. ***Eduardo Torelli***

FILME: 8 **EXTRAS:** 9

A FEITICEIRA

BEWITCHED, EUA, 2005. **DE** NORA EPHRON. **COM** NICOLE KIDMAN, WILL FERRELL, MICHAEL CAINE. 104 MIN. DVD/VHS SONY. **COMÉDIA**

Não se trata de uma refilmagem da mítica série de TV protagonizada por Elizabeth Montgomery entre 1964 e 1972. Em vez disso, temos o aproveitamento esperto desse sitcom por meio de uma história que se apoia justamente em uma refilmagem de *A Feiticeira*. Jake, o egocêntrico ator da nova produção (Will Ferrell), na busca de uma atriz desconhecida e adequada, encontra Isabel (Nicole Kidman, sempre talentosa), sem saber que se trata de uma feiticeira autêntica. Mas ela sente-se atraída pelo galã e acha que aí está a oportunidade de levar uma vida normal. Até a metade, a trama funciona, gera boas gagues. Quando o romance cresce e a verdade precisa surgir, a previsibilidade se instala, a inspiração dilui e o filme vai perdendo a graça. ***A.S.***

FILME: 6,5 **EXTRAS:** N.A.

SONY

Nicole e Ferrell: roteiro irregular

END GAME

EUA, 2005. **DE** ANDY CHENG. **COM** CUBA GOODING JR., ANGIE HARMON, JAMES WOODS. 107 MIN. DVD/VHS FLASHSTAR. **AÇÃO**

O personagem de Cuba Gooding Jr. é quase um clone do herói encarnado por Clint Eastwood em *Na Linha de Fogo*: competente e dedicado agente do Serviço Secreto carrega a culpa de ter falhado num atentado que tirou a vida do presidente dos EUA. Como no thriller de Wolfgang Petersen, tem a chance de se redimir depois que uma repórter (Angie, da série *Lei & Ordem*) o procura com uma teoria conspiratória que parece envolver gente do alto escalão do governo. O elenco é bonzinho (Anne Archer e Burt Reynolds fazem pequenos papéis) e o desfecho, surpreendente. Só faltou desenvolver a premissa de uma maneira esperta e plausível. ***R.P.***

FILME: 5 **EXTRAS:** N.A.

O JARDINEIRO FIEL

Fernando Meirelles faz bonito na primeira investida em uma produção internacional

THE CONSTANT GARDENER, INGLATERRA, 2005. DE FERNANDO MEIRELLES. COM RALPH FIENNES, RACHEL WEISZ, DANNY HUSTON. 128 MIN. DVD/VHS UNIVERSAL. DRAMA

UNIVERSAL

Fiennes: "Eu gosto mesmo é de sentar na janelinha"

Impossível não sentir uma pontinha de orgulho do trabalho do cineasta Fernando Meirelles e do fotógrafo César Charlone em *O Jardineiro Fiel*, thriller dramático baseado no romance homônimo do inglês John Le Carré. No comando de sua primeira produção internacional, a mesma dupla responsável por *Cidade de Deus* esbanja categoria e talento, sem se vergar aos padrões do cinemão. O reconhecimento da crítica internacional e as indicações para vários prêmios importantes ajudaram a aumentar esse estado de euforia deliciosamente ufanista. É como se um time brasileiro fizesse uma exibição de gala fora de casa e ainda recebesse aplausos da torcida adversária. Fragmentada por uma série de flashbacks, a narrativa começa com a morte de uma ferrenha ativista política (Weisz) no Quênia. A suspeita inicial é de que ela foi morta por um médico local (Hubert Koundé), que seria seu amante. Ralph Fiennes interpreta seu marido, um diplomata inglês que não engole a versão de crime passional e decide investigar o episódio por conta própria. Obcecado pela verdade, mas despojado do desejo de vingança, mergulha numa trama complexa – mas não absurdamente confusa como a de *A Casa da Rússia*, outra adaptação cinematográfica de Le Carré – que expõe a miséria africana, os podres da política internacional e os horrores que movimentam as engrenagens da milionária indústria farmacêutica. *O Jardineiro Fiel* não se limita a ser um excepcional thiller-denúncia com temas atuais e polêmicos. Por trás de sua estrutura elaborada também existem personagens ricos e uma bela história de amor. ***Roberto Pujol***

FILME: 9 EXTRAS: N.A.

HOOLIGANS

EUA/INGLATERRA, 2005. DE LEXI ALEXANDER. COM ELIJAH WOOD, DAVID ALEXANDER.109 MIN. DVD/VHS CALIFÓNIA. DRAMA

Glamourizar a violência para tornar seu ponto de vista mais contudente pode ser uma saída aceitável. Mas não é o que conseguiu fazer o diretor Lexi Alexander. Seu filme lida com ausência de companheirismo enfrentada por um americano (Wood) até encontrar uma gangue de torcedores londrinos para suprir seu senso de comunidade. Para países civilizados, torcedores se batendo após jogos pode ser sobre "laços de amizade". Num país que marginais lotam estádios para chutar a cabeça de quem estiver deitado, quase em coma, *Hooligans* passa de um filme ok para um atestado de burrice para quem mata e adoraria ter uma desculpa.

Rodrigo Salem

FILME: 6 EXTRAS: N.A.

CALIFÓRNIA

Wood: violência de torcida

QUATRO AMIGAS E UM JEANS VIAJANTE

THE SISTERHOOD OF THE TRAVELLING PANTS, EUA, 2005. DE KEN KWAPIS. COM AMBER TAMBLYN. 109 MIN. DVD/VHS WARNER. DRAMA

Uma calça jeans é o elemento de ligação entre as personagens deste drama com toques de humor que, como inúmeras produções de Hollywood, enfatiza a força da amizade, mesmo quando esta esbarra em atos equivocados. São quatro garotas recém-saídas da adolescência que, pela primeira vez, se organizam para passar a férias de verão separadas. Só uma, Tibby (Amber Tamblyn), deixa de viajar, Nesse período, na luta para concretizar seus anseios, elas enfrentam decepções que, por causa da idade, acabam

WARNER

Calça: ligação entre as personagens

tendo um peso maior. Com esse cruzamento de carências familiares e amorosas, o segundo longa para o cinema dirigido por Ken Kwapis nem sempre evita certa pieguice do roteiro. Mas, com sua franqueza e sensualidade, acaba emocionando. ***A.S.***

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

OS IRMÃOS GRIMM

THE BROTHERS GRIMM, EUA, 2005. DE TERRY GILLIAM. COM HEATH LEDGER, MATT DAMON. 118 MIN. DVD/VHS EUROPA. AVENTURA

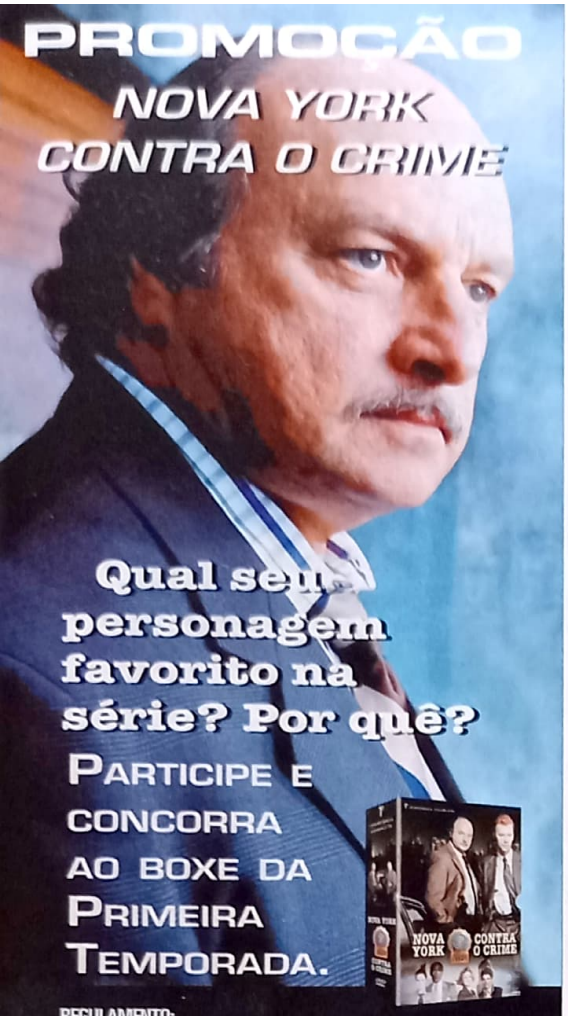
É decepcionante quando uma grande idéia não dá um bom filme; especialmente quando o dito filme é repleto de boas sacadas jogadas na tela sem nenhum rumo. Este é o dilema de *Os Irmãos Grimm*, aguardada brincadeira de Terry Gilliam sobre os autores de fábulas como O Chapeuzinho Vermelho. Heath Ledger (ótimo em cena) e Matt Damon são os irmãos do título, dois vigaristas que enganam supersticiosos aldeões da Alemanha do ano 1796. Pegos no ato, eles são obrigados a bancar os caça-fantasmas contra uma bruxa (de verdade) que vem roubando as crianças de um vilarejo. Visualmente deslumbrante, e só.

André Gordirro

FILME: 6 EXTRAS: N.A.

EUROPA

Ledger e Damon: trambiqueiros



REGULAMENTO:

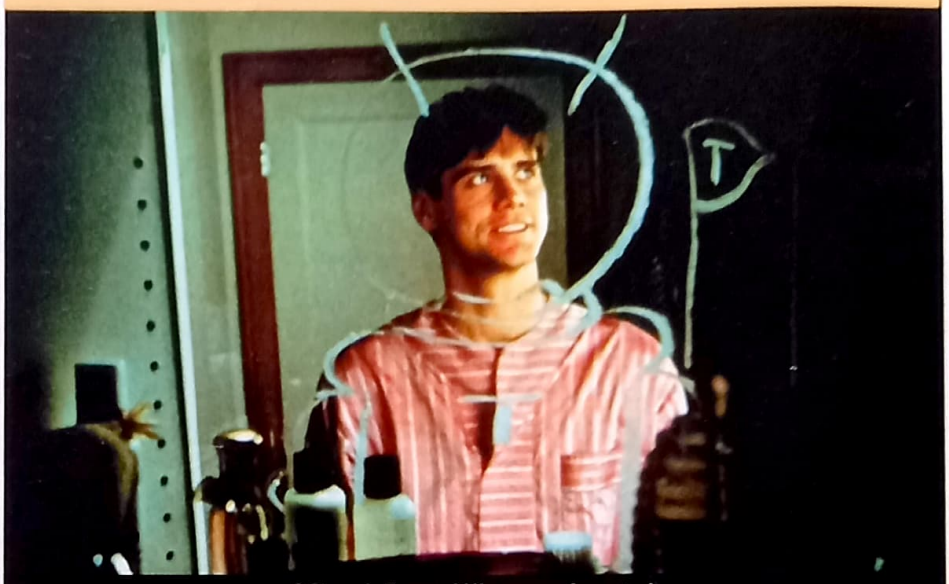
1. Participação: 1.1 – O premiado será o autor da criação. 1.2 – Só terão direito aos prêmios as cartas com todos os dados do autor (nome, endereço completo e e-mail quando houver) preenchidos de forma legível, com letras de fôrma ou impressa, enviadas pelo correio para Caixa Postal 27.020 — CEP 04007-990 – São Paulo, pelo e-mail: promoset@edpeixes.com.br 1.3 – Ou pessoalmente na Rua Helena, 260, 4º andar – Vila Olímpia – São Paulo; até o dia 10/03/2006. 2. Critérios: 2.1 – Para participar, o concorrente deverá enviar pelo e-mail de Promoções da revista SET, utilizando no máximo 5 (cinco) linhas, a resposta à pergunta: "Qual seu personagem favorito na série? Por quê?". 2.2 – O texto deverá ser apresentado obrigatoriamente em língua portuguesa. 2.3 – A avaliação será baseada nos seguintes critérios e pela ordem: criatividade e adequação ao tema. 2.4 – A avaliação final e a escolha definitiva dos ganhadores acontecerá no dia 17/10/2006. 3. Premiação: 3.1 – Serão escolhidas as 5 (cinco) melhores respostas, cuja colocação será estabelecida pela comissão julgadora. 3.2 — Os ganhadores receberão um boxe com a primeira temporada da série. 3.2 – Os prêmios serão enviados pelo correio até 45 dias após a publicação dos resultados. 4. Divulgação: 4.1 – Os ganhadores serão notificados por meio de um anúncio, publicado na revista SET de abril de 2006. 4.2 – Os participantes vencedores desse concurso autorizam automaticamente a Editora Peixes a usar suas imagens, nomes e vozes em: fotos, cartazes, filmes e/ou spots, e em qualquer outro tipo de mídia e peças promocionais para a divulgação do resultado da promoção, além de concordarem automaticamente com a cessão dos direitos autorais eventualmente existentes sobre os textos premiados à Editora Peixes e à Fox Home Entertainment, sem nenhum ônus para que os organizadores desse concurso possam fazer uso desse material livremente e da forma que melhor lhes convier. 5. Considerações: 5.1 – Esse concurso tem caráter exclusivamente cultural, não estando vinculado à compra de produtos, nem subordinado a qualquer modalidade de sorte ou sorteio (art. 30 do Decreto-Lei Nº 70952/72). 5.2 – Quaisquer dúvidas, divergências ou situações não previstas nesse regulamento serão julgadas e decididas de forma soberana e irrecorrível pela comissão julgadora. 5.3 – É vedada a participação de funcionários (parentes e familiares) da Editora Peixes, e de quaisquer outras pessoas envolvidas na organização desse concurso.

PROMOÇÃO:

ESPECIAL

O ENCANTADOR DE PLATÉIAS

O Show de Truman, *A Testemunha* e *Gallipoli* mostram genialidade do diretor Peter Weir *Por Eduardo Torelli*



***O Show de Truman*: idéia que continua atual**

THE TRUMAN SHOW, EUA, 1998. COM JIM CARREY, LAURA LINNEY. 103 MIN. *WITNESS*, EUA, 1985. COM HARRISON FORD, KELLY MCGILLIS. 112 MIN. *GALLIPOLI*, EUA, 1981. COM MEL GIBSON, MARK LEE. 110 MIN. DVD PARAMOUNT. **DRAMA**

Às vezes, acontece de um grande diretor não ter um discurso particularmente marcante ou sequer se prender a uma mesma linha de realização. São os cineastas maldosamente definidos como "de encomenda", um rótulo que pode diminuir a importância de seu legado e, muitas vezes, banalizá-los perante os Kubricks, Hitchcocks e Tarantinos de ontem e de hoje. É nessa categoria que encontramos gênios do quilate de John Schlesinger (*Perdidos na Noite*), Franklin J. Schaffner (*O Planeta dos Macacos*) e até Robert Wise (*West Side Story*), que emplacaram clássicos em muitos gêneros sem se escravizarem a nenhum. Geralmente, são criadores que colocam a arte de fazer cinema acima da "missão" de catequizar platéias com discursos, comentários políticos e visões de mundo. São contadores de histórias, na mais nobre acepção do termo.

Peter Weir ocupa a vaga deixada por seus ilustres colegas nesse tempo em que o cinemão, mais do que nunca, bate de frente com o "cinema artístico". É ele o realizador de filmes sublimes (e financeiramente bem-sucedidos) que serão lembrados mais individualmente do que como apêndices no currículo de um diretor virtuoso (*Green Card*, *Sociedade dos Poetas Mortos*, *Mestre dos Mares* – a lista é extensa!). Três dessas obras acabam de ganhar edições especiais pela Paramont e são bons exemplos da precisão narrativa do cineasta: *A Testemunha* (interessante misto de filme policial, romance e drama, que ainda encontra tempo para pincelar o tema do preconceito), *Gallipoli* (trama sobre a Primeira Guerra contada com realismo semidocumental) e o mais pop e contemporâneo *O Show de Truman*, uma releitura irônica do *1984*, de George Orwell. Os lançamentos são incrementados e apresentam várias curiosidades de bastidores. Muitas estão disponíveis nos especiais de making of (por sua vez, divididos em capítulos), mas ainda há cenas deletadas, galerias de fotos e material promocional.

O SHOW DE TRUMAN: 8,5 EXTRAS: 8,5
A TESTEMUNHA: 8 EXTRAS: 8,5
GALLIPOLI: 7 EXTRAS: 8

LONDON

EUA, 2005. DE HUNTER RICHARDS. COM CHRIS EVANS, JASON STATHAM, JESSICA BIEL. 100 MIN. DVD/VHS COLUMBIA. DRAMA

O drama do estreante Hunter Richards tem como cenário principal o amplo banheiro de um apartamento de Nova York, onde rola uma festa animada. Dentro dele, dois homens protagonizam uma espécie de sessão terapêutica movimentada por generosas doses de cocaína e álcool, confidências mútuas, discussões sobre o sexo oposto e a dor de relacionamentos desfeitos. Um deles (Evans) chegou de penetra para o evento, que celebra a despedida de sua ex-namorada (Biel), prestes a partir para Los Angeles. Ele não se conforma com o rompimento e busca coragem para tentar uma reconciliação. O outro é um inglês quarentão (Statham) que acabou de conhecer no bar e que também carrega os próprios demônios. Os diálogos verdadeiros e sinceros valorizam a noitada. *R.P.*

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

PENETRAS BONS DE BICO

WEDDING CRASHERS, EUA, 2005. DE DAVID DOBKIN. COM VINCE VAUGHN, OWEN WILSON 119 MIN. DVD/VHS PLAYARTE. COMÉDIA

Penetras Bons de Bico é o *Titanic* da comédia desbocada. Assim como a produção de James Cameron, o filme estrelado por uma das duplas mais afiadas do momento (Wilson e Vaughn) disfarça seu romantismo adocicado com toneladas de distração. Neste caso um humor grosseiro como há anos o cinema não via – um alívio para quem não agüenta mais comédia adolescente. Até a premissa (dois amigos entram de bicões em casamentos para transar e acabam se apaixonando) sai um pouco da mesmice moralista do pós-11 de setembro em Hollywood, impondo um estilo maduro para suas piadas hilariantes e provando que adulto também sabe rir. Ou melhor, gargalhar. *Rodrigo Salem*

FILME: 8 EXTRAS: N.A.

PLAYARTE

Wilson e Vaughn: "Parentes de quem?"

CROWN, O MAGNÍFICO

THE THOMAS CROWN AFFAIR, EUA, 1968. DE NORMAN JEWISON. COM STEVE MCQUEEN, FAYE DUNAWAY. 102 MIN. DVD/VHS FOX. AVENTURA

Crown, o Magnífico foi, nos anos 60, tanto um veículo para o carisma de Steve McQueen quanto uma variação bem-vinda do batido tema: "quadrilha trama e leva adiante roubo espetacular, que desafia a polícia". Desta vez, o dito "ladrão" não é um malandro qualquer – mas um milionário entediado, que arquiteta um supergolpe pelo prazer de vivenciar emoções diferentes. Em seu encalço está a bela detetive interpretada por Faye Dunaway, que se apaixona pelo gatuno e fica dividida entre o dever (levá-lo à justiça) e o prazer – na época, McQueen era o "sonho de consumo" de qualquer mulher. Nos anos 90, a trama ganhou uma bem-sucedida refilmagem dirigida por John McTiernan (com Pierce Brosnan e Rene Russo nos papéis centrais). *E.T.*

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

FOX

McQueen: rico roubando rico

CAMELOS TAMBÉM CHORAM

Documentário emociona pela busca do equilíbrio entre tradição e inovação

EUROPA

Albino: filhote abandonado em uma história de rejeição

DIE GESCHICHTE VON WEINENDEN KAMEL, ALEMANHA/MONGÓLIA, 2003. DE BYAMBASUREN DAVAA, LUIGI FALORNI. 87 MIN. DVD/VHS EUROPA. DOCUMENTÁRIO

Os mongóis acreditam que os espíritos da natureza os protegem do mau tempo e das doenças. Dizem que o homem afasta esses espíritos quando saqueia a terra em busca de tesouros. Para atraí-los, eles prestam homenagens e fazem oferendas. É um ritual singelo – ingênuo até –, que transmite a pureza desse povo cujos costumes e ideais são um contraponto vigoroso à cultura ocidental. *Camelos Também Choram* é o que os diretores chamam de "documentário narrativo". Uma tribo nômade do deserto de Gobi, ao sul da Mongólia, reencena sua rotina de criadora de cabras e camelos para as lentes do cinegrafista italiano Luigi Falorni e da diretora mongol Byambasuren Davaa. É primavera e as fêmeas dos camelos dão cria. Uma delas dá à luz um raro camelo albino e, não se sabe se pelo parto difícil ou pela cor do filhote, o abandona. Sem o leite materno o pequeno morrerá. O clã envia dois irmãos à cidade para chamar um violinista, que toca uma música que "encanta" a mamãe camelo. Parece filme da Disney, mas não há ficção quando as lágrimas escorrem dos olhos do animal e o enternece. É lindo, mas essa história de rejeição nada mais é que o espelho das transformações que ameaçam o modo operandis daquela família. A modernidade, diga-se eletricidade, televisores etc., já alcançou a aldeia vizinha. Os anciões repelem a urbanização enquanto o caçula fica fascinado. Mais do que as lágrimas do camelo, o que emociona nesse documentário indicado para o Oscar é a harmonia com que eles buscam o equilíbrio entre a tradição e a inovação. *Suzana Uchôa Itiberê*

FILME: 8 EXTRAS: N.A.

O SENHOR DAS ARMAS

Nicolas Cage vive contrabandista internacional nesta alegoria bélica de Andrew Niccol

LORD OF WAR, EUA, 2005. DE ANDREW NICCOL. COM NICOLAS CAGE, JARED LETO, BRIDGET MOYNAHAN, IAN HOLM. 122 MIN. DVD/VHS ALPHA. DRAMA

Poucos filmes podem se orgulhar de ter estreado em ocasião tão relevante quanto *O Senhor das Armas*, comédia de humor negro sobre tráfico de material bélico dirigida e escrita por Andrew Niccol (*Gattaca*). A fita chegou aos cinemas brasileiros no meio da discussão sobre a liberação ou não da venda de armas no Brasil. Yuri Orlov, o personagem de Nicolas Cage, teria votado "sim" no referendo; sendo traficante, quanto mais proibida for a venda legal de armamento, maior seu lucro. O filme acompanha sua jornada de Nova York, onde vive como imigrante ucraniano, a praticamente todos os campos de batalha do mundo, nos quais aparece sempre impecável de terno preto. É a imagem do próprio mercador da morte.

Niccol usa de humor cáustico para mostrar uma faceta das guerras que quase ninguém vê: quem, efetivamente, ganha dinheiro com os conflitos. A abertura já é digna de entrar para a lista das grandes seqüências do cinema: a câmera acompanha, pelo ponto de vista de uma bala, todo o processo de sua fabricação, venda, transporte e, finalmente, uso, quando ela é disparada contra o crânio de um soldado. A partir daí, o diretor cria uma satírica intimidade com o protagonista, que é o narrador de suas próprias peripécias e solta pérolas do tipo "meu produto mata menos gente que o cigarro e o álcool", enquanto escapa da marcação cerrada de um agente da Interpol (Ethan Hawke). O aspecto mais importante da obra é não apelar para soluções fáceis e nem maniqueístas, e sim inquietar e fazer refletir (com grande dose de ironia).

André Gordirro

FILME: 9 EXTRAS: N.A.

ALPHA

Cage e Leto: "Calma aí, não estamos em um filme de John Woo"

NEW YORK, NEW YORK

EUA, 1977. DE MARTIN SCORSESE. COM LIZA MINNELLI, ROBERT DE NIRO. 155 MIN. DVD/VHS FOX. MUSICAL

Nos anos 70, quando chocava o mundo com seus ultraviolentos dramas urbanos – *Sexy e Marginal*, *Caminhos Perigosos*, *Alice Não Mora Mais Aqui* e *Taxi Driver*, entre outros títulos famosos –, Martin Scorsese mostrou que podia oferecer uma visão mais amena de Nova York (palco de muitas de suas tramas) neste famoso musical. O resultado é um filme visualmente bem-acabado, que faz jus a seu status – embora a história (músico e cantora se apaixonam e batalham um lugar ao Sol, ao término da Segunda Guerra) seja um pouco superficial. Há uma faixa de áudio com comentários do diretor e 25 minutos de imagens cortadas da edição final, além de uma galeria de fotos e trailer.

E.T.

FILME: 7 EXTRAS: 8

REPRODUÇÃO

ARQUIVO BLACK

O leitor Bruno Nagy Mastrorosa mandou uma boa dica: a presença de um jovem cabeludo Jack Black na série de TV *Arquivo X*. No episódio da terceira temporada chamado "Raio da Morte" (exibido há mais de dez anos), ele faz o melhor amigo de Giovanni Ribisi, que tem poderes de eletrocutar pessoas.

Se você souber de alguma cena ou curiosidade vista em algum filme lançado em DVD, envie um e-mail para ricardo.matsumoto@edpeixes.com.br ou envie uma carta para Caixa Postal 27020, CEP 04007-990 São Paulo - SP, escrevendo no envelope SEÇÃO CINEMA EM CASA.

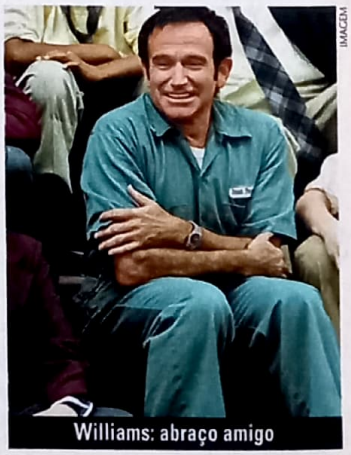
REFLEXOS DA AMIZADE

HOUSE OF D, EUA, 2004. DE DAVID DUCHOVNY. COM ANTON YELCHIN, TÉA LEONI, ROBIN WILLIAMS. 96 MIN. DVD/VHS IMAGEM. DRAMA

A boa e velha história de acerto de contas com o passado aqui é dirigida pelo astro da série de ficção científica, *Arquivo X*. David Duchovny também faz às vezes de ator. Ele é um artista plástico boêmio, vivendo em Paris, que decide voltar a Nova York para fazer as pazes com o filho adolescente e a esposa. Não é de todo mal o passeio que Tom, guiado por Duchovny, faz pelas antigas amizades, a juventude da mãe, as primeiras experiências de amor e decepção. *Reflexos da Amizade*, o título diz tudo, trata da divertida influência das companhias na formação e nas ações do ser humano, porém de maneira pouco inovadora ou surpreendente.

A.Be.

FILME: 6 EXTRAS: N.A.



IMAGEM

Williams: abraço amigo

EUROPA

Irmãs: cantoria famosa

A PESSOA É PARA O QUE NASCE

BRASIL, 2003. DE ROBERTO BERLINER. 84 MIN. DVD/VHS EUROPA. DOCUMENTÁRIO

Teria sido uma existência comum se o carioca Roberto Berliner não tivesse esbarrado com as "Ceguinhas de Campina Grande" em 1997, quando rodava um programa sobre músicos anônimos. Em seguida, fez um curta-metragem com as três irmãs cegas que cantam e tocam ganzás em troca de esmolas. A fama repentina provocou rachaduras na relação delas e o material, que já era rico, obteve inesperada força dramática. Berliner então ampliou o projeto e registrou seis anos da vida de Regina, Maria e Conceição, desde a descoberta na Paraíba até a apresentação em um festival de percussão organizado por Gilberto Gil. A trama ganha ainda mais sabor quando Maria, a mais desenvolta, faz uma revelação que envolve o diretor. *S.U.I.*

FILME: 7,5 EXTRAS: N.A.

RAINHAS

REINAS, ESPANHA, 2005. DE MANUEL GÓMEZ PEREIRA. COM CARMEN MAURA, MARISA PAREDES. 107 MIN. DVD/VHS PARIS/LK-TEL. COMÉDIA

As rainhas do título são as cinco mães de rapazes que vão se unir em uma cerimônia coletiva de matrimônio gay. O filme começa na véspera do evento em Madri, entrelaçando diversas situações. Enquanto uma das progenitoras se revela insaciável e tenta seduzir o parceiro de seu filho, outra sente-se atraída pelo consogro. E um dos moços, com fobia aos cachorros, se vê em apuros diante do cão que a futura sogra trouxe. Bem servido por um elenco espontâneo, o diversificado humor jamais resvala no proselitismo sobre a eventual intolerância aos homossexuais ou nos clichês caricaturais do mundo GLSBT. Em vez disso, tira partido das idiossincrasias e inseguranças dos personagens. O resultado é uma frenética comédia, divertida para qualquer platéia. *A.S.*

FILME: 7,5 EXTRAS: N.A.

PARIS/LK-TEL

Comédia frenética: diversão

CARGA EXPLOSIVA 2

THE TRANSPORTER 2, EUA/FRA., 2005. DE LOUIS LETERRIER. COM JASON STATHAM, MATTHEW MODINE. 87 MIN. DVD/VHS FOX. AVENTURA

Pinóquio ganhou emprego: é o roteirista e diretor da série

FOX

Beijos e tiros: ação sem parar

estrelada por Jason Statham. A quantidade de mentiras e cenas de ações impossíveis fariam James Bond pendurar o smoking para sempre. Essa é a graça do original e desta seqüência, que só perde para o primeiro filme porque dá uma derrapada feia na sacarose. Aqui, o motorista-de-fuga Frank Martin tem de resgatar o menininho que ele dirigia até a escola, filho de um figurão do governo americano. Espere lutas de deixar Jackie Chan de queixo caído e um plano mirabolante urdido pelo vilão (Alessandro, filho de Vittorio Gassman); tudo embalado pela cumplicidade de Statham com a platéia. *A.G.*

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

TEST DRIVE

Os melhores títulos testados pela SET

O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS

EUA/INGLATERRA, 2005. BUENA VISTA. COMÉDIA

Um DVD que vale por dois. *O Guia do Mochileiro das Galáxias* pode ter sido lançado em versão simples, mas seus extras dão banho em muitos títulos duplos por aí (não em quantidade, mas em criatividade e qualidade). Para começar, há duas faixas de comentários em áudio – a melhor é a que conta com o diretor Garth Jennings, o produtor Nick Goldsmith e os atores Martin Freeman e Bill Nighy. Todas legendadas em português. Pena que muitas distribuidoras não dão muita bola para a tradução desse tipo de material. A lista de bônus conta com making of, cenas inéditas, algumas brincadeiras do elenco disfarçadas de cenas excluídas e uma divertida idéia: um botão batizado de "Gerador de Improbabilidades". Cada vez que ele é apertado, você acessa aleatoriamente um material extra, inclusive não exatamente no início, mas até no meio de algum especial. O disco ainda permite conferir a versão original da narração (que nos cinemas só foi disponibilizada com a dublagem de José Wilker). Vale a pena conferir. *R.M.*

EXTRAS: 9

OUTROS LANÇAMENTOS E NOVIDADES

• MONSTRO MALUCO >> A Dark Side colocou no mercado recentemente um clássico cult dos anos 60, *A Festa do Monstro Maluco* (ou *Mad Monster Party*), produção em stop-motion (a famosa técnica quadro a quadro) da mesma equipe de *Rudolph – A Rena do Nariz Vermelho*. O título conta até com uma raríssima dublagem em português da época. Uma raridade de primeira.

• COLONIZAÇÃO >> Afastado da direção desde 1998, quando fez o choroso *Amor Além da Vida*, o diretor neozelandês Vincent Ward volta à ativa com uma produção que revela a sangrenta época da colonização inglesa na Nova Zelândia em 1860. O elenco conta com nomes de peso como Kiefer Sutherland, Samantha Morton e Stephen Rea. A Focus está trazendo o filme para o Brasil simultaneamente com o lançamento em seu país natal.

ERRATAS >> A Universal comunica alguns erros em seus rótulos. No DVD de *K-911* há trailers não mencionados de *K-9* e *K-911* e onde se lê "Áudio em inglês 5.1 e português e espanhol 2.0 DD" deveria ser "5.0 DD inglês e português & espanhol 2.0 DS". Em *Por Quem os Sinos Dobram*, o áudio em português que está estampado não existe. O mesmo acontece no título *Psicose 2*. Em *Psicose 3*, o filme é exibido em letterbox, e não em fullscreen (tela cheia) com está escrito na embalagem.

O CAÇADOR DE AVENTURAS

A nova série do The History Channel, *Em Busca da Verdade*, investe em ação e adrenalina para quebrar com a monotonia dos documentários sobre arqueologia *Por Michelle Veronese*

Armado com o inseparável chapéu de couro e a insaciável curiosidade arqueológica, o protagonista percorre os lugares mais inóspitos do globo para desvendar os grandes enigmas da humanidade. Ele quer descobrir o paradeiro de relíquias como a Arca Perdida e o Santo Graal, mas, pelo caminho, terá de enfrentar muitos desafios, e ainda pilotar dromedários, navegar em correntezas bravias e mergulhar em vulcões ameaçadores. Tudo em nome da História.

Não, este não é o enredo de um filme de Indiana Jones. Trata-se da mais nova série sobre arqueologia do canal pago *The History Channel*. Assumidamente inspirada nas aventuras do herói vivido por Harrison Ford, ou "uma mistura de *C.S.I.* com Indiana Jones" como preferem alguns, *Em Busca da Verdade* deixou de lado o tom impessoal, formalismos e narrativas monocromáticas dos típicos documentários do gênero para contar histórias do passado recheadas de adrenalina. Uma fórmula simples e que, pelo visto, deu certo.

A série, que já está na segunda temporada nos Estados Unidos, estreou no Brasil em janeiro. Todas as terças, às 22h, o apresentador Josh Berstein desfila suas habilidades de nadador, remador e alpinista, entre outras, enquanto conduz o telespectador rumo a tesouros ocultos e misteriosos sítios

Berstein: visita a lugares pitorescos

arqueológicos. Presidente de uma escola dos EUA que oferece cursos de sobrevivência, Berstein já prestou consultoria para superproduções hollywoodianas como *Náufrago* e *As Panteras* e tem experiência de sobra no quesito adrenalina. Não tem formação em arqueologia, o que não chega a ser uma desvantagem, já que ele consegue discorrer sobre temas complexos de maneira simples e direta, sem medo de fazer até as mais tolas perguntas que lhe vêm à mente. É justamente isso que torna os episódios mais acessíveis ao público jovem ou sem bagagem arqueológica. Claro que, às vezes, o apresentador exagera na superficialidade, porém a presença de pesquisadores renomados garante o contraponto.

Contando com uma equipe pequena e um apresentador disposto a enfrentar obstáculos imprevisíveis, até agora, *Em Busca da Verdade* já saiu à caça do cálice sagrado, da arca onde Moisés guardou os Dez Mandamentos e da tribo perdida de Israel, e muitos outros enigmas. Para quem quer se arriscar neste estilo de documentário e, de quebra, aprender um pouco sobre o passado, a próxima aventura será na América do Norte. No episódio que será exibido no dia 14, Berstein tentará descobrir o paradeiro dos índios da tribo Anasazi, que, no século 13, desapareceram misteriosamente – para quem não se lembra, o tema até ganhou um episódio de *Arquivo X*. No programa seguinte, dia 21, o explorador segue para a América Central, onde os maias construíram milhares de pirâmides que ainda hoje desafiam a compreensão dos pesquisadores. No dia 28, ele volta no tempo até a Pompéia do século 1, cidade devastada pelo Vesúvio, para entender por que aquele vulcão pegou todos de surpresa.

Pistas: documentário fora dos padrões

PÉROLAS DO PASSADO

FOTOS: DIVULGAÇÃO

A Feiticeira: humor irresistível para toda a família

Bloco noturno da Nickelodeon traz séries clássicas

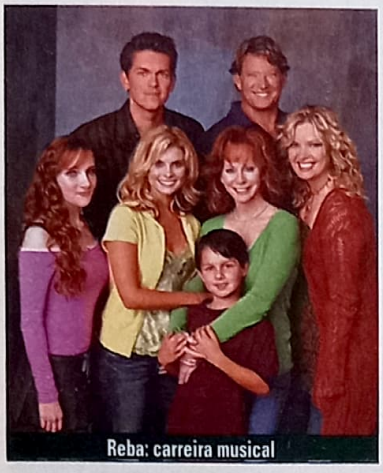
Nickelodeon Diariamente, a partir do dia 13

Em uma época em que os canais por assinatura estão mais preocupados com novidades e deixam a nostalgia de lado, a iniciativa da Nickelodeon é de tirar o chapéu. A partir do dia 13 deste mês, será possível rever alguns desses inesquecíveis *sitcoms* em *Nick@Nite*, um bloco noturno que apresentará esses clássicos diariamente, sempre entre as 22h e às 4h da manhã. O nostálgico festival tem início com *Alf*. As divertidas aventuras desse personagem do espaço começam quando ele pousa a sua pequena nave na garagem da família Tanner. Em seguida, é a vez de *Primo Cruzado* (*Perfect Strangers*), outra comédia centralizada em confusões familiares. O ponto de partida é a chegada do pastor Balki a Chicago. Vindo da ilha mediterrânea de Mypos, ele é um jovem ingênuo que vai morar no apartamento do primo Larry. No horário das 23h30 surge *Os Monstros* (The Monsters). Rival de *A Família Adams*, a série, que mostrou ter fôlego e originalidade, centraliza-se em uma família de aparência sinistra e que vive em um estranho e assustador casarão.

À meia-noite marca o retorno da divertida *A Feiticeira* (*Beawitched*) na pele da graciosa Elizabeth Montgomery como Samantha. O pacote traz as primeiras temporadas da série surgida em 1964, quando essa moderna bruxa procura levar uma vida normal ao lado do publicitário Darrin (ou James na dublagem brasileira), com quem se casa e forma família. Porém, além da pressão movida por mamãe Endora (atuação hilariante de Agnes Moorehead), Samantha se vê diante de circunstâncias que a fazem apelar para soluções mágicas. Estas também movimentam *Jeannie É Um Gênio* (*I Dream of Jeannie*), que será exibido a partir da 0h30. Barbara Eden ganhou fama interpretando Jeannie nessa série bem-humorada que foi lançada em 1965. *Alfredo Sternheim*

NOVAS TEMPORADAS NA FOX

Cansado de reprises? Então fique ligado no canal Fox, que começa a exibir novas temporadas de algumas de suas séries. A primeira estréia, no dia 14 (21h), é a de *One Three Hill*. Lançada em 2003, este drama sobre os irmãos Lucas e Nathan Scott chega à terceira temporada mesclando a relação algo competitiva dos dois no basquete e o posicionamento que adotam diante da conduta do pai. No dia 16 (21h), tem início a segunda temporada de *Stargate Atlantis*, aventura de um grupo cuja principal missão é investigar o que existe além de nossa galáxia. Só que, em uma dessas jornadas, a equipe liderada pelo major Sheppard (Joe Flanigan) tem poucas chances de voltar para casa. No dia 19, o público vai poder conferir a quinta temporada de *Grounded for Life* e *Reba*. A primeira (15h) é uma comédia que acompanha o dia-a-dia do casal Sean e Cláudia [illegible]nerty e seus três filhos Lily, Jimmy e Henry. Já *Reba* (15h30) é o nome da mãe de uma garota, Kyra (a bonita Scarlett Pomers), cuja vida escolar está sendo prejudicada pelo sucesso obtido com o seu grupo musical.



Reba: carreira musical

BEATLE FOREVER

Eurochannel Dia 19, às 22h

Aos 63 anos de idade e mais de quarenta em atividade, Paul McCartney está sempre em evidência, parece que nunca perdeu a inspiração. Ex-integrante dos Beatles, ele mostrou garra suficiente para sobreviver ao fim do famoso grupo inglês. Por isso, para atualizar-se com o cantor e compositor, é significativo este *Especial Paul McCartney*. Na entrevista exclusiva, além de falar sobre sua vida e sua carreira, ele enfatiza o seu mais recente sucesso: o álbum *Chaos and Creation in the Back Yard* (2005). Com treze faixas, é a vigésima gravação de McCartney após o fim dos Beatles. Esse trabalho executado em Londres e Los Angeles com produção de Nigel Goldrich marca também o seu retorno aos estúdios, depois de quatro anos de ausência. Nesse sentido, seu último lançamento foi *Driving Rain*, em 2001.

DUAS VISÕES DE MADAME SATÃ

Canal Brasil Dia 18, às 21h

Uma oportunidade de ver ou rever os dois longas feitos sobre o marginal carioca João Francisco dos Santos (1900-1976). Mais conhecido como Madame Satã, ele se destacou nas décadas de 1930 e 1940 não só por suas atividades criminosas, mas por assumir de forma ostensiva a sua homossexualidade. Sua bizarra conduta foi tema de dois filmes consagrados. Um é *A Rainha Diaba*, que Antonio Carlos Fontoura dirigiu em 1974, com Milton Gonçalves como Satã, em elenco que tinha Odete Lara. O outro, *Madame Satã* (2000) é menos reprimido na abordagem erótica. Marcou a estréia no longa do diretor Karim Aïnouz e serviu para projetar o carisma de Lázaro Ramos, que faz o papel-título. Será exibido em seguida, às 23h, acompanhado de um making of.

A FRONTEIRA SEM FIM

Andromeda: luta pela paz

FOTOS: DIVULGAÇÃO

AXN Dia 11, às 16 e 17h

Mesmo depois de quase quinze anos de sua morte, Gene Roddenberry continua marcando presença em várias séries de ficção científica. Como *Star Trek: Enterprise* e *Andromeda*, cujas novas temporadas estréiam neste mês. Ambas têm personagens saídos de sua fértil imaginação. Uma verdadeira franquia que teve início em 1966. O primeiro programa é desenvolvido atualmente pela dupla Rick Berman e Brannon Braga e conta com Scott Bakula como o capitão Jonathan Archer, comandante da primeira nave Enterprise. Já *Andromeda* aproveita mais a história original de Roddenberry e muitas notas iniciais que ele escreveu em 1976.

< ZAPEANDO >

GREY'S ANATOMY

Onde: Sony
Quando: Dia 16, às 21h
O que: Nova temporada dessa série dramática que, com algum humor, aborda as relações às vezes conflitantes entre cinco internos de um hospital e seus superiores. Patrick Dempsey e a graciosa Sandra Oh (de *Sideways – Entre Umas e Outras*, que faturou o Globo de Ouro deste ano) estão no elenco.

LA NOUBA

Onde: A&E
Quando: Dia 19, às 22h
O que: Um exuberante espetáculo do Le Cirque du Soleil que coloca em cena dois grupos inicialmente antagônicos: um é circense, outro é formado por gente da cidade. Em clima de sonho e medo, belos momentos criados pela ousada companhia fundada na década de 1980.

INVESTIGADORES PSÍQUICOS

Onde: Discovery
Quando: Dia 23, às 21h
O que: Estréia de um programa inédito que expõe histórias reais sobre a atuação dos que utilizam poderes psíquicos na solução de crimes e mistérios. Esses experts da parapsicologia costumam ser requisitados tanto por famílias desesperadas, como pela própria polícia.

VAI BOMBAR NO CARNAVAL

Onde: Cartoon Network
Quando: Dia 28, às 23h
O que: Na Terça-feira de Carnaval, uma maratona de duas horas com a típica e maliciosa animação do *Adult Swim*. Divertidos episódios trazem Gandhi, Harvey, os irmãos Mission Hill e outros personagens politicamente incorretos desse segmento em várias confusões.

GRANDES SUCESSOS DO OSCAR NUMA PROMOÇÃO IMPERDÍVEL.

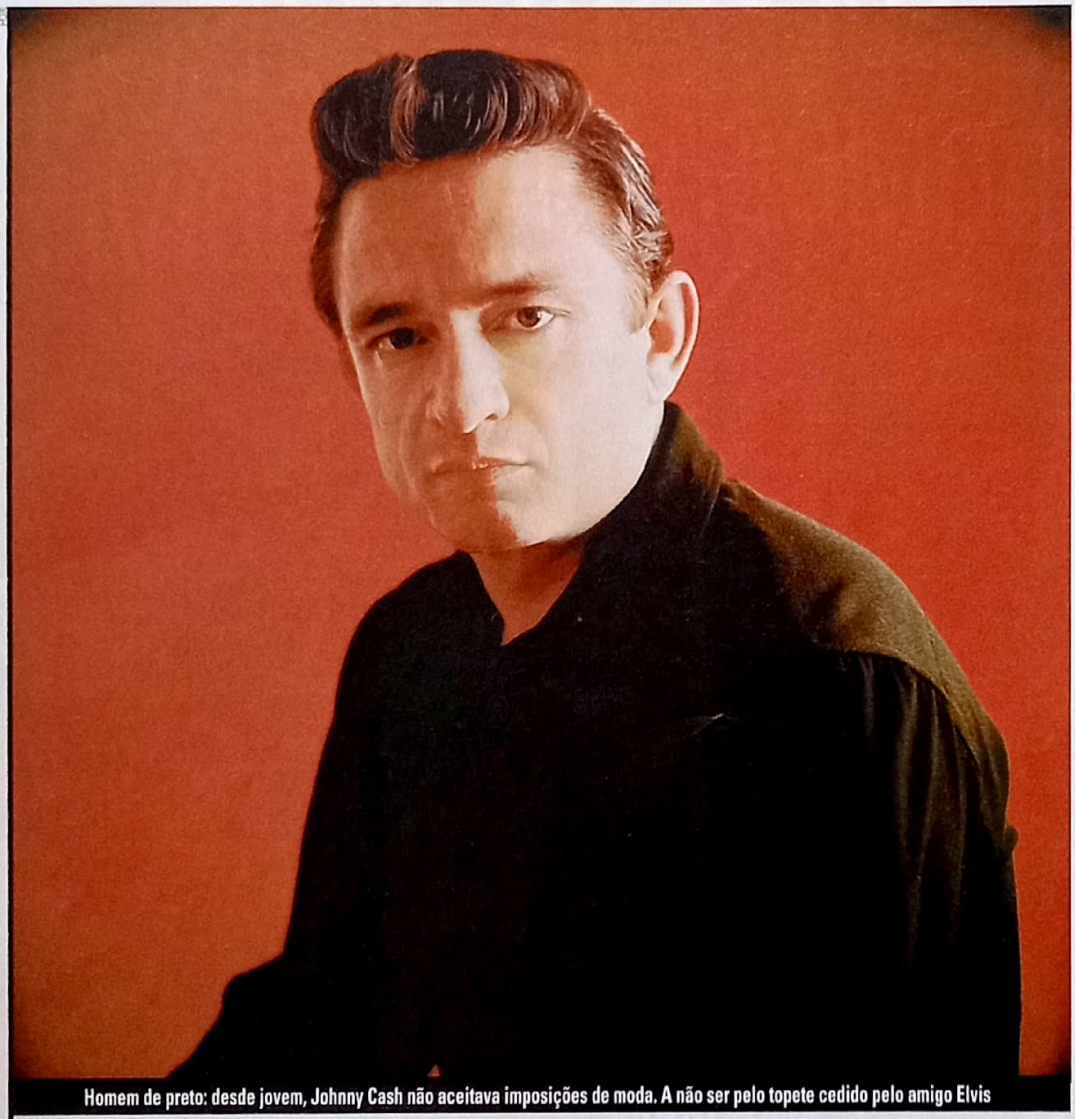
Já à venda nas melhores lojas e locadoras.

www.universalpictures.com.br

UNIVERSAL

© 2006 Universal Studios. Todos os Direitos Reservados.

Oscar® é marca registrada e marca de serviço da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.



Homem de preto: desde jovem, Johnny Cash não aceitava imposições de moda. A não ser pelo topete cedido pelo amigo Elvis

A LENDA VIVE

Coletânea é um bom começo para quem deseja entender um pouco da carreira prolífica de Johnny Cash *Por Rodrigo Salem*

JOHNNY CASH – *RING OF FIRE – THE LEGEND OF...* UNIVERSAL

Johnny Cash ganha notoriedade no cinema por causa de *Johnny & June,* mas a sua trajetória pela película é muito mais antiga do que a biografia estrelada por Joaquin Phoenix. Cash já foi ator em séries de TV e longas, apresentou programas de entrevistas, tocou em prisões, viciou-se em barbitúricos e anfetaminas (duas vezes), gravou com as maiores lendas da música americana, encontrou Deus, procurou as raízes indígenas e viu o irmão morrer ainda criança. Não é por acaso que o filme de James Mangold parece um pouco simplista demais: Johnny Cash foi um homem singular, que fazia do ordinário uma rendição ao extraordinário. O mesmo sentimento é passado pelo disco *Ring of Fire – The Legend of Johnny Cash*, da gravadora Universal. Ao mesmo tempo em que uma caixa homônima sai nos EUA com mais de cem gravações, o brasileiro – tido como avesso a country tradicional – precisa se contentar com um CD com cerca de vinte músicas.

O disco, no entanto, não deve ser desprezado. Ele serve com um belo pontapé para quem quer conhecer a carreira de um artista impossível de ser rotulado. Neste caso, a obviedade é um trunfo. Ele começa com "Ring of Fire", canção escrita por Cash sobre seu problema com as drogas lícitas e como isso prejudicou a família e os amigos. "I Walk the Line", que batiza o filme de Mangold, foi composta depois de uma briga com a segunda esposa (e grande paixão de Cash), encenada no meio de uma turnê bancada pelos estúdios Sun – ao lado de gente como Roy Orbison (de quem virou vizinho e melhor amigo), Elvis Presley e Jerry Lee Lewis. A bem-humorada "Jackson" foi outra parceria com June Carter que ganhou o Grammy em 1967, mostrando que o country podia ser cômico sem parecer uma brincadeira de mau gosto, algo que adorava fazer em seus shows, como demonstra "A Boy Named Sue".

A genialidade de Cash vai mais longe com "Folsom Prison Blues", sua primeira composição – responsável pela contratação de seu grupo pelo produtor Sam Philips. Suas características mais conhecidas estão lá: letras sobre um homem atormentado, a redenção e o ritmo mais cadenciado do violão. Tornou-se número um nos Estados Unidos, apesar de ter sido lançada como terceiro single – substituindo os sucessos "Cry Cry Cry" e "Hey Porter", as duas também presentes na coletânea. Cash acumulou sucessos atrás de sucessos, mas abdicou da primeira mulher e das filhas. Passou parte dos anos 60 no topo, em duetos com Bob Dylan, apresentando um programa que recebia músicos famosos, tocando em prisões ("San Quentin" é a gravação mais famosa) e até aparecendo em séries de TV. No final dos anos 70, sua car-

reira – junto com o country – foi deixada em segundo plano.

Os anos 90 resolveram dar outra chance ao "homem de preto" (referência adotada por causa de suas vestimentas negras, opostas às usadas pelos caubóis artistas da época) e essa coletânea não esquece disso. O U2 teve boa parte da culpa na volta de Cash ao mainstream, colocando o bardo na épica pós-apocalíptica "The Wanderer", que fecha o disco *Zooropa*. Cash retribuiu na série de discos *American Recordings*, produzida por Rick Rubin (Red Hot Chili Peppers). Além de "One", Johnny Cash gravou Soundgarden ("Rusty Cage", no disco *Unchained*, acompanhado de Tom Petty) e a clássica "I've Been Everywhere", de Hank Snow. *Ring of Fire – The Legend of Johnny Cash* termina da maneira mais divina possível: um ano antes de June morrer, Cash grava a versão definitiva de "Hurt", a melancolia em forma de música composta pelo Nine Inch Nails. Quatro meses depois de perder a esposa, Cash se foi. Seu legado permanece mais forte do que nunca.

NOTA: 8,5

HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO

TRILHA SONORA. WARNER

Entre as boas surpresas jogadas no quarto capítulo da saga *Harry Potter* no cinema, uma das melhores foi a mudança da trilha sonora. A trilha incidental de Patrick Boyle não pode ser muito diferente do trabalho de John Williams, mas a inclusão das canções da banda fictícia As Esquisitonas deixa o disco com ar moderno e fresco. São apenas três músicas do grupo formado por Jarvis Cocker, Johnny Greenwood, Steve Mackey, Jason Buckle, Steve Claydon e Phil Selway (uma mistura turbinada do Pulp e Radiohead) e cada uma deixa a sensação de que o pessoal não faria feio se lançasse um disco de verdade e saísse em excursão pelo mundo dos trouxas. "Do the Hippogriff" é glam rock bizarro digno de um Strange Fruit (banda falsa do filme *Ainda Muito Loucos*), "This Is the Night" é a versão potteriana de uma música do Franz Ferdinand, dançante e estranha. A última, "Magic Works", é uma balada que supera todo o último disco do Pulp de longe. Queremos mais em *A Ordem da Fênix*. ***R.SI.***

NOTA: 8

KING KONG

TRILHA SONORA. UNIVERSAL

Quando Peter Jackson anunciou a saída de Howard Shore há pouco mais de um mês da estréia de *King Kong*, ninguém imaginaria que James Newton Howard pudesse fazer um trabalho digno de substituir o maestro ganhador do Oscar por *O Senhor dos Anéis*. A mesma situação ocorreu em *Tróia* e a trilha do épico foi um dos piores lançamentos de 2004. A maldição não se repetiu em *Kong* porque Newton Howard foi inteligente ao incorporar muitas características do trabalho de Shore. Sem radicalização, a trilha não perdeu o rumo. Sua profusão de instrumentos de cordas é a melhor parte das composições, principalmente nos momentos mais tocantes. Quando deve pisar um pouco no acelerador, o músico cai um pouco na normalidade e só se recupera quando precisa ser mais introspectivo no horror, carregando com honestidade e precisão o ótimo tema do gorila gigante de Jackson. ***R.SI.***

NOTA: 8,5

THE DARKNESS

ONE WAY TICKET TO HELL. IMPORTADO

Espero que o Darkness tenha aproveitado bem os anos de 2003 e 2004, porque a piada que conquistou a Inglaterra parece ter se esgotado. O metal repleto de falsetes do "Massacration de luxo" funcionou genialmente no primeiro disco, no entanto sofre da síndrome de repetição no segundo. Tirando isso da frente, *One Ticket to Hell* não é ruim, não senhor. A capacidade de construir refrões histéricos para serem cantados por milhares de pessoas está lá e os riffs energéticos das guitarras continuam sem-vergonha e funcionais. "Dinner Lady Arms" pode ser copia de "There's a Thing Called Love", mas o Darkness não está pedindo para você rir de algo, mas sorrir com eles numa fórmula clichê e ainda mais exagerada. Vamos nessa. ***R.SI.***

NOTA: 7,5

NADA SURF

THE WEIGHT IS A GIFT. MONDO 77

O Nada Surf chegou ao auge da fama numa espécie de *The O.C.* musicado. Sua "Popular" serviu para o mundo conhecer a banda nova-iorquina, mas a faixa tratou de estigmatizar o grupo como "artista de um hit só". É uma pena. Em 1998, lançaram um discaço (*The Proximity Effect*) e, de lá para cá, continuam sendo o mais próximo que a América produz de um Teenage Fanclub. *The Weight Is a Gift* mantém a mesma qualidade e serve como produto de apresentação da nova gravadora Mondo 77. Apesar de estar à margem do rock alternativo americano, o disco mereceria até mesmo uma atenção superior à adquirida pelos queridinhos do Death Cab For Cutie (por coincidência e lógica Chris Wallas é um dos produtores do CD). Suas baladas melancólicas combinam com as narrativas bem construídas por Matthew Caws e as faixas mais "rocker" fazem até o Ash se morder de inveja, sem nunca perder a ternura. ***R.SI.***

NOTA: 8,5

BABY-SHAMBLES

DOWN IN ALBION. TRAMA

As drogas já foram responsáveis por vários clássicos do rock. Mas os discos sempre saíam na hora certa. Não foi o caso de *Down the Albion*, do Babyshambles, banda do agora famoso Pete Doherty (ex-Libertines). Em um ano de intervalo entre sua saída do Libertines e a gravação do álbum com o novo grupo, Doherty foi capa de tablóides seguidas vezes, sendo preso por agressão, se afundando nas drogas e, mais recentemente, levando junto a namorada, a modelo Kate Moss – flagrada cheirando cocaína. Os fãs relevariam tudo isso se o rock ganhasse seu bad boy. Mas, no momento que o sujeito deixa platéias por todo o país a ver navios em shows marcados e que nunca aconteceram, o feitiço se volta contra o feiticeiro. Esse caldeirão de desinteresse culmina na feitura do primeiro CD do Babyshambles. Ao contrário do Libertines, o quarteto de Doherty não sabe ter limites, nem mesmo com a produção de Mick Jones (The Clash). Músicas geniais ("Pipedown", "Fuck Forever", "Killamangiro", "Up the Morning") se perdem no meio de um disco longo, caótico e longe do punch dos Eps lançados no ano passado. Ainda vale a pena, mas, desta vez, as drogas foram contra o rock and roll. ***R.SI.***

NOTA: 6,5

DVD MUSICAL

Os garotos do Keane prometem mais sexo, drogas e rock no próximo DVD

KEANE

Banda iniciante mostra a rigidez do show business em DVD polpudo *Por Rodrigo Salem*

STRANGERS. UNIVERSAL

O estrelato parece cada dia mais rápido e fugaz. Há dez anos, uma banda iniciante nunca lançaria um vídeo documentário sobre o primeiro tour pelos EUA, muito menos em edições especiais e incrementadas. O lado bom é que cada um aproveita a fama da maneira mais óbvia, facilitando para o fã instantâneo e gerando lucros para o artista passar para a próxima fase da carreira. Possivelmente, o caso do Keane. A banda inglesa, que surgiu no rastro do Coldplay e Travis (eles só usam piano, voz e bateria e carregam nas baladas adocicadas), aproveita o sucesso do disco *Hopes and Fears* para entregar um DVD maduro e apenas com um defeito: vai faltar material para o futuro. Em *Strangers*, há um documentário detalhado sobre os shows feitos nos Estados Unidos em 2005, com direito a extras interativos bem construídos pelos organizadores dos disquinhos – em vez de um menu central, as opções surgem pelo meio do caminho. Clipes, apresentações ao vivo, cenas do começo de carreira, flagrantes e making of deixam o DVD duplo com uma sensação de estarmos diante de uma banda madura. Pena que não estamos falando de um polêmico Led Zeppelin, mas de bons moços. Bem, profissionalismo não tem idade.

NOTA: 8,5 EXTRAS: 8,5

RADIOHEAD

THE ASTORIA LONDON LIVE. EMI

Era uma vez uma banda chamada Radiohead. Em 1994, seus componentes ainda possuíam cabelos horrorosos, roupas despojadas na moda do grunge e os pés no planeta Terra. Há doze anos, eles ainda não haviam mudado a cara do rock com *Ok Computer*, mas já faziam hits que misturavam o peso do grunge com a melodia do britpop. Tocaram na casa de shows Astoria em maio daquele ano e demonstravam que em pouco tempo se tornariam um dos grupos mais influenciáveis da música, brincando de rock na grudenta "Creep", tecendo baladas estranhas e belíssimas ("My Iron Lung", "Street Spirit") e construindo hits com uma facilidade assustadora ("The Bends", "Stop Whispering"). Esse show, que já existia em vídeo há bastante tempo e adiantava a rejeição a singles fáceis, chega ao DVD meio mofado, mas nunca inútil. O Radiohead de hoje parece uma segunda banda, vinda de outra dimensão – onde seu rock flerta com o jazz, namora o eletrônico e abusa de parábolas espaciais. É como olhar um diamante em estado bruto.

R.Sl.

NOTA: 7,5
EXTRAS: 0

SUPLA

NA LOUCURA. ST2

Muita gente torce o nariz para o Supla por causa de sua origem familiar (dos políticos Suplicy) ou de sua música. Mas o fato é que o sujeito é um guerrilheiro daqueles difíceis de matar e, mesmo não fazendo parte de panelinhas da MPB, consegue sobreviver e ter seu espaço. É um dos últimos artistas por aí que ainda acreditam no sonho do rock, mesmo que ingenuamente. Agora ele ataca com um DVD bem redondinho com show, documentário e clipes. O show é Supla até a medula: punk rock na veia, muita energia e letras divertidas/toscas. Gravada no Hotel Unique, em São Paulo, a apresentação mostra que o cantor ainda sabe divertir seu público. O documentário é uma atração à parte e, se ninguém se interessa por narrar sua história, o próprio Supla conta. Cenas dele tocando bateria em sua primeira banda na adolescência, participação no Chacrinha, no Rock in Rio e até os pais surgem falando do rock, lá nos anos 80. São cenas históricas e importantes para o pop brasileiro. *Na Loucura* ainda tem uns outros extrinhas, mas o documentário já vale por tudo.

Odair Bráz Júnior

NOTA: 7,5
EXTRAS: 7,5

BAND
Prazer em ver.

Sexy

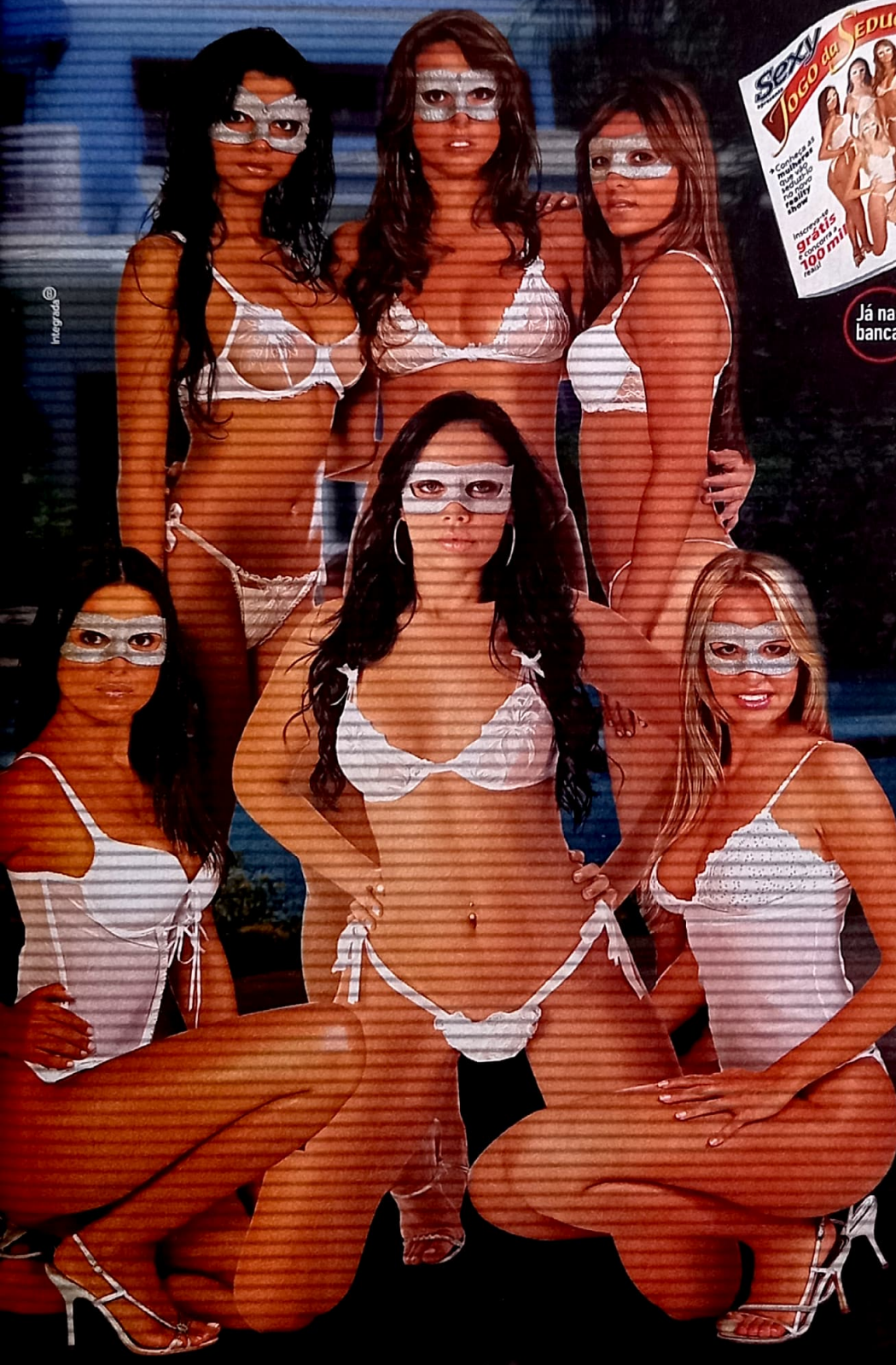
APOIO:
UOL

6 LINDAS MULHERES, 60 DIAS NUM PARAÍSO E 100 MIL REAIS. TUDO ISSO POR R$ 4,90.

Já nas bancas

COMPRE A REVISTA E INSCREVA-SE GRÁTIS PARA O REALITY SHOW MAIS QUENTE DA TV.

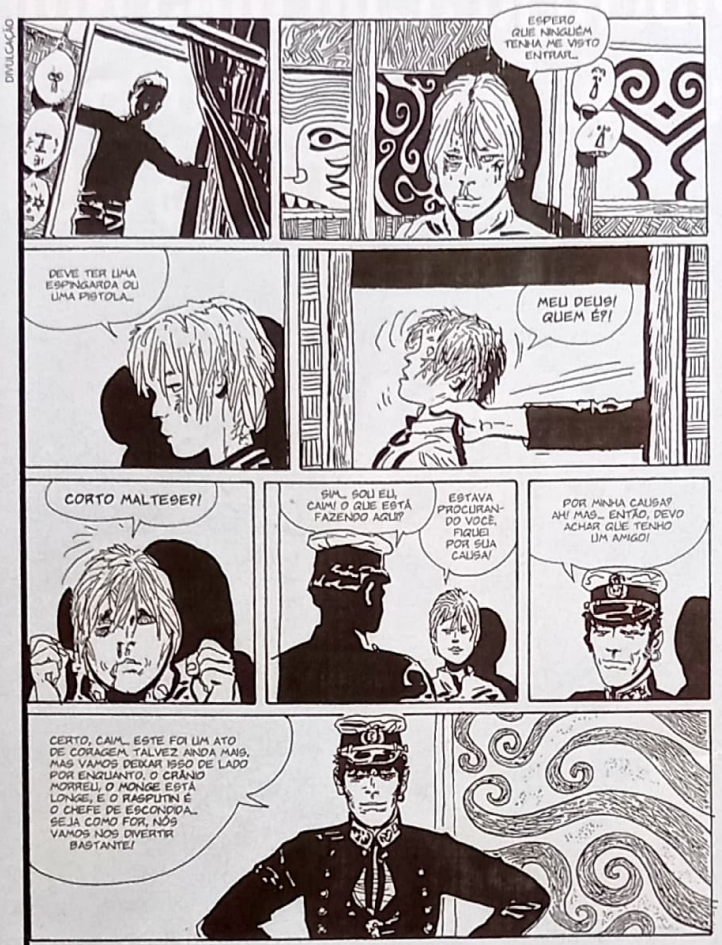
Mulheres e dinheiro. Taí um reality show que você não pode perder. Serão 60 dias vivendo num verdadeiro paraíso, com 6 mulheres maravilhosas e ainda com chance de embolsar R$ 100 mil. Para conhecer estas lindas mulheres é fácil: compre a revista "Jogo da Sedução", por R$ 4,90, ou assine o pay-per-view, através do site, que a inscrição para participar do programa sai de graça. Inscreva-se logo, porque assim como você tem muito marmanjo vendo este anúncio também. Jogo da Sedução é uma criação da revista Sexy e da Band. Saiba mais acessando o site www.jogodaseducao.com.br.



integrada®

NA BAND A PARTIR DE ABRIL.

DIVULGAÇÃO



CORTO MALTESE

Parceria traz clássicos das HQs *Por Rodrigo Salem*

DE: HUGO PRATT; EDITORA PIXEL MEDIA; 169 PÁGS; **PREÇO:** R$ 33,00

A estabilidade da economia e o dólar em patamares aceitáveis começam a render lucros para os fãs de quadrinhos. O último é a criação da Editora Pixel Media, a união entre a poderosa Ediouro e a recém-formada Futuro Comunicação (um braço desgarrado da conhecida Conrad). A parceira entre as duas empresas resultará em mais um novo campo fértil para os quadrinhos de alta qualidade prosperarem pelo Brasil – sempre obedecendo a formatos e papéis de luxo. O primeiro fruto é a republicação de um dos maiores clássicos das HQs mundiais: *Corto Maltese*. O aventureiro criado pelo italiano Hugo Pratt, uma espécie de Julio Verne dos gibis, aparece novamente no Brasil com seu álbum *A Balada do Mar Salgado*, talvez sua saga mais conhecida. O texto simples e, ao mesmo tempo, rico em descrições de Pratt serve como guia para seu nanquim desenvolto, que até hoje é referência em escolas de arte. A Pixel promete lançar todas as obras estreladas pelo personagem, mas o pacote inicial já traz revistas obrigatórias, como *Madman*, personagem psicodélico de Mike Allred; *Thief of Always*, do escritor de horror Clive Barker; *Criaturas da Noite*, de Neil Gaiman; e *Gulivera*, do mestre do erotismo Milo Manara.

NOTA: 9

NÍQUEL NÁUSEA – A PERERECA DA VIZINHA

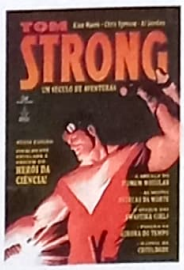
DE: FERNANDO GONSALES; ED. DEVIR; 48 PÁGS.; **PREÇO:** R$ 26,00

Quem não conhece as tiras do Níquel Náusea, boa pessoa não é. Mas ainda há tempo para redenção: a Devir lançou o quarto livro de coletâneas do personagem (e de seu universo) criado por Fernando Gonsales – também responsável por nossa *Sessão Comédia*. O ratinho de tiradas ácidas e a barata viciada em naftalina são pingos d'água no mundo animal hilariante de Gonsales, que deveria fazer uma animação para o *Animal Planet*, agora. Enquanto a idéia não é aproveitada pelos gênios da TV, curta as tiras de *A Perereca da Vizinha* sem medo de Baygon. ***R.SI.***

NOTA: 8

TOM STRONG – UM SÉCULO DE AVENTURAS

DE: ALAN MOORE E CHRIS SPOUSE; ED. DEVIR; 208 PÁGS; **PREÇO:** R$ 45,00



Alan Moore (*Watchmen*) é conhecido por suas tramas intrincadas e complexas. Mas o autor inglês demonstra a variedade de seu talento ao buscar o minimalismo dos antigos pulps em *Tom Strong – Um Século de Aventuras*, uma mistura de Flash Gordon, Superman e Quarteto Fantástico do futuro. A primeira coleção, encadernada pela Devir, vai da origem do herói a tramas aventurescas com referências explícitas aos quadrinhos da era de ouro. É como assistir a um episódio de *Além da Imaginação* estrelado por um ser poderoso e em quadrinhos. ***R.SI.***

NOTA: 8,5

SARGENTO ROCK – ENTRE A MORTE E O INFERNO

DE: BRIAN AZZARELLO E JOE KUBERT; ED. ÓPERA GRAPHICA; 144 PÁGS; **PREÇO:** R$ 49,00

A DC Comics nunca estará completa enquanto o Sargento Rock não encontrar um meio de fazer parte do universo atual da editora de Superman e Batman. Criado nos anos 50 por Bob Kanigher, editor da linha de guerra da DC, Rock é o protótipo do herói de guerra consagrado por Clint Eastwood em seus faroestes: durão, perigoso, mas sempre dono de uma honra irrepreensível. Tudo isso você pode ter um gostinho em *Entre a Morte e o Inferno*, graphic novel que une o roteiro moderno de Brian Azzarello (*100 Balas*) e o traço clássico de Joe Kubert – um dos maiores ilustradores do personagem. Os dois misturam suspense, drama e tiros numa história de assassinato ambientada numa floresta escura da Alemanha em plena Segunda Guerra Mundial, colocando a Companhia Moleza contra seu pior inimigo: ela mesma. Ponto fraco para a desvirtuação do original colorido, publicado por aqui em tom sépia. ***R.SI.***

NOTA: 8

FOTOS: DIVULGAÇÃO

KING KONG

Rei das selvas por um dia *Por Pablo Miyazawa*

FRANÇA/CANADÁ, 2005. **PARA:** PC, PLAYSTATION 2, XBOX, GAMECUBE, XBOX 360. **PRODUTORA:** UBISOFT. **DESENVOLVEDORA:** UBISOFT

Peter Jackson ganhou o status de Midas após o estrago que a trilogia *O Senhor dos Anéis* causou no mundo do showbiz. E não dava para esperar coisa diferente de seu remake de *King Kong*. Não satisfeito em se envolver até o último pêlo de macaco com o longa (e bota longa nisso), o diretor neozelandês também deu pitacos no game inspirado em seu blockbuster: foi ele quem recrutou o bem-cotado produtor francês Michel Ancel para tomar conta do projeto. No game, bastante fiel ao enredo original, o jogador experimenta os dois lados da moeda. Em 60 por cento das missões, controla o pseudo-herói Jack Driscoll com perspectiva em primeira pessoa. No restante, é a vez do símio boa-praça "proteger" a mocinha Ann, com a câmera posicionada em terceira pessoa. Apesar do gigantesco capricho técnico e da fidelidade à obra original (como é praxe, todo o elenco dublou e emprestou aparências às suas contrapartes digitais), *Kong*, o game, sofre de um mal que não atinge sua versão para a telona: a repetição. As missões se assemelham demais umas às outras, o que torna constante a sensação de déjà vu. Poderia ser diferente, já que material de inspiração para um bom jogo é o que não falta. Ao final, surge a possibilidade de salvar Kong de seu destino cruel se atingida uma enorme pontuação. Dada a falta de grandes novidades, o esforço colossal até compensa.

NOTA: 8,5

CIVILIZATION IV

EUA, 2005. **PARA:** PC. **PRODUTORA:** 2K GAMES. **DESENVOLVEDORA:** FIRAXIS

Se os jogos de estratégia estiveram em alta em 2005, o principal culpado foi *Civilization IV*. Como o comandante de uma nação em alerta constante, seu objetivo é gerenciar regimes políticos e econômicos, executar alianças entre os países e até impor religiões à sua população. O nível de complexidade é absurdo, mas se contrapõe à jogabilidade, descomplicada e simples de ser aprendida por qualquer novato no gênero – talvez mais até que o seu principal e mais famoso concorrente, *Age of Empires III*. Pense em uma partida virtual de *War* na madrugada e você terá uma idéia da diversão que está perdendo. *P.M.*

NOTA: 9,5

THE MATRIX: PATH OF NEO

EUA, 2005. **PARA:** PC, PLAYSTATION 2, XBOX. **PRODUTORA:** ATARI. **DESENVOLVEDORA:** SHINY

A proposta de *Path of Neo* é ser o verdadeiro game da trilogia *Matrix*, tarefa que cumpre sem muito esforço. Seguindo de perto o enredo dos filmes e estrelado pelo Escolhido em carne e osso, o jogo está anos-luz à frente do descartável *Enter the Matrix* (de 2003). Neo deve adquirir e aperfeiçoar seus poderes para combater as máquinas, representadas pelo onipresente Agente Smith, em meio a muita pancadaria e efeitos especiais nem sempre eficientes. Um detalhe imperdível é a "conclusão verdadeira", espécie de desfecho alternativo da série criado por Larry e Andy Wachowski. Está à altura do que se esperava, mas, assim como no cinema, fica a amarga sensação de que poderia ser melhor. *P.M.*

NOTA: 7,5

NEED FOR SPEED: MOST WANTED

EUA, 2005. **PARA:** PC, PLAYSTATION 2, XBOX, GAMECUBE, XBOX 360. **PRODUTORA:** ELECTRONIC ARTS. **DESENVOLVEDORA:** ELECTRONIC ARTS

Need for Speed: Most Wanted segue de perto a fórmula consagrada pelos dois games *Underground* lançados recentemente – carrões modificados e competições ilegais pelas ruas de uma grande cidade – adicionando perseguições policiais e corridas diurnas ao pacote. O objetivo continua o mesmo de sempre: vencer rachas e se tornar o piloto mais procurado da cidade, acumulando grana e reputação e galgando degraus na lista dos mais procurados. Entre uma corrida e outra, arruma-se tempo para turbinar o possante e dar um belo trato em seu visual, no melhor estilo *Velozes e Furiosos*. Faltou aquele charminho boêmio dos jogos anteriores, mas fã que é fã nem vai notar. *P.M.*

NOTA: 8

GENÉRICO, PEQUENO E VERSÁTIL

O X-Micro 400 é boa solução para quem procura som de qualidade em um equipamento de proporções reduzidas *Por André Gordirro*

FOTO: DIVULGAÇÃO

Tamanho: cuidado para não perder

PREÇO SUGERIDO: US$ 120 (VERSÃO 1 GB); US$ 81 (512 MB) E US$ 61 (256 MB). **ONDE ENCONTRAR:** WWW.X-MICRO.COM/VIDEOMP3_400.HTM

Com o iPod deitado em berço esplêndido no mercado de tocadores de MP3, os concorrentes se armam de novidades para pegar as migalhas que a Apple deixa cair. Um dos mais versáteis é o X-Micro 400, que combina várias funções: sintoniza FM, grava voz, toca MP3/WMA, permite visualizar fotos e reproduz arquivos de vídeo. Isso sem falar que ainda funciona como drive de memória portátil, podendo armazenar arquivos no limite da capacidade de seus modelos (de 256, 516 Mb e 1 Gb de memória flash, ou seja, sem parte física sujeita aos solavancos na reprodução).

Todo coberto por borracha que evita manchas e arranhões, o X-Micro funciona com uma única pilha pequena do tipo AA (incluída no pacote). O menu é navegado por um pequenino joystick abaixo do visor; nas laterais há botões para reprodução/pausa, equalização e funções específicas. Uma tampinha protege a conexão fêmea USB 2.0, perto do botão de hold que trava o funcionamento do versátil aparelhinho. Acompanha cabo USB e fone de ouvido branco, no estilo iPod.

A instalação é simples: assim que o X-Micro for prontamente reconhecido como um drive externo pelo Windows, o usuário pode arrastar arquivos (fotos, músicas e vídeos) para dentro dele, sem necessidade de organizar em pastas. O menu usa ícones parecidos com os de um celular para acessar os arquivos – caso não encontre algum ele dá a mensagem "não há ficheiros", em português de Portugal mesmo. Em nosso teste tivemos de acessar o site do fabricante e baixar o novo firmware para que o menu do X-Micro ganhasse a opção "vídeos".

Como o X-Micro só lê arquivos de vídeo no formato AMV (padrão bancado pela MTV), convém usar o conversor que vem no CD de instalação do aparelho. Levamos apenas alguns minutos para passar um arquivo de 180 Mb no formato AVI para os enxutos 40 Mb do AMV. Não é necessário passar por nenhum dos percalços comuns à conversão de vídeo, como escolha de frame rate e da qualidade do áudio. O processo é bem simples. Claro que é preciso um exercício de imaginação para assistir a um vídeo em uma telinha do tamanho de uma unha (por volta dos 2 X 1 cm) – mas ao menos ela reproduz 65 mil cores e se vale do ótimo som do X-Micro. Para quem quer curtir fotos, vai a dica: prefira as de close, já que as de paisagem perdem os detalhes em um visor tão pequeno.

É no som, porém, que o X-Micro faz bonito. A reprodução de arquivos MP3 e WMA é perfeita, assim como a sintonia de FM – ambas podem se valer de sete opções de equalização (normal, rock, pop, classical, soft, jazz e double bass, que reforça os sons graves, mas dá uma estourada significativa no pequeno fone de ouvido). Como a gravação de voz é feita em um formato próprio do aparelho, convém usar a ferramenta de conversão do CD de instalação para passar os arquivos para WAV, que podem ser lidos em qualquer PC.

Com tantos recursos num único pacote, o X-Micro é boa solução multimídia portátil, ainda que duas das funções – reprodução de vídeos e fotos – sejam prejudicadas pela telinha muito diminuta.

ENTRE LEITORES

■ Olá, estou precisando entrar em contato com pessoas que queiram vender revistas antigas com matérias com Arnold Schwarzenegger.
Ricardo Aquino
Tel.: (11) 3751-1887
cubanoabada@hotmail.com

■ Vendo milhares de revistas em quadrinhos e de cinema. Quem tiver interesse, me envie um e-mail que mando a relação completa.
Wagner Goiano Sanches
São Paulo-SP
wagnergsanches@ig.com.br

■ Vendo: CDs: *Madonna* (R$ 18,00), *Little Texas – Greatest Hits* (importados dos EUA R$ 20,00), *Rhythm of the Games – 1996 Atlanta Olympic Games Álbum* (com Gloria Estefan, Boyz II Men, Kenny G, etc. R$ 10,00), *Soul II Soul – Volume IV The Classic Singles 1988-1993* (R$ 10,00); *The Never Ending Story* (trilha sonora do filme *A História Sem Fim*, importado do Japão R$ 15,00); *Cyndi Lauper – Hat Full of Stars* (R$ 8,00); *Kansas – The Best of* (importado do Japão R$ 18,00); *Pixies – Doolittle* (importado do Japão R$ 20,00). VHS: *Little Texas – Greatest Hits* (importado dos EUA) e *Bon Jovi – Keep the Faith/The Videos*, ambos a R$ 15,00. Revistas: SET (da edição 87 de setembro de 1994 à ed. 159 de setembro de 2000), várias *Bizz/Showbizz* e *Letras Traduzidas* a R$ 5,00 cada uma. O frete não está incluso nos preços.
Liliam Koga
R. Maracaí, 195 – Jd. Castelo
Londrina-PR
CEP 86027-290

■ Desejo me corresponder com fãs incondicionais que colecionem fotos de Angelina Jolie, Keanu Reeves e Brendan Fraser para troca de idéias e uma grande amizade.
Edson Ferreira
R. Ignácio Descio, 124
Jd. Centenário – Porto Ferreira-SP
CEP 13660-000
Tel.: (19) 8162-4980

■ Gostaria de me corresponder com pessoas solitárias de todo o Brasil que curtam todos os gêneros de filmes, Pedro Almodóvar e tenham o cinema como fiel companheiro.
Ricardo Silva Fraga
R. Maximiliano Carneiro, 301
Luizote I – Uberlândia-MG
CEP 38414-260

■ Quero me corresponder com fãs de Morrissey, que curtam séries como *Six Feet Under*, *Friends* e *Carnivale* e que apreciem o trabalho de atores como Johnny Depp e Ewan McGregor.
Wall Moz Riddle
Travessa Bonifácio, 24
Bonsucesso – Rio de Janeiro-RJ
CEP 21042-090

■ Vendo ou troco DVDs contendo informações (material extra) dos seguintes filmes: *Matrix Reloaded*, *Matrix Revolutions*, *Star Wars – Episódio I: A Ameaça Fantasma*, *Star Wars – Episódio II: O Ataque dos Clones*, *O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel*, *O Senhor dos Anéis – As Duas Torres*, *O Senhor dos Anéis – O Retorno do Rei*, *Alien – Edição Especial*, *Alien³ – Edição Especial*, *Jornada nas Estrelas – O Filme* (versão do diretor), *Jornada nas Estrelas 2 – A Ira de Khan*, *Jornada nas Estrelas 3 – A Procura de Spock*, *Homem-Aranha*, *Homens de Preto 2*, *Independence Day*, *A Ponte do Rio Kwai*. Tenho interesse por materiais relacionados a Neil Gaiman (*Sandman*), J.R.R. Tolkien (*O Senhor dos Anéis*), Hayao Miyazaki (*A Viagem de Chihiro*), *Ghost in the Shell* (*O Fantasma do Futuro*), revista *Premiere* Portugal.
Ana Lúcia Mota Dutra
R. Senador Carlos Jereissati, 200
Planalto – Fortaleza-CE
CEP 60511-640

■ Se você tem o álbum *Baby One More Time* da Britney Spears de preferência com encarte e CD em boas condições, entre em contato comigo. Troco por álbuns de Black Eyed Peas, Pitty ou Rouge, todos em ótima condições. Se você simplesmente gosta da Britney ou de Harry Potter, escreva também ou mande um sms.
Anderson Magaiver
Av. Júlio de Castilho, 5333 – Jd. das Reginas – Campo Grande-MS
CEP 79100-005
Tel.: (67) 9243-0815
turbinadissimo@bol.com.br

■ Sou maluco por cinema e gostaria de conhecer pessoas que, como eu, não dispensam um bom longa. Tenho grande paixão por filmes de suspense, ação e terror (um bem-feito, pois fitas como *A Névoa* assustam pela baixa qualidade). Meus filmes preferidos são: *Clube da Luta*, *Identidade*, *Kill Bill* e outros.
Bruno J. Santos
Camaragibe-PE
brunojs704@gmail.com.br

■ Publiquem meu fotolog, que é só para cinéfilos enlouquecidos como eu:
www.flog.festanet.com.br/setimaarte
Cândido Matos Moreira Neto
Fortaleza-CE
neto_baggins@hotmail.com

■ Vendo 62 números da revista *Cinemin*, editados no período de outubro de 1984 a abril de 1992, com centenas de fotos dos longas realizados nesse período e filmes antigos. Preço a combinar.
Roberto R. da Fonseca
Quadra 02, casa 123 – Setor Oeste
Gama-DF
CEP 72425-020
robertof38@hotmail.com

■ Estou procurando um exemplar do livro *Cinema Falado* de Renzo Mora, que está esgotado na editora. Se algum leitor de SET tiver e quiser disponibilizá-lo, por favor estou disposta a comprar.
Eliana
Jundiaí-SP
moreiraeliana@aol.com

■ Tenho 23 anos e me perturba a realidade de não conhecer uma princesa que curta a mesma coisa que eu (cinema!). Se você é essa pessoa e está na situação parecida, me escreva. Não importa cor, idade, altura, peso ou credo. O importante é gostar de cinema.
Ricardo Riccelli
R. Barão de Ibiapaba, 1388-A
Cigana – Caucaia-CE
CEP 61605-180

■ Gostaria de me corresponder com fãs de animes, mangás e Harry Potter. Prometo responder a todos!
Leandro Mageste
R. Jose Libanio Rodrigues, 70
Bandeirantes – Juiz de fora-MG
CEP 36047-000
leandromageste@hotmail.com

■ Oi, leitores. Tenho materiais, pôsteres e CDs para trocar. Aceito qualquer tipo de material de Angelina Jolie, Julia Roberts, Dakota Fanning, Colin Farrell, Lindsay Lohan, Hugh Jackman, Jessica Alba, Bryce Dallas Howard, Freddie Prinze Jr., Luke Wilson, *Smallville* (Tom Welling) e Natalie Portman. Tenho para trocar pôsteres, CDs e materiais de Will Smith, George Clooney, Jim Carrey, Antonio Banderas, Tom Hanks, Nicolas Cage, Arnold Schwarzenegger, Pierce Brosnan, Leonardo DiCaprio, Harrison Ford, Adam Sandler, *Os Simpsons*, *Arquivo X*, Cate Blanchett, Gisele Bündchen, Kate Winslet, Madonna, Penélope Cruz, Sandy e Junior, Hilary Swank, Charlize Theron, Halle Berry, Uma Thurman, Mônica Bellucci e muitos outros. Quero me corresponder com quem gosta de cinema para discutirmos filmes. Escrevam todos os interessados. Cem por cento de respostas.
Júnior Cândido da Silva
R. Antonio Gonzaga, 1496
Centro – Pérola-PR
Tel.: (44) 3636-2360
CEP 87540-000

■ Sou Suelen Cristina, de Belém do Pará e simplesmente AMO esta revista. Sou fã do maravilhoso ator Bruce Willis e tenho encontrado dificuldades em achar outros fãs dele. Peço que me coloquem em contato com outros fãs do ator para que possamos nos comunicar. Também tenho material de outros atores nacionais e internacionais para trocar por fotos do Bruce.
Suelen Cristina Nino Fernandes
Belém-PA
euamocinema@yahoo.com.br

■ Vendo VHS selados e em perfeito estado dos seguintes filmes Disney: *Tarzan*, *A Bela Adormecida*, *A Dama e o Vagabundo*, *Vida de Inseto*, *Cante com Disney*, *Branca de Neve e os Sete Anões* e *Mogli* por R$ 25,00, cada um. O lote todo, R$ 150,00. Em ambos os casos, o porte postal está incluído.
Vera Cintra da Silva
R. João Batista Pereira, 131
Butantã – São Paulo-SP
CEP 05596-090
pmantovi@uol.com.br

■ Sou fã de Colin Farrell e gostaria que pessoas que tenham materiais dele entrassem em contato comigo. Gosto também de Orlando Bloom e tenho vários matérias para troca: Leonardo DiCaprio, Nicole Kidman, Catherine Zeta-Jones, Julia Roberts, Bruce Willis, livro-pôster do filme *Titanic*, Tom Cruise, das cantoras Madonna, Britney e Christina Aguilera, atores e cantores nacionais. Por favor, escrevam.
Patrícia Regina
R. Barbacena, 58 – ap. 32 B
Cohab 5 – Carapicuíba-SP
CEP 06329-020

■ Sou colecionador de fotos de atores e atrizes do cinema mundial. Sou fã dos atores e atrizes de cinema da década de 60/70. Gostaria de obter para minha coleção particular as fotos dos seguintes atores do cinema italiano: Anna Maria Polani, Mikaela Wood, Aishe Nana, Monica Brugger, Barbara Loy, Nucia Cardinale, Dianik Kurakovska, Patrizia Del Frate, Ingrid Schoeller, Isabella Savona, Maria Teresa Orsini, Rita Klein, Mila Stanic, Maria de Aragon, Ursula Davis, Dea Flowers, Dina de Santis, Enzo Cerusico, Jerry Wilson (Roberto Miali), Jerry Ross, Mirko Ellis (Mirko Korcinsky), Nadir Baltimore, Pajarito (Manuel Muniz), Pepe Calvo, Robert Mark (Rudolf Zehetgruber), Yan Larvor (Yann L'Avor), Roland Carey. Fotos somente para minha coleção particular, pois coleciono desde meus 14 anos, hoje tenho 53 anos.
Antonio José Nepomuceno
nepusa@uol.com.br

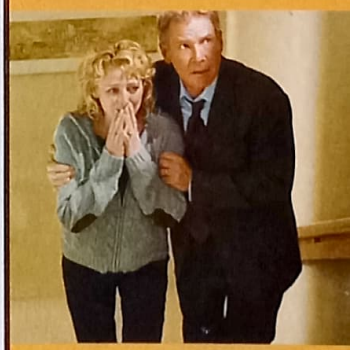
■ Possuo materiais de diversos atores, filmes e séries e gostaria de trocar por materiais das séries *Smallville*, *Os Gatões* e *Bonanza* e do ator John Schneider.
Juliana Duarte
R. Machado de Assis, 90
Jd. Progresso – Franco da Rocha-SP
CEP 07853-109

■ Olá, cinéfilos do Brasil. Procuro novos amigos que além de filmes de terror, drama, comédia e ficção científica gostem também de colecionar selos postais.
Evandro Saldanha
R. Des. Licurgo Nunes, 13
Centro – Marcelino Vieira-RN
CEP 59970-000

PRÓXIMAS ATRAÇÕES

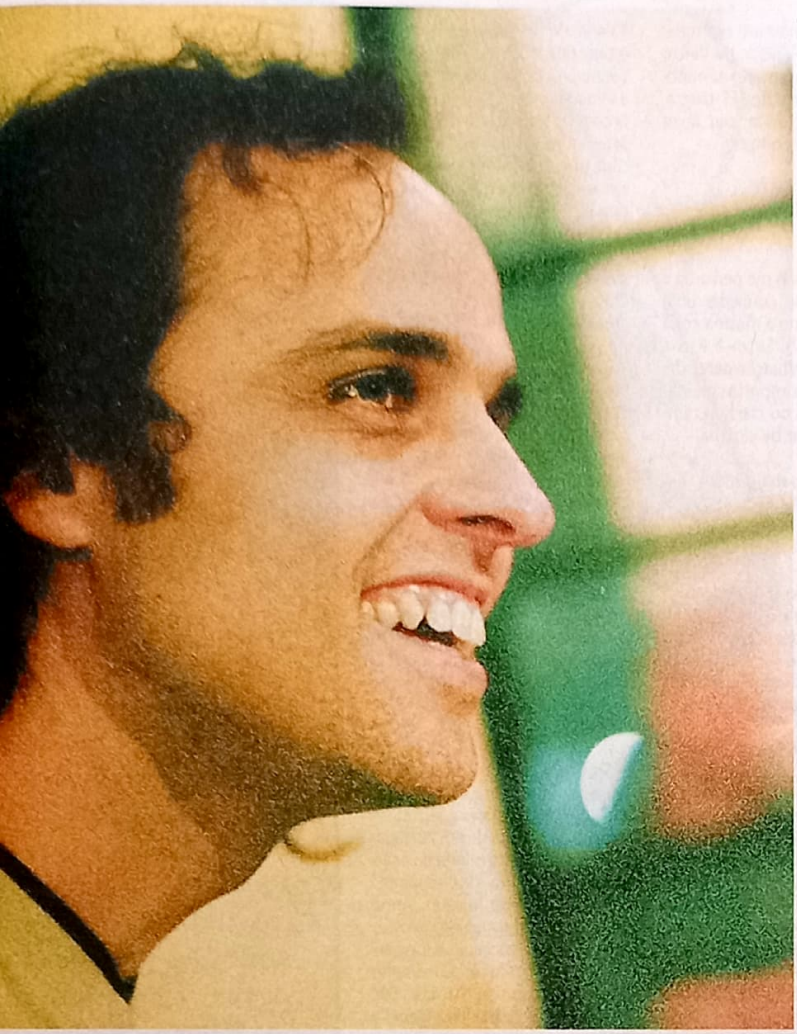
ANJOS DA NOITE: EVOLUÇÃO

Kate Beckinsale volta como a vampira Selene na continuação anabolizada do sucesso de 2003. Desta vez, ela e Scott Speedman terão de combater o mestre de todos os vampiros (não, não é um certo conde romeno...)



FIREWALL

Depois de uma ausência de três anos, Harrison Ford retorna aos cinemas neste thriller. Ele é um especialista em informática correndo contra o relógio para salvar sua família



DIVULGAÇÃO

beto brant

Figura carimbada no circuito cult, Beto Brant faz filmes brasileiros que dão certo. O interessante é que, embora discutam problemas sociais prementes (um fator obsessivo de nossa cinematografia, para o bem e para o mal), longas como *Os Matadores*, *Ação entre Amigos* e *O Invasor* têm o que o próprio cineasta define como "sobrevida". Ou seja: permanecem válidos anos após estrearem, protegidos da ação do tempo por suas temáticas populares, narrativas ágeis e diálogos críveis, que dão o recado sem recorrer à pieguice ou abusar de clichês. Brant começou o ano surpreendendo com uma obra que foge ao seu estilo convencional, adotando uma estética e um ritmo peculiares para discutir – sem julgar – o clássico conflito entre razão e instinto, instaurado na psiquê de um crítico teatral vivido por Marco Ricca. Às vésperas do lançamento de *Crime Delicado*, o diretor conversou com SET sobre a evolução de sua carreira, seu método de filmar e a polêmica que seu novo longa irá provocar.

Crime Delicado é um filme diferente em sua filmografia – a começar do ritmo, que é mais introspectivo. A obra é o limiar de uma nova fase em sua carreira?

Todos os meus filmes são feitos para dialogar. Não julgo os personagens, prefiro que o espectador tome partido com base em seu próprio repertório sobre certas condutas e situações. *Crime Delicado*, logicamente, radicalizou nesse sentido, adotando caminhos mais subjetivos. É um filme que adorei fazer, já que contei com excelentes colaboradores – como o roteirista Maurício Parone, que é diretor de teatro e tem uma experiência intelectual altamente sensível, e Marco Ricca, que me apresentou ao livro original e praticamente construiu seus diálogos.

O longa é baseado em um romance de Sérgio Sant'anna. O que diferencia o livro da versão filmada?

O romance verticaliza na consciência dos personagens, o que é difícil traduzir em imagens. Logo, precisamos dialogar com a pintura e com o teatro para chegar a uma linguagem cinematográfica que ilustrasse os estados de espírito do protagonista. Não tentamos reproduzir o que era narrativo – o resultado teria sido raso. Preferimos reconstruir as cenas.

Seus filmes são referenciais para o mercado brasileiro em um quesito importante: os diálogos. Um dos calcanhares-de-aquiles de nossa cinematografia é que os discursos, muitas vezes, parecem pobres e artificiais. Por que isso não acontece em seus longas?

Primeiramente, é preciso ter um roteiro bom. Além disso, costumo escalar atores por entrevista – prefiro trabalhar com gente que me proponha coisas que eu mesmo posso não ter notado em um projeto. Permito que o atores reinventem seus diálogos com base em seu próprio modo de ser e em idéias sobre o filme.

Dizem que você tem uma relutância em trabalhar com as grandes distribuidoras. Acha que o "esquemão" pode cercear sua liberdade criativa?

Eu já dialoguei com as grandes produtoras – não tenho nenhum problema em trabalhar com elas. O conflito só começa a ocorrer quando há uma intervenção nos roteiros, que, às vezes, são desenvolvidos ao longo de um ano e são o ponto de partida dos longas. Não quero ter de entrar em acordo com distribuidores para fazer meus filmes. Não gosto que tentem me enquadrar.

Como será feita a distribuição de _Crime Delicado_? Aparentemente, a distribuição é um dos maiores empecilhos para o realizador nacional, pelo custo do processo.

Vamos lançar o filme com quatro cópias – duas em São Paulo e duas no Rio. Mas, já a partir de 17 de fevereiro, o longa será exibido em outras praças por meio de um circuito de exibição digital. Com isso, *Crime Delicado* será visto pelos públicos de Fortaleza, Brasília, Porto Alegre e outras localidades simultaneamente à exibição no eixo Rio–São Paulo.

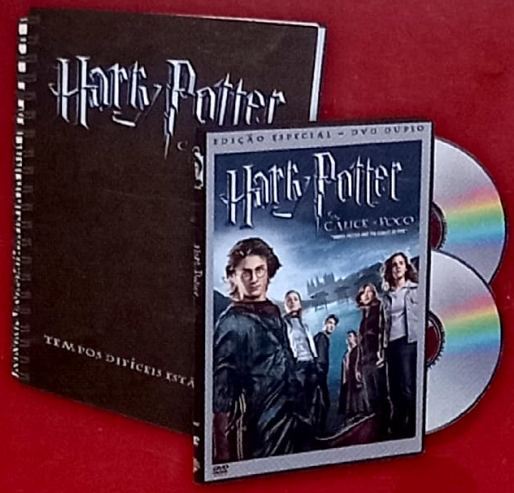
Você pensa em fazer televisão?

Não. É muito difícil ter liberdade nesse segmento, a menos que você tenha uma carreira longa. Além disso, meu tempo estará ocupado, nos próximos cinco anos, com outros projetos pessoais. Um é a adaptação de um livro de Daniel Galera, *Até o Dia em Que o Cão Morreu*, que estarei filmando este semestre em Porto Alegre. Depois, quero filmar o novo livro de Marçal Aquino, *Eu Receberia as Piores Notícias de Seus Lindos Lábios*. Não é que eu desdenhe a TV – senti uma enorme satisfação quando *Os Matadores* e *O Invasor* foram exibidos. Mas, neste momento, quero me dedicar mais a esses projetos.

Eduardo Torelli

AMERICANAS.com DVDs

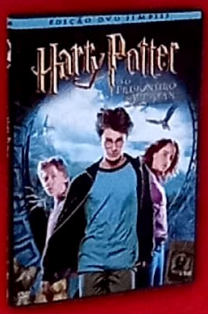
Harry Potter



DVD Harry Potter e o Cálice de Fogo (Duplo) **+ Caderno**
De: R$59,90
Por: R$49,90
Em 2x de R$24,95

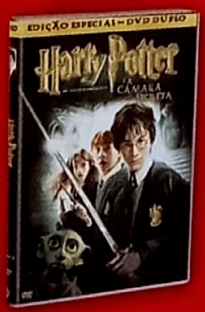
DVD Harry Potter Edição Premium 8 DVDs
De: R$139,90
Por: R$129,90
Em 10x de R$12,99

DVD Harry Potter e a Câmara Secreta (Simples)
De: R$24,90
Por: R$19,90



DVD Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban (Simples)
De: R$24,90
Por: R$19,90

DVD Harry Potter e a Pedra Filosofal (Simples)
De: R$24,90
Por: R$19,90



DVD Harry Potter e a Câmara Secreta (Duplo)
De: R$54,90
Por: R$34,90

DVD Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban (Duplo)
De: R$54,90
Por: R$34,90

DVD Harry Potter e a Pedra Filosofal (Duplo)
De: R$54,90
Por: R$34,90

DVD Harry Potter Edição Especial - 6 DVDs
De: R$99,90
Por: R$89,90
Em 10x de R$8,99

Acesse: www.americanas.com.br

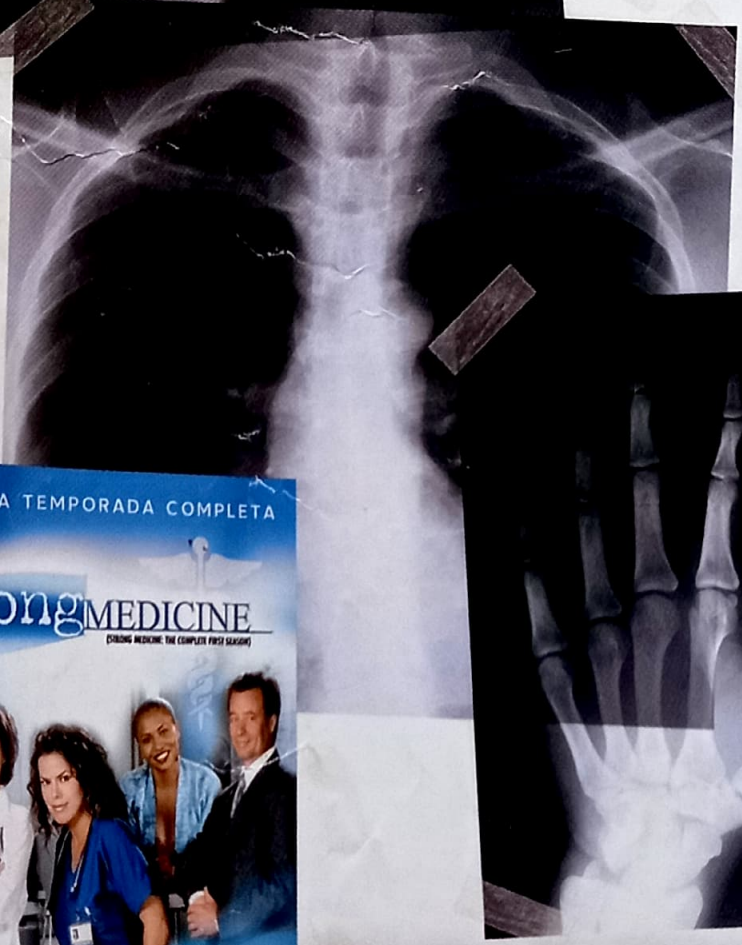
Compre também pelo telefone: **4003 1000****

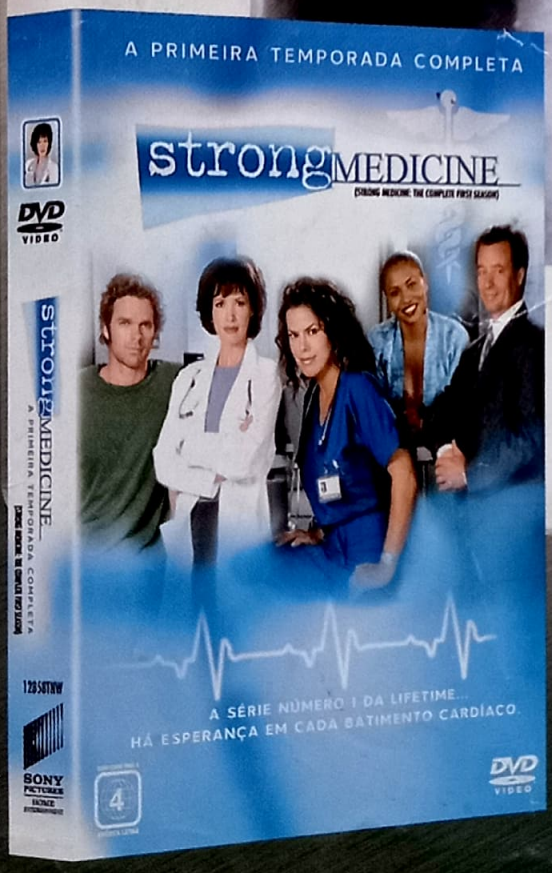
Intelig Telecom

Ofertas válidas para compras feitas pela internet ou telefone, até 10/03/2006, ou enquanto durarem nossos estoques. O produto pode esgotar-se antes do prazo previsto, já que os anúncios são feitos com grande antecedência. As fotos constantes neste anúncio são meramente ilustrativas. Todo site em 12 x sem juros - Somente no cartão de crédito, com parcela mínima de R$ 20,00, e exceto para produtos SONY, HP e TIM. Frete grátis nas compras acima de R$ 399,00 para entregas em todo Brasil - Para os departamentos de Eletrodomésticos e Eletroportáteis FRETE GRÁTIS VÁLIDO SOMENTE para as entregas nas regiões SUL e SUDESTE. ** Caso sua cidade não tenha acesso ao serviço 4003, favor ligar (21)3479-2266. Garantimos o mínimo de 10 itens por produto. Frete não incluso. Horário de Atendimento Televendas: 24 horas de 2ª a domingo, inclusive feriados. *O serviço 4003 tem custo de ligação local + impostos locais, conforme o Estado de origem para telefones fixos, e custo de ligação + impostos locais para celulares, conforme a operadora, a serão cobrados na conta telefônica

GREY

Os especialistas advertem: intriga em hospital pode provocar 982 minutos sem sair do sofá.





Episódio piloto + 21 episódios • 982 minutos • 5 discos

Duas médicas. Duas cabeças diferentes. 22 episódios de mexer com os nervos. Dos produtores executivos Whoopi Goldberg e Tammy Ader, chega em DVD a mais duradoura série original da Lifetime. Compre o seu.

www.sonypictures.com.br

SONY PICTURES HOME ENTERTAINMENT

© 2000, 2001 Columbia TriStar Television Distribution. Todos os Direitos Reservados.